

29º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

CLAUDIA - Eu me assustei do senhor passar três dias sem aparecer aqui e sem telefonar e comecei a procurá-lo.

TÉCNICA - EXPLOSAO MUSICAL DE SUSTO.

PETRONIO - (AFOBADO) Começou a procurar-me? Onde? Onde?

CLAUDIA - Bem... Telefonei ao Hotel, o senhor não estava. Telefonei ao club de xadrez, o senhor também não havia aparecido lá. Telefonei aos seus amigos mais íntimos, com quem o senhor costuma se reunir à noite e nenhum deles sabia do senhor. Tinha havido aquela história daquele homem, desesperado para encontrá-lo... o homem não dizia quem era... o senhor compreende... eu fui ficando aflita... fui ficando nervosa e fui sentindo a necessidade de saber onde o senhor estava.

PETRONIO - (PREOCUPADO) Diga-me uma coisa que, no momento, é só o que me interessa saber: da minha casa telefonaram me procurando?

CLAUDIA - (PARA GANHAR TEMPO) Da sua casa...

PETRONIO - Sim, da minha casa. Responda logo; procuraram, ou não procuraram?

CLAUDIA - Eu estou justamente pensando, porque não me lembrô, seu Petrônio. Eu estava tão estonteada... Parece-me que não. Não guardo a menor lembrança.

PETRONIO - Mas eu precisaria que ~~XXX~~ a senhorita me respondesse com absoluta certeza: sim, ou não.

CLAUDIA - Se isso é tão importante para o senhor, eu lamento profundamente que o susto tenha me estonteado tanto, a ponto de perturbar a minha memória. Não posso responder-lhe com a precisão que o senhor deseje e que eu gostaria, porque estaria arriscada a nebtir e isto eu não quero fazer.

PETRONIO - Na minha casa não devem saber que eu estive afastado da cidade e, menos ainda em que lugar estive. Isto é muito importante.

CLAUDIA - Mas como poderia eu dizer a alguém o lugar onde o senhor esteve, si eu mesma não sei? Bastará, portanto, que oculte também de mim e não correrá o risco de que eu possa dizer a alguém.

PETRONIO - Você sempre foi uma secretária cumpridora e criteriosa, não faria nada para trair a minha confiança, tenho certeza. Bem, senhorita Claudia, agora veja se há alguma coisa urgente para assinar ou decidir, que eu estou aflito para ir ao Hotel tomar um banho e mudar de roupa.

CLAUDIA - Tudo que tem pode esperar que o senhor primeiro tome seu banho e troque de roupa.



PETRONIO - Então é o que eu vou fazer agora, depois passarei na garagem para mandar levar o carro e à tardinha estarei aqui, novamente. Se antes disser precisar de mim, já sabe onde encontrar-me.

CLAUDIA - Sei, sim senhor.

PETRONIO - Até logo, então.

CLAUDIA - Até logo, seu Petrônio.

C/REGRA - PASSOS DE PETRÔNIO QUE SE APASTAM E SOMEM.

CLAUDIA - Por que será que ele faz tanto empenho em esconder da família o lugar onde esteve e a família, por sua vez, faz um empenho ainda maior em descobrir esse lugar? (PAUSA E TOM) Não sei, mas se o dever me impõe que eu seja leal a ele, o coração me pede que atenda ao pedido de Dona Eugênia. (PAUSA) Já sei como é que vou proceder: não farei absolutamente nada para descobrir onde seu Petrônio foi, mas se por acaso chegar a sabê-lo, falarei com dona Eugênia e direi a ela.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DE CENA.

RODRIGO - Sabe que Vóvó foi visitada pelo Delegado, quem está entregue o caso de Luizinho?

LEILA - Não diga! Ela estava mesmo desejando estabelecer um contato com ele. Deve lhe ter dito muitas verdades, não?

RODRIGO - Se disse! Ela me contando, eu cheguei a achar que Vóvó até se arriscou. Mas disse que ele não perdeu a linha.

LEILA - Também... era só o que faltava! Sua avó é uma senhora idosa. Proceda lá como proceder, ninguém terá o direito de faltar-lhe ao respeito.

RODRIGO - Mas Vóvó abusou dos direitos que velhice lhe concede e chegou a dizer que papai estava comprando "muito gente boa". Imagine.

LEILA - (sorrindo) E ele? Não reagiu?

RODRIGO - Disse que nesta altura abespinhou-se um pouco e pediu <sup>o</sup> um endereço certo para as palavras que Vóvó havia acabado de dizer-lhe. Ele então, que não é tolo, respondeu-lhe, apenas, que havia falado em tese e que quem se julgasse atingido que enfiasse o barrete.

LEILA - Se o delegado procurou sua avó hoje, seu pai deve ter chegado de tal viagem. Breve deve estar dando sinais de vida lá por casa. Você sabe que ele andou procurando falar com mãe?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE GRANDE SUSTO.

RODRIGO - Não me diga! E eu que pensei que ele houvesse desistido de nos perseguir? Mas quando foi isto que você não me disse?



- LEILA - Foi antes dessa tal viagem, mas felizmente Belmira desconfiou que fôsse ele e mentiu-lhe que mãe não estava.
- RODRIGO - E por que você não me disse logo, Leila, para eu estar prevenido?
- LEILA - Que adiantava? Você ia ficar preocupado esses dias todos, sem poder adiantar coisa alguma. Nem era para lhe ter dito. Foi bobagem minha.
- RODRIGO - Não, não foi bobagem, não. É sempre melhor a gente estar prevenido. Mas que será que ele quer com sua mãe?
- LEILA - Com certeza o que não conseguia comigo. Vai procurar intrigá-lo com ela, com certeza. Ele deve ter ficado sabendo que mãe não estava muito de acordo em que nós reatássemos o noivado.
- RODRIGO - Mas sabendo como? Quem poderia contar-lhe?
- LEILA - Não sei, mas o que pude observar é que tudo que se conversa na casa de sua avó, ele acaba descobrindo.
- RODRIGO - Neste caso... só pode ser Jussara, a empregada que ficou no lugar de Catarina que, de repente, sumiu de lá.
- LEILA - Não sei... a gente não tem o direito de duvidar dos outros assim, sem mais nem menos, mas tudo que você me conta que soube em casa de sua avó, seu pai, mesmo sem ir lá, acaba falando no fato. Isso já aconteceu tres ou quatro vezes. É muita coincidência, não lhe parece?
- RODRIGO - É... deve ser Jussara, sim. Já uma vez a surpreendi junto à porta do quarto, com toda certeza, vejo agora, escutando o que conversávamos. Vou alertar Vóvó neste sentido. (Pausa e Tom) Mas afinal, que disse meu pai à Belmira? Por que razão ela desconfiou que fôsse ele?
- LEILA - Ele já tinha estado lá falando comigo, portanto ela já conhecia a voz de le. Achor parecida. Além disto, quando ela disse que mãe não estava, e que eu poderia atendê-lo, ele ficou todo atrapalhado e apressou-se em dizer que não, que comigo não queria falar, que o assunto não me interessava e uma série mais de evasivas. Depois disto tornou a telefonar. Atendi eu. Também me pareceu reconhecer-lhe a voz. Mas quando ele sentiu que era eu que estava do outro lado do fio, cortou logo a conversa e desligou. Agora, com a sua ausência, a telefone cessou de procurá-la. Vamos tirar isso a limpo amanhã ou depois. Se a brincadeira recommençar, não precisamos ter mais nenhuma dúvida que é ele.
- RODRIGO - Está claro, mas de todo modo o melhor de tudo era procurar evitar que ele conseguisse falar com sua mãe.
- LEILA - Pois não temos feito exatamente isto?



RODRIGO - É melhor. Ela já tem o pé atrás comigo, qualquer mentira mais que ele dissesse a ela, poderia vir e prejudicar-nos. E eu tenho muito medo de perder-te, querida.

LEILA - Não há mais o que recear, meu amor. Eu agora confio plenamente em ti e isto é o essencial.

RODRIGO - Vocês devem evitar, o mais possível, que dona Silvia atenda o telefone.

LEILA - Ela não atende nunca. Quando está em casa, está no seu atelier de cerâmica que é lá no quintal e ninguém consegue arrancá-la, mormente para atender o telefone. Por isso esteja tranquilo. Seu pai, só por muito azar nosso, conseguirá falar com minha mãe.

TECNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DE CENA.

CORÁLIA - Eu fiquei muito preocupada com as recomendações de tio Luiz a respeito de Luizinho. Tanto mais que ele disse <sup>que</sup> a avó do garoto é uma mulher perigosa.

IRACEMA - Você já está começando a se preocupar em vão, Corália. Pois ele não lhe disse <sup>também</sup> que a senhora não sabe nem que ele viveu, quanto mais para onde?

CORÁLIA - Pois é, mas você sabe como é o diabo, quando se mete nas coisas.

IRACEMA - Mas afinal qual é o medo que você tem?

CORÁLIA - Qual é o medo?! Ora essa! O medo de me afeiçoar a ele, naturalmente e de pois, por artimanhas do diabo, vir a perdê-lo e sofrer. Você acha que é bom sofrer? Eu não acho.

IRACEMA - Qual nada! Deixe isso pra lá. O garoto veio encher nossa casa de alegria e nós não devemos turvã-la com receios pueris! Vamos tratar de gozar o presente e agradecer a Deus a dívida que nos enviou do céu. Você já reparou como ambas nos animamos depois que passamos a ter uma finalidade em nossas vidas?

CORÁLIA - Bem, eu posso dizer, sem receio de errar que me sinto como se houvesse nascido de novo e os desgostos passados ainda não me houvessem atingido.

IRACEMA - Eu não diria que sinto precisamente isto, mas tenho também a impressão de que rejuveneci. Em vez de uma mulher de trinta anos, parece que vivo em mim uma moça de vinte. Mais entusiasmo, mais vigor, mais alegria e mais ânimo. Esse garoto foi, realmente uma bênção. Não há o que contestar. E se Deus, na sua infinita sabedoria e bondade, houve por bem nos conceder essa bênção, não irá agora permitir que Satanaz a destrua.

CORÁLIA - É... foi bom que você me dissesse essas coisas, mana. Elas me animaram. Eu estava tão acovardada... tão medrosa... Não sei porque vi um tal medo nos olhos de tio Luiz Henrique, quando se referiu à avó do garotinho,



CORALIA - (CONTINUAÇÃO) que esse medo, sem que eu quizesse, me contaminou. Passei o dia todo nervosa e assustada.

IRACEMA - Pois agora trate de deixar pra lá o seu medo e botar o coração à larga. Você pensa que se entregar o garotinho de volta a tio Luiz Henrique e que si êle for morar longe de nós, você terá fugido ao que Deus lhe tiver destinado? Não creia, mana. As coisas darão volta e, por outros caminhos, as mesmas apreensões virão torturar-nos. E é por isso que se diz que não se bota na porta dos outros aquilo que se tem que passar.

CORALIA - Isto mesmo, mana. Você tem razão. Não se bota, realmente. Aquilo que Deus determina, por mais que queiramos fugir, acaba sempre por ser cumprido.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA FINAL DA 1ª PARTE DO CAPÍTULO

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - MÚSICA DE ABERTURA PARA A SEGUNDA PARTE DO CAPÍTULO.

TEREZA - (irônica) Que disse ontem a clarividente Catarina, de volta da reunião na tenda dos "Filhos de Jesus"?

EUGENIA - Disse que continuam investigando, com toda a cautela, para localizar o meu filho, sem prejudicá-lo.

TEREZA - Se os trabalhos da tenda são assim tão superiores e guiados por Deus, como êles dizem, não havia necessidade de demorarem tanto para salvar uma inocente criança das garras de seus inimigos.

EUGENIA - Eles dizem que tudo tem o seu dia e a sua hora e que não chegou ainda o momento da redenção.

TEREZA - Mas se tudo tem o seu dia e a sua hora, com ou sem os trabalhos da "tenda" quando chegar a hora de Luizinho aparecer, êle aparece mesmo. Não é necessário que dona Catarina fique fazendo onda, indo e vindo da tal tenda para cá e vice-versa, para fingir que está ajudando uma coisa que, de qualquer maneira e pela própria teória deles, na hora H será resolvida naturalmente, quer intercedam, quer não.

EUGENIA - Tereza, eu sempre ouvi dizer que o pensamento é uma força e uma corrente formada por várias pessoas, com a mesma motivação, é uma força ainda XXXIX maior. Si essa força for empregada no sentido de ajudar a solução de um caso difícil, eu creio que possa, pelo menos, abreviar essa solução.

TEREZA - Pois eu não creio que o pensamento dos homens possa alterar as disposições de Deus. Formem êles a corrente que formarem, as coisas acontecerão como determinar o Pai Celeste, no tempo que Ele tiver estabelecido.

EUGENIA - Eu não posso discutir com você, Tereza. Temos pontos de vista totalmente opostos.



TEREZA - Mas não tínhamos, antes. Pelo contrário. Líamos, as duas, pela mesma cartilha. Depois que dona Catarina veio para esta casa e começou a doutriná-la e ~~o~~ procurar arrastá-la para um caminho diferente, é que a senhora se afastou de mim, porque eu continuei andando, sempre, no caminho do bem e da verdade.

EUGENIA - Você quer dizer, com isto, que eu tenha me afastado do caminho do bem e da verdade, Tereza?

TEREZA - Na minha opinião, tem. Sim, porque eu não posso admitir essa coisa de uma pessoa ficar se equilibrando no centro de uma gangorra, sem que ela pende para um lado ou para outro. Na minha opinião, a gente, simplesmente, é ou não é. Ficar eternamente entre as duas forças, é que não pode ser. E a senhora quer ver como eu lhe proveo que tem se afastado da verdade?

EUGENIA - Gostaria que me provasse, Tereza.

TEREZA - É simples. A senhora acredita muito mais na eficácia das macumbas de dona Catarina, do que no poder das preces que rezo, <sup>na Igreja</sup> diariamente, na hora das Ave Marias, ~~mesmo quando~~ desde que Luizinho desapareceu, não é verdade?

EUGENIA - Não... eu não posso dizer que acredito mais...

TEREZA - Acredita, sim. Eu sinto claramente que a senhora acredita. E isso o que é que demonstra? Que a senhora se inclina mais para lá do que para cá. Então se a verdade está comigo e a senhora se inclina mais para o outro lado, é lógico que está se afastando dela.

EUGENIA - Não, não é assim. Você não está julgando os fatos como eles realmente são.

TEREZA - (corta) Não é preciso mais nada. Há quanto tempo não assiste a uma missa? Há quanto tempo não comunga e não confessa? A senhora que fazia tudo isto semanalmente e muitas vezes, até, mais de uma vez por semana? Contou ao Padre Crispim que pagou Catarina para fazer um despacho que trouxesse de volta o seu filho? Não contou, é claro. E por que não contou? Para não ter que se confessar em pecado. Não, dona Eugênia a senhora está errada. Seu erro é facilmente desculpável, porque ele nasceu do seu extremo desespero e da ansia incerta de ver voltar, mais depressa, o filho querido que lhe foi roubado. Mas agora, que a senhora já pode ver que eles nada fizeram e nem poderão fazer, é tempo de voltar o seu pensamento para Jesus, ~~mesmo~~ pedir-lhe perdão pelo seu afastamento e dedicar-se de corpo e alma à Igreja, como única e exclusiva solução para as suas angústias e os seus pezares.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL DE GRANDE EFEITO, PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.



RODRIGO - Papai já recomeçou as suas ofensivas contra nós.

ARABELA - Como assim?

RODRIGO - Tem telefonado para a casa de Leila, procurando falar com dona Sílvia.

ARABELA - Será possível que esse homem não perca essa mania de perseguir você?

RODRIGO - Até agora, pelo menos, não perdeu. O que nos valeu... (corta. Tom) Espere um pouco. Deixe-me verificar uma coisa...

ARABELA - (DEPOIS DE PAUSA) O que é isso? Por que andar assim nas pontas dos pés?

C/REGRA - PORTA QUE ABRE BRUSCAMENTE, AFASTADA.

RODRIGO - (EM 2º PLANO) Eu sabia. Eu tinha certeza que encontraria você aqui atrás da porta, escutando a nossa conversa.

TÉCNICA - VIBRATAÇÃO MUSICAL FORTE. (TODO O DIÁLOGO QUE SEGUE É EM 2º PLANO)

JUSSARA - Não... não... juro-lhe que não, seu Rodrigo... eu... eu vinha perguntar à dona Arabela, se queria que servisse um cafésinho.

RODRIGO - Mas então por que estava parada aqui? Por que não bateu ou não entrou?

JUSSARA - É que eu... eu estava justamente esperando uma pausa da conversa... para não interromper... entende?

ARABELA - (1º PLANO, AUTORITÁRIA) Jussara, venha cá.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEN E MULHER QUE SE APROXIMAM.

ARABELA - Eu tenho horror a gente bisbilhoteira, sabe?

JUSSARA - Mas eu não estava escutando, dona Arabela, juro.

ARABELA - Não. Eu percebi bem que não estava. Depois nós vamos conversar sobre isto. Vá embora lá para dentro e deixe aquela porta aberta.

JUSSARA - Sim senhora. Com licença.

C/REGRA - PASSOS DE JUSSARA QUE SE AFASTAM E SE PERDEM NA DISTÂNCIA.

ARABELA - Que palpite foi êste?

RODRIGO - Não foi palpite. Há muito que estávamos desconfiados porque Leila me observou que todas as conversas que eu tinha aqui com a senhora, meu pai demonstrava logo estar inteirado delas. E por quem poderia ser? Pela senhora? Por mim? É lógico que não. Então só nos restava Jussara, como criada de dentro.

ARABELA - Amanhã mesmo mandarei pedir à Agência Meridional que me mande qualquer pessoa apresentável e mande-a passear. (TOM) Mas o que era que você ia me dizer, quando interrompeu a conversa para surpreender Jussara?

RODRIGO - Ia dizer-lhe que o que nos tem valido (baixa o tom, recessivo) é que dona Sílvia não atende telefone e tanto Belmira como Leila já conhecem a voz dele e dizem que ele não está.



ARABELLA - Esse homem é terrivelmente perigoso. Seria bom que, desde já, vocês fossem preparando o espírito de sua futura sogra, já que ela é tão desconfiada e acredita em qualquer conversa que lhe fazem.

RODRIGO - Eu penso exatamente como a senhora, mas Leila acha que por enquanto não precisamos tomar nenhuma providência.

ARABELLA - Não sei, não. Eu sempre fui e continuo sendo de opinião que mais vale prevenir do que remediar.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DA CENA.

PETRONIO - Ora até que enfim a senhora se dignou a vir fazer-me uma visita e conversar um pouco comigo. Há quanto tempo isto não acontecia?

CATARINA - Nem tanto. Uns quinze dias, no máximo.

PETRONIO - Pois é, nas quantas coisas aconteceram nesses quinze dias que nós não tivemos nem oportunidade de conversar sobre elas! Houve, inclusive, um assassinato... uma tentativa de suborno... um segundo rapto...

CATARINA - Nenhum desses fatos teve a minha interferência.

PETRONIO - Nenhum? Nem mesmo a tentativa frustrada de devolver o menino à sua mãe?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE

CATARINA - Que poderia eu ganhar com isto, sabendo-o muito mais rico do que ela?

PETRONIO - Não sei. Às vezes os mais pobres são muito mais generosos.

CATARINA - Não seja tão ingênuo. Eu ia tirar o menino de lá porque senti que ele não estava em segurança, nas mãos de um homem tão covarde como aquele, mas nunca com a intenção de devolvê-lo à sua mãe. E foi justamente por isto, que vim falar com o senhor. Ofereceu-me um prêmio para fazer com que ela sumisse e impede-me de ganhar esse prêmio, sumindo-o o senhor mesmo ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ meia hora antes de mim. Que me resta fazer, agora?

PETRONIO - Impedir que nasça o seu segundo filho, de qualquer maneira e a qualquer preço. Quer dizer... menos a sua morte. Quero-a viva e bem viva, para poder ver e sentir, um por um, todos os seus sofrimentos. Se conseguir isto, esquecerei todas as suas traições e lhe darei um prêmio verdadeiramente compensador. Se não conseguir... serei capaz de denunciá-la, cravando-lhe, também, o ferrete da minha vingança!

TÉCNICA - EXPLOSO MUSICAL. CORTINA DE SEPARAÇÃO.

EUGENIA - Eu senti que você tinha algo de muito importante a dizer-me hoje, Catarina.

CATARINA - E tenho, mesmo. Nosso assunto, hoje, vai ser bastante sério.



EUGENIA - Ih, Catarina, você me assusta! Diga logo o que é que eu já estou nervosa. Meu filho está doente? Correndo algum perigo?

CATARINA - Não. Seu filho está bem, segundo me dizem os guias, mas estão eles receosos que Exú exija um sacrifício qualquer, antes de devolvê-lo.

EUGENIA - Exú? Quem é Exú? Que tem ele com meu filho?

CATARINA - Então não sabe? Exú é o Tinhoso. E foi o ele que seu Petrônio entregou Luizinho. Agora, para que ele seja devolvido, Exú precisa receber uma compensação qualquer.

EUGENIA - E que exige ele? Um galo preto? Velas? Fitas vermelhas? Cartas de alfines netes?

CATARINA - Não. Ele quer mais. Foi-lhe entregue a vida de Luizinho e para devolvê-la Exú exige outra vida.

EUGENIA - Eu estou pronta a dar minha vida por ele, mas quem, depois, cuidará de meu filho? Quem o criará?

CATARINA - A senhora não precisa dar a sua vida. A senhora tem outra que pode facilmente oferecer-lhe.

EUGENIA - Outra? Que outra?

CATARINA - A do seu segundo filho. O que está para nascer!

TÉCNICA - EXPLOSAO MUSICAL DE SUSTO.

EUGENIA - Não posso, Catarina, não posso. O Padre Crispim fez-me ver que é um crime e eu não posso perpetrar esse crime.

CATARINA - Qual será o crime maior? Deixar morrer uma criança que já nasceu, ou matar uma que está por nascer? (PAUSA LONGA) Vamos, responde, dona Eugênia: Qual será o crime maior? Deixar morrer Luizinho ou matar o que nem nome tem?

TÉCNICA - EXPLOSAO MUSICAL FORTE, FUNDE COM CARACTERISTICA MUSICAL PARA ENCERRAMENTO DO CAPITULO.

---



302 CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

CATARINA - A senhora não precisa dar a sua vida. A senhora tem outra que pode facilmente oferecer-lhe.

EUGENIA - Outra? Que outra?

CATARINA - A do seu segundo filho. O que está para nascer.

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL DE GRANDE EFEITO.

EUGENIA - Não posso, Catarina! Não posso! O Padre Crispim fez-me ver que é um crime e eu não posso perpetrar êsse crime.

CATARINA - Mas qual será o crime maior? Deixar morrer uma criança que já nasceu, ou matar uma que está por nascer? (PAUSA LONGA) Vamos, responda, dona Eugênia: qual será o crime maior? Deixar morrer Luizinho ou matar o que nem nome tem?

TÉCNICA - REPETE A EXPLOÇÃO MUSICAL.

EUGENIA - Não sei, Catarina... não sei... Por que você insiste? Há <sup>tempos</sup> ~~meses~~ que você vem tentando convencer-me a fazer uma coisa que eu não quero, que eu não posso fazer.

CATARINA - Está bem, a senhora não precisa se aborrecer. Se não quer fazer, não faça. O problema é seu. Eu também não tenho nenhum interesse particular em que a senhora faça, ou deixe de fazer. Simplesmente transmiti o recado de que fui portadora: que a senhora precisava sacrificar esse outro filho, para salvar o primeiro, uma vez que a vida dele havia sido entregue a Exú, pelo próprio pai. Agora, quando eu voltar lá, amanhã ou depois, já digo a êles que a senhora não quer fazer e está acabado.

EUGENIA - Mas e se por causa disto êles não puderem salvar Luizinho?

CATARINA - A senhora não terá que se queixar deles, nem de mim. Eles mandaram lhe dizer e eu lhe dei o recado, estamos desobrigados das nossas missões.

EUGENIA - Diga-me uma coisa: si eu... si eu de todo não tiver coragem de sacrificar este outro... êles... êles desistem de salvar Luizinho ou continuam a trabalhar neste sentido?

CATARINA - Bem, êles continuam. Não podem abandonar a missão em meio, sob nenhum pretexto, mas o caso é que já não terão <sup>de</sup> mesma certeza e a mesma segurança, entende? O negócio está arriscado a dar certo, ou não dar. Da outra maneira, não. Era uma coisa líquida e certa.



EUGENIA - (DEPOIS DE PAUSA LONGA) Diga-me uma coisa, Catarina: eu sou obrigada a lhe responder isto agora, ou posso esperar um pouco para pensar melhor no assunto?

CATARINA- Bem... quanto mais depressa a senhora resolver, mais pronto se ~~responde~~ <sup>decide</sup> o assunto e é sempre melhor, mas isto não quer dizer que seja sangria desatada e que a senhora seja obrigada a responder imediatamente. Não. A senhora pode pensar, vamos dizer... mais esta noite e, amanhã, até ao meio dia, me dá uma solução definitiva. Quando eu for na tenda, à tarde, já levo a sua resposta.

EUGENIA - Pois então eu lhe peço que aguarde um pouco. Esta noite vou pensar detidamente no assunto, vou pesar os prós e os contras e amanhã, depois de consultar os meus travesseiros, eu lhe direi para que lado o meu coração se inclinou.

CATARINA- Só lhe faço uma recomendação neste sentido: não fale com o Padre Crispim, porque senão a senhora, no fim, não vai fazer é nada. Ele vai dizer tanta coisa, vai encher tanto a sua cabeça, que a senhora não vai resistir ao peso tremendo do seu sentimento de culpa e vai acabar expondo seu filho a correr um risco inútilmente. E que risco, convenhamos. Que risco!

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL ADEQUADA, PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

JUSSARA - Eu queria falar com o seu Petrônio.

CLAUDIA - Quem é a senhora?

JUSSARA - Diga a êle que é a empregada Jussara. Ele me conhece.

CLAUDIA - Um momentinho.

C/ REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA EM 2º PLANO.

JUSSARA - (MONOLOGANDO) Ele é capaz de se zangar comigo, mas a única maneira de poder escutar era naquela porta. A outra fica mais distante e basta que falem um pouquinho mais baixo que já não se escuta. E tambem se eu não escutasse, ele se zangaria igual.

C/REGRA - PORTA QUE ABRE EM SEGUNDO PLANO.

CLAUDIA - (2º PLANO) Pode passar. O seu Petronio está à sua espera.

C/REGRA - PASSOS SEMPRE EM PRIMEIRO PLANO. PORTA QUE FECHA TAMBEM EM 1º PLANO. CONTINUAM MAIS ALGUNS PASSOS. PARAM.

PETRONIO - Sente-se, Jussara. (PAUSA) Que houve de importante, para você vir aqui me procurar?

JUSSARA - Houve uma coisa muito desagradável, que eu sei que o senhor não vai gostar, mas que eu posso lhe garantir que não tive culpa.



PETRONIO - Deixe-se de rodeios e diga logo o que houve. Sou um homem muito ocupado e não posso perder meu tempo com futilidades.

JUSSARA - Dona Arabela acaba de me despachar de sua casa. A partir de amanhã estarei desempregada.

PETRONIO - Isso é o de menos. Eu quero saber os motivos que levaram minha sogra a despachá-la. Que andou você fazendo que pudesse desagradá-la?

JUSSARA - Apenas o que o senhor me recomendou que fizesse sempre. Escutar todas as conversas, quando chegasse alguém que não fosse morador da casa.

PETRONIO - Mas ela a surpreendeu, ou apenas desconfiou que você escutava?

JUSSARA - Seu Rodrigo parece que desconfiou e vindo até à porta nas pontas dos pés abriu-a repentinamente, surpreendendo-me a escutá-lo.

PETRONIO - Rodrigo. Sempre êle a se atravessar no meu caminho. Que foi fazer lá? Chegou a ouvi-lo?

JUSSARA - Não houve tempo. O flagrante foi batido logo no início da visita. Mas para o cuidado que êle teve, antes de falar, é de supor que o assunto fosse de grande importância.

PETRONIO - De fato. Minha sogra permitiu que continuasses lá, até arranjar novo emprego?

JUSSARA - Não. Disse-me que, por muito favor, podia deixar lá os meus pertences, até amanhã, mas que já hoje eu arranjasse onde dormir porque lá não ficaria.

PETRONIO - Ela e meu filho devem estar tramando coisa grossa. Mas êles que esperem a volta porque não os deixarei sem resposta. (PAUSA) Você deveria ter

alegado que não tinha onde dormir esta noite. Podia ser que na última hora ainda surpreendesse qualquer coisa.

JUSSARA - Mas o senhor pensa que eu não aleguei? Levei a cena a um ponto tal de dramaticidade que me empolguei e comeci a chorar. Pois sabe que nem assim consegui amolecer o coração da velha? Foi não, não, e não. (TOM) Ah, é verdade! Sabe o que me disse, também? Si não tem onde ficar converse com meu genro que ele a acomoda n'outra casa, da mesma maneira como a acomodou aqui. Quer dizer que ela desconfiou que eu estou trabalhando de acôrdô com o senhor.

PETRONIO - Pois bem, quanto ao emprego não tem problema nenhum. Estou precisando de uma faturista e você vai ficar trabalhando aqui. O negócio é onde ficar à noite. Você não tem nenhuma amiga que possa abrigá-la por hoje?

JUSSARA - Tenho, sim senhor. Tenho uma amiga na cidade e uma prima no subúrbio.



PETRÔNIO - Pois então vá falar com qualquer uma delas e amanhã esteja aqui às nove horas, para começar a trabalhar conosco. E quanto à minha sogra e ao meu filho, agora não posso me ocupar com eles, porque tenho coisa mais séria a tratar, mas eles não perdem por esperar. A vez deles chegará. Meu lema é "devagar e sempre."

JUSSARA - Diga-me, por favor, seu Petrônio: essa sua secretária também toma parte no seu complot, ou deverei esconder dela aquilo que sei?

PETRONIO - Ela não toma parte no complot porque é direita demais para se deixar envolver, mas é uma ótima secretária, muito dedicada a mim e não desejo perdê-la. Por isso... tenha muito cuidado com a língua, entendeu?

JUSSARA - Entendi perfeitamente, seu Petrônio. Não se preocupe que eu cuidarei bastante para não decepcioná-lo pela segunda vez.

PETRONIO - Então vá e, de passagem, diga à senhorita Claudia que entre para falar comigo. Vou dar-lhe instruções sobre a sua admissão, amanhã, como funcionária do nosso escritório.

JUSSARA - Sim senhor, com licença.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM. PORTA QUE SE ABRE AFASTADA. FECHA-SE.

PETRONIO - Seu Rodrigo e dona Arabela!... Eles não sabem com quem estão se metendo. Se caírem na esneira de enfrentar-me... estarão completamente perdidos!

TÉCNICA - MUSICA PARA ENCERRAR A 1ª PARTE DO CAPÍTULO.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - MUSICA DE ABERTURA DA 2ª PARTE DO CAPÍTULO.

L.HENRIQUE - Disse-me Iracema que o menino não lhe deixou dormir direito esta noite? Que teria ele?

CORÁLIA - Não sei, titio. Ele que geralmente é tão quietinho e passa os dias e as noites inteiras dormitando, estava ranzinza, sem paradeiro, choramingando... regeitou a mamadeira e ficou quasi que a noite inteira acordado. Só depois que o dia clareou, quando já eram mais de seis horas, foi que ele dormiu. Estou até pensando em levá-lo, mais tarde, ao ambulatório infantil, onde há um pediatra formidável, que é o doutor Everardo, para ver si o menino tem alguma coisa.

L.HENRIQUE - ~~Éra~~ Era bom, sim, se bem que não seria preciso levá-lo a um ambulatório. Eu poderia pagar uma consulta particular. ~~talvez~~ Talvez você não tivesse que esperar tanto tempo, nem precisasse se expor a ficar numa fila com gente que, afinal, nem sempre se recomenda pela educação e apresentação.



CORÁLIA - Não há necessidade, titio. As consultas particulares do doutor Everardo, além de serem caríssimas, são difíceis, porque êle nunca tem hora. Eu tenho uma amiga que os quatro filhos se tratam com êle, desde que nasceram. Pois às vezes ela fica zangada e impaciente, porque tem que esperar quatro cinco, seis dias por uma hora vaga. E isto que, como cliente antiga tem preferência.

L.HENRIQUE - Mas quanto tempo você terá que esperar para ser atendida nesse ambulatório? Uma manhã inteira?

CORÁLIA - Não faz mal. Eu deixo o almoço pronto de véspera, na geladeira e quando Iracema chegar do serviço, ela mesma se atende e atende ao senhor. Quando eu chegar almoço. Levo um livro, ou um tricô e fico lá.

L.HENRIQUE - Você está vendo, agora, como eu tinha razão quando lhe dizia que uma criança pequena altera completamente o ritmo de vida de uma casa? Era essa, exatamente a minha dúvida. Eu não achava direito sobrecarregá-las de trabalho. Vocês que eram duas moças...

CORÁLIA - (corta) Óra moças, titie! Somos quasi duas velhas.

L.HENRIQUE - Com trinta e cinco e trinta e dois anos? Então que acharão vocês de mim, que tenho mais de cinquenta? Duas moças, sim. Duas moças que viviam tranquilas na sua casa... que eram praticamente independentes... que não tinham maiores compromissos, nem preocupações mais sérias, trazerem, de uma sentada, para casa, um menino de pouco mais de um ano e um velho de alguns mais que cinquenta... é necessário que possuam dois corações dotados de muita bondade e muito altruísmo.

CORÁLIA - Qual, titio, o senhor exagera! Exagera porque nós não olhamos apenas o lado humano da questão. Antes de vermos um tio solitário, ou um inocente sem mãe, o que vimos foi o fim da solidão em que ambas vivíamos, pensando, sempre, na solidão maior de que ficasse, o dia em que a outra ~~me~~ fosse chamada por Deus a descansar das fadigas e tristezas desta vida ingrata! E depois, tio, a nossa vida passaria, como passou, a ter uma finalidade. Quer coisa melhor do que isto? O vazio é horrível! Torturante! Abominável!

L.HENRIQUE - Si é. Eu posso dizer por experiência própria, porque depois que comecei a sentir pesar-me no ombro a cruz de mais de meio século, foi que percebi que a cegueira do meu egoísmo que não me permitira dividir com outra alma as minhas alegrias, deixara-me sózinho, sem ter, também a quem chorar minhas tristezas.



CORÁLIA - E o senhor teve uma moça que, segundo nos disse a mãe, amava-o com sinceridade, não foi?

L. HENRIQUE - A Ernestina. Teria sido uma excelente esposa e companheira. Morreu de nostalgia, depois que me perdeu. E no entanto... nunca fez a menor tentativa de reconciliação. Ela me teria guiado por caminhos suaves, sem pedras e sem cardos e sem que eu, ao fim da jornada, tivesse os pés feridos. Hoje o que sou? Um velho triste, torturado pelas mais escabrosas recordações, e fazendo um esforço sobrehumano para reabilitar-me dos crimes monstruosos que cometi no passado. Ah, minha filha! Uma coisa eu posso afirmar a você, com absoluta e total persuasão: feliz daquele que não sente a tortura mortificante do remorso!...

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA MUDANÇA DE CENA.

EUGENIA - Tereza, você vai ficar horrorizada do que vou lhe dizer, mas eu estou disposta a fechar meus ouvidos a tudo e desfazer-me do filho que está para nascer.

TÉCNICA - VERGASTADA VIOLENTÍSSIMA. A MÚSICA FICA VIBRANDO EM FUNDO

TEREZA - Mãe Santíssima!... Será possível que até isto essa mulher conseguiu meter na sua cabeça?! Mas isso é um pecado horrível, dona Eugênia! Não faça!...

EUGENIA - Faço, sim. É um pecado, bem sei, mas deixar nascer um filho praticamente sem pai, para rolar neste mundo? Já não basta o que tem sofrido o outro e o que me faz sofrer? O dia que Deus tiver que me condenar por êste ato, se for realmente justo, como todos proclamam, não poderá deixar de levar em conta a hora de desespero que eu estava vivendo. E se fizer isto... não poderá deixar de me conceder o perdão.

TEREZA - Por que não conversa com o Padre Crispim? Ele tem mandado tantos recados à senhora. Vive a lamentar que a senhora se tenha afastado da Igreja, justamente no momento em que mais está a necessitar do seu auxílio espiritual. Converse com êle, diga o que pretende fazer e só depois de ouvi-lo tome, então, a sua deliberação definitiva.

EUGENIA - Não, Tereza, não quero falar sôbre isto com o Padre Crispim. Ele não poderia <sup>aliviar</sup> ~~aliviar~~ o tormento da minha dúvida. Pelo contrário. Só poderia aumentá-la. E para que, si ela, como é, já me faz sofrer suficientemente?

TEREZA - Que pena! Que pena! Essa mulher deve ser, realmente, um demônio, porque uma influência tão forte e tão maléfica só mesmo um demônio poderia ter. A senhora já pensou que não vai ser fácil encontrar um médico que se preste a isto?

EUGENIA - Não precisarei de médico. Já tenho uma pessoa especializada.



**TÉCNICA** - VERGASTADA FORTÍSSIMA, MUSICAL. A MÚSICA FICA VIBRANDO EM FUNDO.

**TEREZA** - Dona Eugênia, por favor! Isto é uma loucura! A senhora não tem o direito de expor a sua vida dessa maneira. Ela não lhe pertence inteiramente, lembre-se disto.

**EUGENIA** - Estou cansada, Tereza. Preciso lutar para encontrar o meu primeiro filho e no estado em que estou,quasi nada posso fazer. E fico permanentemente a esperar... a esperar... e essa espera começa a me ~~exasperar~~ deixar aflita. Preciso me movimentar, preciso agir, preciso ativar essa gente da polícia, atormentando-os,todos os dias,com a minha presença. E de tanto incomodar, de tanto aborrecer, suplicar, chorar, pedir... eles acabarão por me atender,antes que os deixe loucos.

**TEREZA** - O mais triste, em tudo isto, dona Eugênia,é a gente ter que confessar que a senhora começa a perder a sua fé. Ela seria a única coisa que ainda poderia salvá-la, mas, desgraçadamente, a que lhe resta é tão pouca... tão pouca,que já não é mais suficiente para manter o seu coração à tona.

**EUGENIA** - E eu sei a fôrça que fiz para que a minha fé fôsse mantida incólume! Mas que fazer, si Deus me abandonou, Tereza?

**TEREZA** - Não diga tamanho absurdo, dona Eugênia. Si Deus a abandonou, o que eu não creio, foi porque sentiu que a senhora já não confiava mais ~~n'Ele~~ n'Ele, porque aqueles que souberam confiar e esperar,pacientemente,que o seu auxílio e a sua justiça chegassem, a estes Ele jamais decepcionou! Dê-me o seu braço. Deixe-me guiá-la, para a sua salvação. Voltemos ao caminho da Igreja, o único que nos conduz à verdade.

**EUGENIA** - É tarde. É muito tarde para voltar, Tereza,tanto mais que a esta altura dos acontecimentos a Igreja já deve estar com as suas portas cerradas para mim.

**TEREZA** - Não está, afianço-lhe. Volte sôbre os seus próprios passos. Eu a conduzi rei pela mão. Há de ver que a receberão o canto dos anjos e o repicar dos sinos. (PAUSA) Então? Não quer?

**EUGENIA** - Não, Tereza, não quero. Deixe-me tentar outro caminho.

**TEREZA** - Um caminho vazio, onde seus apêlos não vão encontrar eco.

**EUGENIA** - Talvez... mas eu preciso primeiro decepcionar-me para poder ter fôrças de retroceder.

**TEREZA** - Está bem, vá então. Mas depois a senhora não diga que não teve ninguém que tentasse salvá-la!

**TÉCNICA** - EXPLOSAO MUSICAL FUNDE COM MÚSICA DE SEPARAÇÃO DE CENA.



BELMIRA - O homem telefonou outra vez.

LEILA - Quando? Agora?

BELMIRA - Neste momento. Acho que ele já desconfiou que não queremos chamar sua mãe e então fez falar uma moça, antes. Quando pedi o nome, ele então veio ao telefone dizendo que era um amigo de infância que desejava fazer-lhe uma surpresa.

LEILA - E você, que lhe disse?

BELMIRA - Que dona Sílvia estava na cama, com uma gripe muito forte e por isso não podia atender. Ele, então, todo amável, mandou desejar-lhe sinceras melhoras e que amanhã tornaria a telefonar. Ai eu disse que amanhã ela não se levantaria e ele respondeu: "Não faz mal. Telefone para saber notícias".

LEILA - Você tem certeza de que a voz é dele, Belmira?

BELMIRA - Mas meu Deus! Certeza absoluta.

LEILA - Eu lhe pergunto, porque as duas ou tres vezes que eu atendi, achei a voz parecida, mas dizer que tenho certeza que é ele, isso eu não posso.

BELMIRA - Que nova fofoca ele estará pretendendo fazer para dona Sílvia?

LEILA - Sabe-se lá? De um homem que faz o que ele fez, deve-se esperar tudo.

BELMIRA - Eu até já me lembrei de arranjarmos uma pessoa que não seja eu, nem você, que ele já conhece a voz, para falar com ele como se fôsse sua mãe. Que lhe parece a minha ideia, dona Leila?

LEILA - Ótima, Belmira, ótima! Isto mesmo. Eu vou pensar numa pessoa a quem a gente possa confiar o segredo sem correr risco e depois vamos fazer isto.

BELMIRA - Uma das suas primas podia nos ajudar.

LEILA - Não, não... elas contariam à tia e a tia poderia falar à mãe. É melhor arranjarmos outra pessoa.

BELMIRA - E a dona Leonor? A sua vizinha tão simpática? Será que ela não faria isto para a senhora?

LEILA - É capaz. E a Leonor é uma pessoa discreta. Não iria comentar isto com ninguém, especialmente se lhe pedissemos que não falasse. (PAUSA) É... acho que pode ser a Leonor. Amanhã, quando passares na casa dela, pede-lhe que venha aqui falar comigo.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DA CENA.

PETRONIO - Que novas te traz?

CATARINA - Posso falar sem receio de que me estejam ouvindo?

PETRONIO - Podes. A porta estando fechada, nada se escuta do lado de lá.

CATARINA - Mas se alguém vier escutar à porta... Já não confio em Jussara e ela



CATARINA - (CONTINUAÇÃO) está ali, na outra sala trabalhando. Quando entrei pude vê-la.

PETRONIO - Já não confias nela por que? Ela te faltou?

CATARINA - Não posso dizer isto, mas a verdade é que com ou sem motivo, já não posso mais confiar em ninguém.

PETRONIO - Isso é uma decorrência do seu próprio procedimento, Catarina.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL.

CATARINA - Como assim? Que quer o senhor dizer com isto? Eu... eu por acaso... por acaso terei faltado com o senhor?

PETRONIO - Não, não... vamos deixar isto pra lá e vamos tratar do que mais interessa. Tú não me disseste, ainda o que te trouxe aqui.

CATARINA - Porque o senhor ainda não me disse se posso falar sem nenhum receio de que me estejam ouvindo.

PETRONIO - Podes, mas se fazes questão de ter absoluta certeza disto, será suficiente que baixes o tom da tua voz e então, mesmo que alguém esteja tentando ouvir-te, perderá o seu tempo.

CATARINA - Muito bem. Baixarei, então o tom de minha voz. (BAIXA O TOM) Aquele negócio que o senhor deseja, está todo arrumado.

TÉCNICA - ACORDE MUSICAL QUE REFLITA ALEGRIA SÚBITA.

PETRONIO - Isso é mesmo verdade, Catarina?

CATARINA - Sim. Está tudo arrumado. Dependendo, apenas, de uma coisa.

PETRONIO - Que é?

CATARINA - Do dinheiro que deveremos dar ao médico que não vai cobrar pouco.

PETRONIO - Isso é o de menos. Qual é o médico e quanto êle vai cobrar?

CATARINA - Médico é força de expressão. Diremos melhor, curandeiro. É o Jerônimo com a Elisa, a mulher dele, que vão fazer o trabalho. Mas querem quinhentos mil cruzeiros.

PETRONIO - Perfeitamente. E si eles quizerem eliminar a mãe... darei um milhão.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

PETRONIO - Não, não... isso não. Foi uma tentação de momento, mas já passou. Isso não, Catarina, ouviste bem? Eu a quero viva...viva... para poder acompanhar seu sofrimento passo por passo!

TÉCNICA - EXPLOSAO MUSICAL, FUNDE COM MÚSICA DE ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.



A MARCA DO ÓDIO

- Novela original de Érico Cramer -

31ª CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

CATARINA - Está tudo arrumado, dependendo, apenas, de uma coisa.

PETRÔNIO - Que é?

CATARINA - Do dinheiro que devemos dar ao médico, que não vai cobrar pouco.

PETRONIO - Isso é o de menos. Qual é o médico e quanto êle vai cobrar?

CATARINA - Medico é força de expressão. Diremos melhor, curandeiro. É o Jerônimo com a Elisa, a mulher dele, que vão fazer o trabalho. Mas querem quinhentos mil cruzeiros!

PETRONIO - Perfeitamente. E si êles quizerem eliminar a mãe... darei um milhão!

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

PETRONIO - Não, não... isso não. Foi uma tentação de momento, mas já passou. Isto não, Catarina; ouviste bem? Eu a quero viva... viva... para poder acompanhar seu sofrimento, passo por passo!

TÉCNICA - REPETE A VERGASTADA ANTERIOR.

PETRONIO - Vou lhe dar o cheque de quinhentos mil cruzeiros, para você entregar ao Jerônimo e à Elisa, mas êles devem assumir, por escrito, o compromisso de devolver Eugênia com vida. Eles são responsáveis pela vida dela e você, Catarina é a fiadora deles.

CATARINA - Bem, seu Petrônio, o senhor sabe como são essas coisas... a gente não pode se responsabilizar totalmente. Às vezes tudo é feito com o máximo capricho, o maior cuidado, com verdadeiro carinho, até e sobrem um embaraço qualquer de coração e a paciente se vai, sem dar tempo de ser ~~xxx~~ atendida; outras vezes, tudo é feito a trôche-môche, no grito, sem qual quer preceito de higiene e a paciente passa esplêndidamente, sem ter coisa nenhuma. É bem, como se diz, uma questão de sorte.

PETRONIO - Você já está querendo livrar o couro de um provável fracasso, não é isto?

CATARINA - De um provável, não. De um possível fracasso.

PETRONIO - Penso que é a mesma coisa.

CATARINA - Não senhor. Acho que é muito diferente. Provável é uma coisa que já se espera. Possível, não.

PETRONIO - Bem, Catarina, aqui está o cheque. Quando será feito o trabalho?

CATARINA - Vai depender deles, naturalmente. Mas assim que estiver marcado, eu lhe avisarei.



- PETRONIO - Veja se os convence a botar mãos à obra o mais depressa possível, para que eu possa estar livre desse pesadelo.
- CATARINA - E a parte que me cabe? Quando poderei vir recebê-la?
- PETRONIO - Tem tempo. Depois de tudo concluído, aí nos vamos acertar as nossas contas. Você não perde por esperar. E agora, se quiser retirar-se, acho que estamos entendidos.
- CATARINA - Eu queria, ainda, fazer-lhe uma pergunta, a respeito do menino. Que fim levou êle?
- PETRONIO - A mim é que você vem perguntar? Penso que se me interessasse saber notícias dele, era eu que deveria perguntar a você.
- CATARINA - Mas o seu carro esteve envolvido no segundo rapto. Isto eu sei por fonte segura.
- PETRONIO - Mas se só você sabia onde êle estava escondido, ~~como~~ como poderia ~~ter~~ meu carro <sup>ter</sup> estado lá? Bem vê que é absurdo. E já que estamos no terreno das indagações, por que motivo me deixou tanto tempo sem notícias e procurou ocultar de mim "certas coisas que aconteceram" e que a polícia ainda não conseguiu esclarecer?
- CATARINA - Eu lhe direi porque motivo. Queria ter o orgulho e a satisfação de chegar ao senhor e dizer: Pode comprar-me a casa prometida. As crianças que deveriam ser o seu orgulho, mas são a sua vergonha, nunca mais voltarão a acoitar-lhe a dignidade com a sua presença, porque estão, ambos, definitivamente liquidados.
- PETRONIO - Eu não tenho bem certeza de que seja isto, Catarina, mas continuo a tolerá-la porque você é um demônio que me serve pela sua falta de escrúpulo e pela extrema habilidade de fazer bem as coisas más.
- TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA MUDANÇA DE CENA.
- CLAUDIA - Que coisa estranha esta carta que chegou hoje para o senhor Petrónio.  
(lendo) Prezado senhor...
- L. HENRIQUE - (UM POUCO AFASTADO E EM TOM DE LEITURA) Remeto-lhe, com esta carta, o recibo de noventa mil cruzeiros, referentes à mensalidade do Asilo Santa Elisabeth, pela estadia da criança que foi entregue aos cuidados da aquela casa de caridade e correspondente ao mês em curso. Devo informá-lo, ao mesmo tempo, que ontem estive lá de visita e tudo vai correndo normalmente, parecendo a Irmã Superiora perfeitamente identificada com a sua nova missão e com o auxílio financeiro que lhe foi fornecido. Assinando-me cordialmente, aqui continuo...



CLAUDIA - (PROSSEGUINDO)... para qualquer coisa em que lhe possa ser útil. Seu criado obrigado L.H. (PAUSA E TOM) Que coisa estranha... esta carta seria perfeitamente normal, se não fôsse o fato de fazer referência a uma criança e a assinatura limitar-se a duas iniciais. Nem sei se seu Petrônio irá ficar satisfeito de saber que a abri, mas não trazia nenhuma nota de "particular, ou reservada" no envelope... Cumprí a ordem que tenho de abrir a correspondência comum. Talvez seja melhor passar um pouco de goma arábica, fechar novamente o envelope e esquecer o seu conteúdo.

C/REGRA - PORTA QUE SE ABRE EM 2º PLANO. PASSOS, QUE SE APROXIMAM.

PETRONIO - Que está colando, senhorita Cláudia?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO

PETRONIO - Rasgou alguma coisa?

CLAUDIA - (APRANHADA) Sim, quer dizer... não é que eu tenha rasgado, propriamente. É que eu... eu abri um envelope que não deveria ter aberto... ele não trazia nenhuma anotação de particular, ou reservado... fiquei aborrecida e pensei que a melhor coisa a fazer seria não ler o conteúdo e fechar novamente o envelope, mas já que o senhor me surpreendeu... êle aqui está. Eu estou muito constrangida, mas não tive culpa. O senhor sabe, perfeitamente que êste não é meu hábito.

PETRONIO - (DEPOIS DE PAUSA LONGA) Não tem importância. Tanto mais que esta carta não é para mim. Repare que não traz o meu nome. Diz apenas: Prezado senhor.

CLAUDIA - Sim, sim... tem razão.

PETRONIO - E além disto, eu não conheço ninguém com as iniciais L.H., o que mais reforça a minha convicção de que esta carta se destinava a qualquer outra pessoa e, por engano, foi remetida a mim.

CLAUDIA - Neste caso, que devo fazer? Devolvê-la ao correio?

PETRONIO - Não sei. Deixe <sup>ela</sup> na minha pasta, que depois ~~verei~~ <sup>verei</sup> que farei. Talvez, simplesmente, rasgue-a em pedaços e jogue-os dentro da cesta de papéis inúteis.

CLAUDIA - Sim senhor.

PETRONIO - Há mais alguma correspondência que verdadeiramente possa interessar-me?

CLAUDIA - ~~Há~~ <sup>Há</sup> várias cartas de negócios que vão ter que ser lidas com muita atenção porque fazem propostas vultosas de materiais diversos. Olhe aqui: uma... duas... três... e me parece que há ainda mais uma outra...

PETRONIO - Deixe-as, todas, na minha pasta. Se me telefonarem, pode dizer que dentro de quinze minutos estou ~~de~~ <sup>de</sup> volta.



CALÚDIA - Sim senhor.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE AFASBA. PORTA QUE ABRE E FECHA EM 2º PLANO

CLAUDIA - Que coisa estranha!... Seu Petrónio diz que a carta não é para ele e, em realidade, não se perturbou, mas eu me lembro de ter arquivado um recibo, justamente desta importância, que ele mesmo me deu, dizendo que havia feito uma doação a uma casa de caridade! Ou eu muito me engano, ou aqui há gato encerrado.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA MUDANÇA DE CENA.

CATARINA - (TOM DE SEGREDO) Ela acabou de sair para a Igreja, agora mesmo. Temos um quarenta minutos para arrumar tudo e sair, antes que volte. (PAUSA) Como é, dona Eugênia, a senhora não se decide? Eles estão à nossa espera.

EUGENIA - Sim... tenho que ir... agora... já não é mais possível recuar.

CATARINA - Claro que não. Está tudo marcado. A hora da intervenção... quarto na Casa de Saúde, tudo...

EUGENIA - Casa de Saúde? Você não disse que eu ficaria na própria casa deles?

CATARINA - Sim, mas o que tem isto? A casa deles é exatamente uma Casa de Saúde. Aliás, todos os que eles atendem ficam lá internados.

EUGENIA - Mas eu não quero ser vista por ninguém. Uma casa de saúde tem sempre médicos... enfermeiras... empregadas da limpeza dos quartos...

CATARINA - Não, não, não... a casa deles não tem nada disto, fique tranquila. A senhora vai entrar numa casa comum, como todas as casas, vai deitar-se num quarto comum, como todos os quartos e só será atendida por dona Elisa. Foi recomendação expressa que fiz e que eles acederam. (PAUSA) Como é? Não se decide? Estamos na hora. Aliás, não podemos retardar a intervenção, porque ela precisa coincidir com os trabalhos que vão ser feitos na Tenda e que estão marcados para as dezoito e trinta.

EUGENIA - (Meio tonta) Sim, sim, eu... eu tenho que ir... está tudo marcado... não posso retroceder, mas... não sei... não sei... depois de estar tão firmemente resolvida, na hora de começar tudo, sinto ímpetos de recuar e de fugir.

CATARINA - Mas fugir de que? Por que?

EUGENIA - Não sei, Catarina. A gente lá pode saber por que sente as coisas? Acho que, de repente, deixei-me subjugar pelo medo.

~~CATARINA~~ - Ora, vamos, dona Eugênia! Que é isso?! Medo de que? Afinal de contas, a senhora não vai ficar exposta a feras. Ninguém pretende fazer-lhe mal. Pelo contrário. Todas as pessoas que estão envolvidas nisto é com a in



CATARINA - (CONTINUAÇÃO) tenção única de ajudá-la a resolver sua vida... por espírito de solidariedade, nada mais.

EUGENIA - Eu sei, Catarina, eu sei. E sou muito agradecida a todos, mas infelizmente vi-me, bruscamente, cercada de fantasmas que me assustam, entende?

CATARINA - É que a senhora está nervosa. Vou lhe preparar um calmante e há de ver como tudo melhora em poucos minutos.

C/REGRAS - PASSOS A SEGUNDO PLANO. RUIDO DE VIDRO E COPO, TAMBEM EM 2º PLANO.

EUGENIA - Não faça dose muito forte, não me dá um sono que eu não consigo vencer. E aí mesmo é que não poderei ir.

CATARINA (2º plano) - Tomei muito pouquinho mais do que a senhora costuma tomar. Mais duas gotas.

C/REGRA - (2º PLANO) RUIDO DE AGUA NO COPO. PASSOS QUE SE APROXIMAM.

CATARINA - Pronto. Tome que a senhora já vai melhorar.

EUGENIA - Espere. Não posso tomar já.

CATARINA - (QUERENDO IMPACIENTAR-SE) Ora esta, dona Eugênia, não pode por que?

EUGENIA - Porque preciso escrever um bilhete à Tereza, não a coitada vai levar um susto tremendo. Vai pensar que também eu fui raptada e no fim é capaz de se assustar e dar parte à polícia.

CATARINA - Não seria nada de duvidar. (TOM) Olhe, aqui tem papel e lápis. Escreva logo e tratemos de ir que estamos perdendo tempo.

EUGENIA - E enquanto eu rabisco uma pequena explicação para ela, verifique ali a minha mala e veja se eu não esqueci nada.

CATARINA - Ande depressa, por favor. Olhe que já lhe avisei que as horas precisam coincidir.

EUGENIA - Já estou escrevendo.

CATARINA - Chambre... chinelos... roupa interior... mañanita... meias... pijame... os retratos de Luizinho... medalha com coração de Jesus... sabonete... talco... escova... pente... esponja... e perfume. (mesmo tom) Parece-me que não falta nada. O que falta é terminar com esta agonia e dona Eugênia parece que não se decide. Vamos ver, depois desta, qual a outra que ela vai inventar para retardar a sua ida. (PAUSA) Inda não?

EUGENIA - Está pronta a cartinha. Vou deixá-la aqui bem à vista, para que ela a encontre logo.

CATRINA - E agora vamos, dona Eugênia. Já estamos bastante atrasadas.

EUGENIA - Vamos, sim, vamos. Seja tudo pelo amor de Deus!...

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL FORTE, FUNDE COM MÚSICA PARA SEPARAR CENAS.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL.



TÉCNICA - MUSICA DE ABERTURA PARA A SEGUNDA PARTE DO CAPÍTULO.

L.HENRIQUE - Que disse o doutor, sobre o estado geral do menino? Sua<sup>a</sup> mana não lhe contou?

IRACEMA - O doutor Everardo disse que ele está muito debilitado. Que precisa um cuidado todo especial. Mana Corália saiu agora, justamente para comprar os remédios que êle receitou. E alem dos remédios ele mandou que se desse suco de laranja, suco de tomate e as mamadeiras engrossadas com aveia ou essas farinhas especiais.

L.HENRIQUE - Pobre criança! Foi muito maltratada durante a enfermidade da mãe. Sabe o que faziam, para que ela não chorasse? Davam-lhe balmantes, atrás de calentes. Resultado que o coitadinho vivia dormitando, como que embriagado.

IRACEMA - O senhor devia ter contado isso à mana Corália, para ela poder dizer ao doutor e orientá-lo.

L.HENRIQUE - Eu disse. Antes dela sair, contei-lhe tudinho.

IRACEMA - Sabe que eu reparava isto nele? Achava que o coitadinho tinha falta de vivacidade, que estava sempre sonolento, como que embriagado... Basta dizer que não se ouve o choro dessa criança. Não precisa mais nada.

L.HENRIQUE - Tomára que por causa dessa maldade, ou desse comodismo, o coitadinho não venha a sofrer, futuramente.

IRACEMA - Minha mãe tinha muita razão quando dizia que metade das doenças que as crianças tinham, quando adultas, eram por culpa dos ~~meus~~ pais que, em pequenos, não tinham sabido cuidá-los convenientemente.

L.HENRIQUE - Si já naquele tempo era assim, imagine agora, quando as mães, praticamente nada mais fazem do que acariciá-los, ou repreendê-los, entre uma partida de buraco e um cocktail social.

C/REGRA - PORTA ABRE E FECHA EM 2º PLANO. PASSOS DE MULHER SE APROXIMAM.

L.HENRIQUE - Ora salve a minha encantadora e bondosa sobrinha que já anda às voltas com as primeiras complicações que lhe arranja o seu filho activo. Eu não lhe dizia que as crianças dão mais preocupações do que alegrias? Eu lhe dizia.

CORÁLIA - Iracema já lhe disse a opinião do médico?

L.HENRIQUE - Estavamos acabando de falar sobre isto.

CORÁLIA - Mas êle me disse que o garoto vai ficar fortesinho. Que felizmente seu coração e seus pulmões são fortes e perfeitamente normais.

L.HENRIQUE - Inda bem. Eu tinha muitas preocupações com êsse menino.

IRACEMA - Mas se o senhor o tivesse posto no Asilo, eu acho que êle acabaria doente.



L.HENRIQUE - Por que? Você acha que lá ele não seria bem cuidado?

IRACEMA - Não é isto, mas as freiras têm muito poucos recursos e uma super-alimentação, por exemplo, já elas não poderiam fazer. Não teriam meios.

CORÁLIA - E também o exame médico a que as crianças de lá são submetidas, mensalmente, não é um exame ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ completo, como fez o Dr. Everardo.

IRACEMA - Elas iam fazer todo o possível, tenho certeza, mas o todo possível delas seria o mínimo que uma criança fraca poderia e deveria receber.

L.HENRIQUE - Pois é, mas elas têm a assistência permanente de Deus e pouco, com Deus é muito e muito, sem Deus, é nada.

CORÁLIA - Tem razão, meu tio. Tem toda razão. Mãe também dizia isto, sempre.

L.HENRIQUE - Era um ditado de nossa Avó que nos habituamos a ouvir e depois, pela vida afora, muitas vezes repetimos. Mas voltemos ao menino. Comprou todos os remédios?

CORÁLIA - Faltou um que ~~era~~ a Farmácia não tinha e a Drogaria já estava fechada. Irei buscá-lo amanhã, sem falta.

L.HENRIQUE - Muito bem, depois de comprar tudo, você me entregue as notas que é para acertarmos nossas contas. Não quero que tenham a menor despesa com o menino. Afinal, já basta o trabalho de cuidá-lo que não é pouco.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

TEREZA - Que coisa estranha... dona Eugênia não me disse nada que ia sair e agora chego da Igreja e encontro a casa vazia. Francamente que não sei o que pensar.

G/REGRA - PASSOS DE TEREZA SEMPRE EM PRIMEIRO PLANO. CESSAM.

TEREZA - Onde poderia ter ido a esta hora da tarde? (PAUSA E TOM) Ah, já sei. Com toda certeza, a ignóbil Catarina convenceu-a de levá-la à célebre Tenda que, na minha opinião, não passa de um balcão de negócios onde se vendem pombos brancos e galos pretos por quantias as mais fabulosas.

G/REGRA - NOVOS PASSOS. CESSAM.

TEREZA - Depois que essa mulher veio aqui para casa, dona Eugênia começou a se afastar de Deus e não houve esforço capaz de fazê-la voltar sobre os próprios passos. Dizem que o demônio toma as formas que quer. Na minha opinião, aqui em casa, ele tomou forma de Catarina.

G/REGRA - NOVOS PASSOS. CESSAM BRUCAMENTE.

TEREZA & Que é isto? Uma carta de dona Eugênia?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE. FICA A MUSICA VIBRANDO NO FUNDO.

TEREZA - (LENDO) Minha muito estimada Tereza.



VOS DE EUGENIA - Peço-me, se fujo de ti. Talvez acabasse cedendo às tuas pregações e a minha ansiedade de salvar e rever meu filho não ~~me~~ deixavam de continuar a me tentar por dias inteiros e noites sem fim. Vou ficar fora alguns dias. Não te preocupes comigo. Logo que esteja desembaraçada do meu compromisso, voltarei. Cuida da minha casa e não diz a ninguém o que fui fazer.

TEREZA - Tua amiga de coração, Eugênia. (PAUSA LONGA) Que pena! Sempre alimentei a esperança de, até à última hora, ainda poder salvá-la! Deus não quis. Ambas deveríamos passar por esta provação!

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA TRANSIÇÃO DE CENA.

CLAUDIA - Telefone para o senhor, seu Petronio. Disse a pessoa que o assunto é importante e urgente. O senhor por favor levante o fone aí que eu vou desligar lá.

G/REGRA - BUIDO DE LEVANTAR FONE DO GANCHO. PORTA QUE SE FECHA EM 2º PLANO.

PETRONIO - Pronto. Quem fala aí?

CATARINA - (FILTRO) É o seu Patrônio?

PETRONIO - Sim, sou eu, mas quem fala aí?

CATARINA - ~~me~~ (FILTRO) Aqui é Catarina, seu Patrônio.

PETRONIO - Ah, sim. Que é que há?

CATARINA - (FILTRO) -/Eu queria fazer um aviso ao senhor. Não há perigo de estarem nos ouvindo na extensão?

PETRONIO - Não, Catarina. Minha secretária é pessoa de absoluta confiança. Pode falar.

CATARINA - (FILTRO) -/Já está tudo pronto. (DIZ ESTA FRASE COM VOZ DE MISTÉRIO)

PETRONIO - Hein? O que foi que tu disseste?

CATARINA - (FILTRO) -/Que aquele trabalho que estava para ser feito, lembra-se? acabou de ser feito há dez minutos.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

PETRONIO - É verdade, Catarina? E foi tudô bem? Ela como está?

CATARINA - (FILTRO) -/Ainda não acordou, mas Elisa afirma que tudô correu às mil maravilhas!

PETRONIO - Vais ficar aí com ela?

CATARINA - (FILTRO) -/Sim. Não era isso que o senhor queria que eu fizesse?

PETRONIO - Ótimo. Mas já sabes, Catarina: a menor coisa que tu percebas que pode acontecer, chama logo as pessoas que entendem.

CATARINA - (FILTRO) -/Pode ficar completamente descansado, seu Patrônio. As suas ordens serão cumpridas fielmente.

PETRONIO - Amanhã de manhã, telefona-me novamente, dando notícias.



CATARINA - Sim senhor. Pode ficar descansado.

C/REGRA - DESLIGA O TELEFONE.

PETRONIO - Ora até que enfim consegui livrar-me da mancha tremenda da vergonha que pesava sobre a minha vida. Um está longe e o outro foi para o diabo, ambos levando na carne, como se marcados por ferro em brasa, o estigma do meu ódio terrível e imutável!

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL NORTE PARA MUDANÇA DE CENA.

TEREZA - Eu peço desculpas de lhe ter feito vir aqui, sabendo que o senhor não de-sejava voltar a esta casa, mas estou aflita, desesperada e não sei para quem apelar. Ajude-me, por favor, senhor Rodrigo. Ajude-me!

RODRIGO - Que está acontecendo, Tereza?

TEREZA - Uma coisa horrível, sen Rodrigo. Uma coisa que está me deixando quasi louca de angústia e ansiedade.

RODRIGO - O que é? Fale, Tereza.

TEREZA - Dona Eugênia desapareceu de casa há quatro dias e não há geito de retornar.

TÉCNICA - VERGASTADA VIOLENTA, A MÚSICA FICA VIBRANDO NERVOSA EM FUNDO.

RODRIGO - Hein?!... Você disse que dona Eugênia desapareceu de casa há quatro dias? Mas e por que só agora você me comunica isto?

TEREZA - Porque esperava, a todo momento, que ela voltasse.

RODRIGO - Mas não devia esperar tanto. Você não tem a menor ideia onde ela possa ter ido?

TEREZA - Ela me deixou este bilhete que aqui está e foi numa certa "tenda" que dona Catarina frequentava.

RODRIGO - Dona Catarina? Quem é?

TEREZA - Uma empregada que seu Petrônio arranhou, quando ainda jantava e dormia em casa.

RODRIGO - Como?! Ele não mora mais aqui?

TEREZA - Ha muito tempo. Si morasse eu não o mandaria chamar, arriscando-o a ser desfeitoado por êle.

RODRIGO - (intrigado) Quem será essa Catarina?

TEREZA - Eu lhe digo, sen Rodrigo. É um demônio, vestido de mulher. Foi ela que arrastou dona Eugênia para essa tal "tenda", de onde sabe Deus si ela irá voltar!

TÉCNICA - EXPLOSÃO MUSICAL, FUNDE COM MÚSICA PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.



TECNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

TEREZA - Ela me deixou este bilhete que aqui está e foi numa certa "tenda" que do na Catarina frequentava.

RODRIGO - Dona Catarina? Quem é?

TEREZA - Uma empregada que seu Petrónio arranjou, quando ainda jantava e dormia em casa.

RODRIGO - Como?! Ele não mora mais aqui?!

TEREZA - Há muito tempo. Si morasse, eu não o mandaria chamar, arriscando-o a ser desfeito por ele.

RODRIGO - (INTRIGADO) Quem será essa Catarina?

TEREZA - Eu lhe digo, seu Rodrigo. É um demônio, vestido de mulher. Foi ela que arrastou dona Eugênia para essa tal "tenda", de onde sabe Deus se ela irá voltar!

RODRIGO - Vóvó tinha uma empregada com esse nome. Saiu para visitar uma irmã, aí pelo interior e nunca mais voltou. Deixou, no seu lugar, uma tal de Jussara, que era espia de papai, em casa de Vóvó. Descobrimos isto ha poucos dias e ela foi despedida. Essa Catarina não será a mesma da casa de minha Avó, também a serviço de meu pai?

TEREZA - Si é a mesma da casa de sua Avó, não sei, porque nunca estive lá, mas que estava aqui a serviço de seu Pai eu sou e desconfiei <sup>muitas vezes</sup> ~~sempre~~ alertei do na Eugênia, mas ela, que é uma santa criatura e incapaz de pensar mal de quem quer que seja, dizia-me que eu vivia de pé atrás com todo mundo, que a mulher era boa, dedicada, amiga e que eu estava vendo fantasmas ao meio dia. Deu-se o episódio triste do rapto de Luizinho. Ela se saiu tão bem, que conseguiu iludir até a polícia, <sup>mas</sup> menos a mim que até hoje estou plenamente convencida de que foi ela quem orientou os raptos. Pois não satisfeita de ter dado sumiço à pobre orfança, conseguiu, agora, arrastar dona Eugênia para a loucura de livrar-se do filho que vinha em caminho.

RODRIGO - E que interesse ela poderia ter nisto, si não fôsse a mandado de papai?

TEREZA - Esse argumento é, exatamente, o ponto de partida das minhas desconfianças. Qual o interesse que ela poderia ter em que a orfança nascesse, ou deixasse de nascer?

RODRIGO - Exato. Já com papai não se pode pensar da mesma maneira. Ele, com a ideia absurda que concebeu, quer destruir o que julga ser a lembrança viva da traição de minha madrasta.



TEREZA - Quer destruir, não, seu Rodrigo. Já destruiu. O senhor pensa que a esta hora o segundo crime já não está consumado? E o que me aflige, muito mais do que isto, é pensar que dona Eugênia possa estar passando mal, precisando de mim, dos meus cuidados e eu sem poder prestar-lhe o menor auxílio, por não saber nem sequer onde ela foi recolhida. Eu até me lembrei de dar parte à polícia, mas depois tive medo de prejudicar dona Eugênia. Foi por isso que mandei pedir que o senhor viesse. Para me dar uma orientação... para me aconselhar... para me ajudar, enfim.

RODRIGO - Eu ficarei muito feliz se puder ajudá-la, dona Tereza. Não só pela senhora, como também pela minha madrastra, que é uma pessoa a quem eu estimo e respeito, mas confesso-lhe que assim, à primeira vista, eu não chego a distinguir qual a posição que mais nos conviria, no caso. Tenho que pensar longamente sobre tudo que a senhora me contou e talvez, até, consultar minha Avó, pedir-lhe um conselho, já que até hoje, até mesmo nos casos mais complicados, todos os conselhos que recebi dela foram, sempre, acertados.

TEREZA - Sempre ouvi dona Eugênia falar, sobre sua avó, as melhores ausências. Lembro-me, até, de uma vez em que pretendi alertá-la sobre o possível ciúme de dona Arabela, por vê-la ocupar o lugar de sua filha morta, o que ela me respondeu:

EUGENIA - Que injustiça, Tereza, você pensar de dona Arabela uma coisa destas. Dona Arabela é uma mulher superior, um senhora de classe, uma pessoa que pauta sua vida pelos sagrados princípios da religião católica e portanto não seria capaz de procurar fazer mal a quem quer que fôsse. E principalmente a mim, que ela sabe que eu considero e ~~querer~~ a quem ela sempre demonstra uma amizade sincera.

RODRIGO - E realmente ela tem mesmo uma amizade sincera por dona Eugênia e faz-lhe, na ausência, os mais calorosos elogios. Ainda outro dia ela dizia a Papai que ele não merecia a mulher que tem.

TEREZA - Então converse com ela, se fôr possível ainda hoje e amanhã, o mais cedo que o senhor puder, venha me trazer a sugestão de uma providência.

RODRIGO - Descanse que assim farei. Logo pela manhã falarei com Vóvó e antes do almoço já terei vindo aqui para trazer-lhe a nossa sugestão.

TEREZA - É um grande favor e ao mesmo tempo uma caridade, porque se eu não fizer qualquer coisa por ela, vou acabar sucumbindo ao peso da minha ansiedade!

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DE GENA.



CATARINA - Jerônimo, pedi que você chegasse aqui, porque não acho a minha patrãoa bem. Está toda molhada de suor e o seu sangue parece que ferve, de tanta febre.

JERONIMO - Isso é assim mesmo. Você está se assustando à-tôa. Não faz nem dois meses tive uma que ficou dezesseis dias assim com esta está e saiu daqui novinha em folha. Ela até vai gastar, porque estava gorda demais e já vai sair magrinha e elegante.

CATARINA - Mas está demais, Jerônimo. Ela não dá o menor sinal de vida. Se não fôsse o peito arfando, a gente jurava que estava morta.

JERONIMO - É assim mesmo, mulher, eu estou lhe dizendo. Pensa que é a primeira que fica assim? Tenho tido dezenas de casos como este e nunca perdi uma só nas minhas mãos. Morreram depois que se entregaram aos cuidados médicos e começaram a tomar drogas receitadas por eles. Vá botando pela boca abaixo as colheradas de leite gelado e umas colheradas deste chá, como água e vai ver que o negócio acaba cedendo.

CATARINA - Eu estou dando. De meia em meia hora seis colheres de leite e nas outras meias horas o chá, também gelado, como você mandou.

JERONIMO - Pois então deixe correr o baco, que ele chega onde tem que chegar.

CATARINA - Elisa esteve aqui, examinou dona Eugênia e eu vi que a cara dela não era boa.

JERONIMO - (ameça veldá para Elisa) Mas ela disse alguma coisa?

CATARINA - Não disse, mas não foi preciso. Eu não sou nenhuma ignorante, nenhuma burra, que não vá saber, pela cara das pessoas, o que elas estão pensando, óra esta.

JERONIMO - Você pode estar habituada a saber o que os outros pensam, pela cara, mas a Elisa eu duvido muito. É a maior cara de pau que eu já conheci em toda a minha vida. Você achou que ela estava com cara de assustada, não foi? É a cara dela que é assim mesmo. Ela é feia e espavorida de nascença. Eu às vezes chego a olhar para ela e perguntar a mim mesmo: mas como foi que eu me casei com "isto"?

CATARINA - Bem, Jerônimo, eu vou dizer a você uma coisa: amanhã faz uma semana que dona Eugênia está neste estado, sem apresentar a ~~menor~~ menor melhora. Si até segunda-feira ela continuar assim, você tenha a santa paciência, mas eu vou ter que chamar um médico para atendê-la.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE. A MÚSICA FICA SOANDO EM FUNDO.

JERONIMO - O que?! Você vai chamar médico aqui na minha casa, para atender dona Eu



JERONIMO - (CONTINUAÇÃO) gênio? Não admito. Fique sabendo que não admito. Médico não entra na minha casa, nem bota a mão em doente meu, enquanto eu estiver tratando dele, está ouvindo?

CATARINA - Mas você tem que se lembrar que eu estou responsável pela vida dela.

JERONIMO - E eu, por acaso, também não estou? Foi minha mulher que fez o trabalho, sou eu que estou tratando e acabou-se.

CATARINA - Mas nem você e nem sua mulher são formados em medicina. Ela é enfermeira prática. E você. Você nem isto.

JERONIMO - Não preciso ser nada. Entendo disto melhor que todos os médicos juntos.

CATARINA - Escute aqui: e se acontece alguma coisa; que vou dizer ao meu patrão.

JERONIMO - Que aconteceu alguma coisa, simplesmente.

CATARINA - Mas e você pensa que o patrão é homem de se conformar com esta explicação? Ele bota você, sua mulher e a mim na cadeia.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL, A MUSICA, SOTURNA, FICA VIBRANDO EM FUNDO.

JERONIMO - Mas você não se esqueça de que assumiu comigo, o compromisso de ficar com toda a responsabilidade.

CATARINA - E você não se esqueça de que a polícia tem métodos de fazer com que a gente confesse até aquilo que não praticou.

JERONIMO - Não, não... você não pode fazer isto... Afinal eu não fui lhe pedir para fazer o serviço, foi você que veio à minha casa. Deve estar lembrada que eu ainda lhe disse que era um pouco tarde e você insistiu.

CATARINA - Sim, sim, eu me lembro. Não vou negar isto. Mas se dona Eugênia chega a morrer, eu terei que me defrontar com o maior e o pior dos inimigos que já conheci em toda a minha vida. Seu Petrônio é um homem terrível. Um homem que não perdôa e quando odeia, deixa, na carne do inimigo, a marca implacável do seu ódio.

TÉCNICA - ~~XXXXXXXXXXXXXXXX~~ VERGASTADA MUSICAL PORTE, MUSICA VIBRANDO EM FUNDO.

JERONIMO - Bem, mas nós estamos fazendo um temporal num copo d'água. Ela não está tão mal assim para nos estarmos apavorando. Em todo caso, vou dizer à Elisa que venha vê-la e talvez botar-lhe umas faixas frias.

CATARINA - É, você precisa fazer qualquer coisa porque eu estou sentindo que ela não está bem. Basta que lhe ponha a mão na testa para sentir que ela está escaldando.

JERONIMO - Já lhe disse que isto é comum. Não se assuste. Vou mandar a Elisa.

G/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM, PORTA QUE ABRE E FECHA EM 2º PLANO, BRANDAMENTE.

CATARINA - Ela não está bem, não. Eu sinto que não está. E Deus me livre que lhe aconteça alguma coisa. Seu Petrônio me mata.



TÉCNICA - CORTINA MUSICAL DRAMÁTICA, PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

RODRIGO - É a situação é essa que lhe expliquei, vóvó. Estou sem saber o que fa  
ça. É como sempre, nas minhas incertezas, recorro à senhora.

ARABELA - É, realmente a situação é muito séria e não podemos deixar de tomar uma  
providência qualquer.

RODRIGO - Tereza pensou em dar parte à polícia. Que lhe parece?

ARABELA - Não me parece aconselhável, tanto mais que Eugênia, coitada, ficará  
muito mal vista. Imagine uma manchete de jornal com os seguintes dize  
res: A esposa de Petrônio Larré desaparecida, desde quinta feira passa  
da. Você já imaginou quantas fofocas o fato ~~provocaria?~~ <sup>e usaria?</sup> E o escândalo  
que provocaria, entre as senhoras católicas pelo ~~espanto~~ que elas  
classificariam de "duplo crime": orientar-se através de uma tenda e man  
dar extinguir uma vida.

RODRIGO - Tem razão, vóvó, devemos fazer tudo para poupá-la e se o fato cai na  
polícia, vai logo para os jornais. (LEMBRANDO-SE) Ah, vóvó, sabe de uma  
coisa interessante? Quem a arrastou a essa tal tenda foi uma certa ~~senhor~~  
~~xxx~~ senhora de meia idade, estatura mediana, meio gorducha e que atende  
pelo nome de Catarina.

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL, FUNDE COM MÚSICA PARA ENCIERRAR A 1ª PARTE DO CAPÍTULO.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - MÚSICA DE ABERTURA PARA A SEGUNDA PARTE.

RODRIGO - (LEMBRANDO-SE) Ah, vóvó, sabe de uma coisa interessante? Quem a arrastou  
a essa tal tenda foi uma certa senhora de meia idade, estatura mediana,  
meio gorducha e que atende pelo nome de Catarina.

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL. A MÚSICA FICA VIBRANDO EM FUNDO.

ARABELA - Você não vai me dizer que desconfia ser a mesma Catarina que esteve tan  
tos anos aos meus serviços?

RODRIGO - Tenho quasi certeza de que é. Por todos os demais sinais que Tereza me  
deu, é muita coincidência junta.

ARABELA - Será, então, por isto que nunca mais me aparecer e ~~trouxo~~ trouxe,  
naturalmente de acôrdo com seu pai, aquela outra vigarista que andava ai

RODRIGO - É claro. <sup>Aqui</sup> ~~lá~~ não havia necessidade de uma tão esperta. Ficou Jussara. Lá  
era preciso uma escolada e manhosa, para enfrentar a velha Teresa que  
não é mole. Foi Catarina. As pessoas daqui não iam lá, nem as de lá vi  
nham aqui... não havia necessidade nem de trocar o nome.

ARABELA - É, você tem razão, Rodrigo. Com certeza foi isto mesmo.



RODRIGO - Mas deixemos de parte as nossas cogitações e vamos pensar no que podere<sub>m</sub>mos fazer em favor de minha madrasta. Ela não pode continuar desaparecida, sem que ninguém saiba onde se encontra.

ARABELA - Realmente, mas de tudo que já pensei, o melhor ~~me~~ parece, ainda, esperar um pouco mais, antes de envolver a polícia no assunto. (PAUSA) Sabe o que eu talvez me anime a fazer? Voltar a falar com seu pai e ameaçá-lo com o escândalo, sim, porque ninguém me tira da cabeça que tudo isto é obra dele, por intermédio da tal mulher que desconfiamos ser a nossa antiga Catarina.

RODRIGO - Tenho o mesmo ponto de vista da senhora. Acho que ninguém mais, a não ser ele, poderia ter qualquer vantagem no desaparecimento de minha madrasta. Coitada! Sabe Deus o que estará sofrendo.

ARABELA - É isto, sim. Está decidido que vou fazer isto, mas você não deve, de forma alguma figurar no assunto. Eu direi que Tereza, assustada, me telefonou e você avise a ela que diga a mesma coisa, caso seja interrogada. A esta hora seu pai não deve estar no escritório, mas de qualquer forma vou telefonar para a Secretária dele e pedir-lhe que me avise assim que ele tenha chegado. Disque ali para mim.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL FORTE, PARA MORNANÇA DE CENA. FINDE COM MÚSICA NERVOSA, DE ALUCINAÇÃO QUE VAI FICAR FAZENDO FUNDO A TODAS AS PAIAS DE EUGENIA.

EUGENIA - (delirando, alucinada) Está ouvindo?! Está ouvindo?! Eles estão batendo. Começaram por batidas fraquinhas, mas agora batem com tanta força que serão capazes de rebentar a minha cabeça. Eles não querem me perdoar... eles não querem... E eu fui obrigada... juro como foi obrigada!... Por favor não batam assim... não batam assim... Peça a eles que não batam dessa maneira...

ELISA - Mas eles quem? Não há mais ninguém aqui, senão a senhora e eu.

EUGENIA - E a senhora quem é? A senhora quem é? Já sei. Não precisa dizer. A senhora é que veio com eles. Foi a senhora que os trouxe. Mas não devia ter feito isto, está ouvindo? Não devia ter feito isto, porque a senhora sabe que eu não tive culpa... que não foi por minha vontade...

ELISA - Tome um pouquinho de calmante que vai lhe fazer bem.

EUGENIA - Não... não quero... não quero tomar mais nada... já me obrigaram a tanta coisa que eu não queria, agora não faço mais nada. Mais nada...

ELISA - Mas isto não faz mal, a senhora pode tomar. Isto até vai lhe fazer bem.



EUGENIA - Não quero. Já disse que não quero. Não tomo mais nada. Estão me judian-  
do. Eu não sou má, nunca fiz mal a ninguém... por que hão de fazer mal  
a mim? Por que?

C/REGRA - PORTA QUE ABRE E FECHA EM 2º PLANO. PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM.

EUGENIA - E essa? Quem é? O que quer de mim?

CATARINA - Sou eu, dona Eugênia, Catarina.

EUGENIA - Mentira! Mentira! Eu sei quem é. É Berenice, a mãe de Rodrigo, a primei-  
ra mulher de meu marido. É Ela que vem reclamar seu lugar. Mas porque  
traz meu filho pela mão? O filho é meu, não é dela. (gritando) Solte  
Luizinho, ele é meu. É meu filho. Eu não roubei seu marido. Você já ti-  
nha morrido quando ele casou comigo. Eu não tive culpa! Eu não tive cul-  
pa... (chorando desanimada) eu não tive culpa!... (SOLUÇOS DESSESERADOS)

CATARINA - Eu não me conformo de Jerônimo não querer que eu chame médico. Ela não  
está bem.

ELISA - Sim, eu também concordo que ela não está bem, mas o médico poderá nos  
denunciar e como nos arranjaremos depois?

CATARINA - Talvez eu pudesse conseguir um médico que se compromettesse a não tomar  
nenhuma medida repreensiva.

ELISA - E você acha que eles iriam perder uma oportunidade destas?

CATARINA - O médico da família de dona Eugênia talvez concordasse em silenciar,  
para não envolvê-la num escândalo.

ELISA - Ah, bem... se fôsse assim... Converse com Jerônimo. Explique isto a ele  
que pode ser que, nestas condições ele concorde. Porque realmente eu  
também estou achando que ela não está nada bem.

EUGENIA - Lá... lá... estão vindo? (gritando) Abriram a gaiola grande dos demôni-  
os! Eles estão saindo todos com seus garfos de ferro. Estão vindo para  
cá! Querem queimar a minha carne!... Querem queimar... Soltem-me! Dei-  
xen-me!... Eu não fiz nada. (gritando desesperada) Não... não... com os  
garfos de ferro não!... Eles rasgam a carne... eles queimam... eles  
queimam... Não!...

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL EM CIMA DOS GRITOS PORTES DE EUGENIA. FUSÃO COM MÚSI-  
CA DE SEPARAÇÃO DE CENAS.

TEREZA - (AO TELEFONE) Telefonei para a senhora para lhe avisar que acabo de re-  
ceber um telefonema de Catarina, dizendo que vem aqui em casa dar-me ex-  
plicações da ausência de dona Eugênia.

ARABELA - (FILTRO) E ela não disse de onde estava falando?

TEREZA - Não disse, mas pela clareza da voz, tenho certeza de que estava aqui  
mesmo da cidade.



ARABELA - (FILTRO) Bem, de qualquer maneira foi melhor assim, porque amanhã eu estava disposta a tomar medidas extremas, uma vez que não consigo que meu genro fale comigo. ~~xxxxxx~~ E as medidas extremas poderiam causar prejuízos a Eugênia e isto eu não desejava.

TEREZA - A senhora então me faça o favor de avisar ~~xxxx~~ ao seu Rodrigo e dizer a ele que depois que eu tenha falado com Catarina, torno a telefonar para dar notícias. ~~xxxxxx~~ da nossa entrevista.

ARABELA - (FILTRO) Perfeitamente. Mas ~~xxx~~ você deve fazer empenho em saber, de Catarina, onde dona Eugênia se encontra. E se ela relatar na informação, agradeça-a, dizendo-lhe, inclusive, que eu estou sabedora de tudo e que vou dar parte à polícia.

TEREZA - A senhora não se importa que eu use o seu nome?

ARABELA - (FILTRO) Se fôr necessário, pode usá-lo. Eu não tenho medo dela, nem de Petrônio. E se, efetivamente, não dei parte à polícia, foi, exclusivamente por ~~xxxx~~ Eugênia, coitada e pelo receio de envolver seu nome num escândalo que não será de pequenas proporções.

C/REGRA - CAMPAINHA DE PORTA DE RUA, FOCANDO EM 3º PLANO.

TEREZA - Dona Arabeã eu vou desligar que a campainha da porta está chamando. É capaz de ser ela. Disse que vinha em seguida.

ARABELA - (FILTRO) Então vá atendê-la e que Deus lhe ajude.

TÉCNICA - CORTINA RÁPIDA.

C/REGRA - PORTA QUE SE FECHA EM 1º PLANO.

CATRINA - Quis abrir a porta e estava fechada por dentro.

TEREZA - Claro. Quando fico sózinha em casa sempre passo o trinco de segurança.

C/REGRA - PASSOS DE DUAS MULHERES, ACOMPANHANDO AS BAIAS, SEMPRE EM 1º PLANO.

CATRINA - Já vim duas vezes aqui, durante a noite... precisava de roupas... e a porta estava trancada.

TEREZA - Por que não bateu?

CATRINA - Não quis incomodá-la. Já ~~xxxx~~ <sup>era</sup> muito tarde, a senhora devia estar dormindo.

TEREZA - Foi muito amável, mas dormindo aposto que não estava. Poderia, quando muito, estar deitada. Não durmo desde que dona Eugênia saiu. Posso, ao menos, saber como vai ela?

CATRINA - Está mais ou menos. Tem custado muito a se equilibrar, mas o doutor que a atendeu garante-me que é assim mesmo e que dentro de poucos dias estará completamente boa.

TEREZA - Então ela fez mesmo aquela loucura?



CATARINA - Loucura por que? Loucura, a meu ver, seria deixar nascer uma criança, e o verdadeiro pai lhe nega a paternidade. Que seria esse pobre infeliz, mais tarde, quando conhecesse as verdadeiras características de seu drama? Um recalcado, um constrangido diante de uma sociedade que insiste, tola e lamentavelmente, em atribuir ao berço um valor exagerado, colocando à margem, muitas vezes, por causa disto, excelentes pessoas que, nascidas na humildade de um barraco, nem de longe se comparam a certos doidivanas nascidos e criados em berço de ouro. E depois... deixe que eu lhe diga: sem a presença das crianças, que tanto exacerbavam o ciúme exagerado de seu Petrólio, dona Eugênia ainda podia alimentar esperanças de uma reconciliação com o marido. Com eles perto... isto jamais aconteceria.

TEREZA - São pontos de vista que não cabe dissentir agora, quando já está tudo consumado. Eu queria ver dona Eugênia. Onde devo visitá-la?

CATARINA - A senhora não poderá vê-la, por enquanto.

TEREZA - Não posso por que? Si sempre fui a sua empregada de confiança? Quero vê-la, repito. Onde devo procurá-la?

CATARINA - Já lhe disse que ela não poderá recebê-la e não insista porque será inútil.

TEREZA - Pois bem, eu tenho relutado, até agora, em tomar uma atitude decisiva, pelo receio de envolver o nome de dona Eugênia num escândalo de grandes proporções, mas agora estou resolvida a tudo e, neste momento, lanço-lhe um ultimatum. Ou você me diz onde ela está recolhida, ou eu, agora mesmo, ligo o telefone para a polícia e conto o que está acontecendo.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE. A MÚSICA FICA VIBRANDO EM FUNDO.

CATARINA - Deixe de ser tola, sua velha imbecil. Então não vê que entregando um caso destes à polícia até dona Eugênia poderá ser condenada pelo crime que cometeu?

TEREZA - Ah, então você agora concorda em que seja um crime? E quem foi a mentora desse crime? Não foi você? Eu não espero mais nada e estou disposta a tudo. Vai me dar o endereço da casa onde ela está, ou não vai?

CATARINA - Vou lhe dizer, pela terceira vez que não.

TEREZA - Pois bem. Então prepare-se para sofrer as consequências da sua teimosia.

C/PEGRA - COMEÇA A DISCAR SEIS NÚMEROS DE TELEFONE. ANTES DE TERMINAR A LIGAÇÃO

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL, FUNDE COM MÚSICA PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.



332 CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

TEREZA - Ou você me diz onde Dona Eugênia está recolhida, ou eu, agora mesmo, ligo o telefone para a polícia e conto o que está acontecendo.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE. A MÚSICA FICA VIBRANDO EM FUNDO.

CATARINA- Deixe de ser tonta, sua velha imbecil. Então não vê que entregando um caso destes à polícia, até dona Eugênia poderá ser condenada pelo crime que cometen?

TEREZA - Ah, então você agora concorda em que seja um crime?! E quem foi a mentora desse crime? Não foi você? Eu não espero mais nada e estou disposta a tudo. Vai me dar o endereço da casa onde ela está ou não vai?

CATARINA- Vou lhe dizer, pela terceira vez, que não.

TEREZA - Pois bem, então prepare-se para sofrer as consequências de sua teimosia.

C/REGRA - COMEÇA A DISCAR SEIS NÚMEROS DE TELEFONE. RUIDO DE AVANÇAR NO TELEFONE E ARRANCAR O FIO.

CATARINA- (EM TOM DE QUEIXAZ FORÇA PARA ARRANCAR FIO) Você vai fazer coisa nenhuma, sua velha maluca. O que é que você tem dentro dessa cabeça? Será que esses cabelos brancos abrigam fezes? E já pensou na reação de seu Patrônio, sua idiota? Já imaginou o que ele será capaz de lhe fazer?

TEREZA - Eu não tenho medo de nada do que me possa acontecer. Estou velha e a minha vida não serve mais para muita coisa. Posso morrer que não tenho quem chore uma lágrima por mim. Portanto, não pense que pelo fato de ter arrancado o fio do telefone, ~~me~~ me impedirá de fazer o que quero. Ainda tenho forças para andar até à Delegacia e contar tudo ao delegado.

CATARINA- A senhora não vai andar coisa nenhuma. Vai ficar aqui quietinha e esperar mais uns tres ou quatro dias, quando dona Eugênia estará de volta. E pense que si não fizer isto, serei obrigada a tomar providências para afastá-la imediatamente da jogada.

TEREZA - As suas palavras contêm uma ameaça oculta, mas não pense que ela me intimida. E se está imaginando que poderá fazer comigo o que quiser, enganase redondamente porque dona Arabela, a sogra de seu Patrônio, já está informada de tudo, inclusive de que você viria aqui esta noite. Era com ela que eu estava falando ao telefone, quando você bateu na porta.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE. MUSICA FICA VIBRANDO EM FUNDO



CATARINA - Você disse a ela o que dona Eugênia foi fazer?

TEREZA - Não. Eu disse a ela o que você foi fazer com dona Eugênia. Ela está ao par de tudo, sim. Conte-lhe o quanto você influiu no espírito de dona Eugênia, para ela se deixar convencer de que devia cometer esse crime.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL POR E.

CATARINA - Você não tinha o direito de andar espalhando, aos quatro ventos, segredos que não lhe pertencem. Onde está a confiança que você se ufena tanto de merecer de sua patrão? Veja bem que você está atraídoando-a.

TEREZA - Eu não. Tudo que possa ter feito, leva uma intenção pura e sincera que é a de salvá-la. Você, ao contrário, só tem procurado envolvê-la em pecado, valendo-se, para isto, da debilidade a que ficou reduzida a pobre dona Eugênia, desde que lhe foi roubado o filho e mandado, sabe Deus, para onde. E é prometendo a sua restituição e a sua volta, que você vai conseguindo levá-la para as portas do inferno, que é o remorse.

CATARINA - Bem, chega de conversa fiada. Eu não vim aqui para discutir com você problemas que não são meus nem seus. São da patrão, ela é uma mulher feita, sabe o que faz, concordou com a sugestão que lhe dei, quis fazer, foi fazer e ninguém tem nada que ~~haver~~ ver com isto. Vim aqui para lhe avisar, e ~~espero que você não se assustasse~~, para que você não se assustasse, que a patrão não poderá voltar para casa antes de uns cinco ou seis dias mais. ~~Dizeram~~ onde ela está não vou lhe dizer, porque ela não pode receber visitas e ela mesma me declarou que não queria ver ninguém. E agora que já sabe de tudo, faça o que melhor entender. Uma coisa, entretanto, eu já vou lhe avisar: se cair na asneira de me envolver em alguma trapalha da com a polícia, pode contar como certo que não terá mais que vinte quatro horas de vida, porque eu não deixarei que permaneça impune a quem quer que destrua a minha vida. Ouviu bem?

TEREZA - Ouvi e pode ficar sabendo que as suas ameaças não me assustam. Pela patrão, e unicamente para pouzá-la, vou esperar mais os quatro ou cinco dias que você me deu de prazo para a volta dela. Mas também... si ela não voltar nesse prazo, pode escrever que vai ter que prestar contas à polícia. Você, o médico que a está tratando e mais quem esteja envolvida nessa ~~franzada~~ trapalhada horrerosa. O se desafio foi lançado e aceito por mim. Vamos ver quem pagará mais caro.

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL, FUNDE COM MÚSICA PARA MUDANÇA DE CENA.

PETRONIO - Catarina ainda não telefonou, hoje?



JUSSARA - Telefonou, sim senhor. Pediu-me que dissesse ao senhor que dona Eugênia continua no mesmo e que durante esta noite teve mais uma das suas alucinações.

PETRONIO- Não disse nada sobre a exigência que eu fiz, ontem, de que mandassem chamar outro médico?

JUSSARA - Não senhor. Sobre isto ela não falou nada. Foi só o que eu disse ao senhor.

PETRONIO- Também não disse se chamaria mais tarde, para falar diretamente comigo?

JUSSARA - Não senhor, não disse nada.

PETRONIO- Pois é, mas isto não pode continuar assim. Quando acontecer dela telefonar novamente, você diga a ela que eu preciso falar-lhe urgentemente e que ela dê um jeito de me encontrar.

JUSSARA - Sim senhor.

PETRONIO- E agora leve essas faturas com você, para disfarçar. Fique com elas algum tempo por lá e depois traga-as de volta.

JUSSARA - Sim senhor.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA EM 2º PLANO

PETRONIO- Não estou gostando nada dessa brincadeira. Eugênia já deveria estar em casa, completamente boa e continua com essas crises de alucinação e se sucederem umas às outras, cada uma mais forte do que a outra. E eu não quero que ela enlouqueça, porque o Louco não tem noção perfeita do seu sofrimento. Eu a quero sã e salva para que sofra e saiba porque está sofrendo. É isto que eu quero!

TÉCNICA - MUSICA FORTE PARA MUDANÇA DE CENA.

ARABELA - Que coisa exqu岸ita! Não há meios de telefone da casa de Eugenia atender. A gente faz a ligação, o aparelho chama, chama, chama e ninguém atende.

RODRIGO - Quem sabe não tem ninguém em casa, Vóvô?

ARABELA - Tem. Eu sei que tem. Tereza estava falando comigo, quando bateram a campainha da porta. Ela estava esperando Catarina, e desligou para ir atendê-la. Ficou de me telefonar, logo que ela saísse. Eu não creio que até agora continue lá, nem que tenha levado Tereza com ela para a rua. Alguma coisa está acontecendo que eu não sei o que é.

RODRIGO - Talvez o telefone tenha estragado. Isso é muito comum, aqui no Rio. Sem mais isto, nem menos, o malvado enguica que não tem jeito.

ARABELA - É a única coisa que eu ainda <sup>aceito</sup> ~~creio~~ que possa ser, mas ainda assim não estou convicta.

RODRIGO - Se a senhora quizer, depois do jantar e antes de ir à casa de Leila, eu dou uma passada por lá.



ARABELA - Eu ficaria mais tranquila. A coitada é velha... está lá sósinha... a outra, disse-me ela que não é deste mundo... não será de mais vigiá-la.

RODRIGO - A senhora não chegou a falar com papai, falou?

ARABELA - Não tenho conseguido apanhá-lo no escritório. Não quero deixar o nome porque então aí mesmo é que ele vai começar a evitar-me. Tenho que pegá-lo de surpresa.

RODRIGO - Agora vamos ver as notícias que dona Tereza vai nos dar. Talvez as coisas se esclareçam e não seja preciso a senhora ameaçar papai.

ARABELA - É o que eu também espero que aconteça e por isso lhe peço, encarecidamente, que não esqueça de passar lá, antes de ir à casa de sua noiva.

RODRIGO - Não, Vóvó, não esquecerei. Pode ficar completamente tranquila. E afianço-lha mais: se houver alguma novidade, avisarei Leila que vou chegar mais tarde e venho antes aqui para contá-la à senhora.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL ADEQUADA. FUNDO COM RELÓGIO DE TORRE DE IGREJA? BADAJANDO, APASTADO, AS SEPE HORAS DA MANHÃ.

CATARINA - (Depois de pausa) Sete horas da manhã! Graças a Deus que amanheceu! Que noite terrível!... Eu estou com o corpo moído de cansaço. Também, só o esforço de contá-la nas três crises que teve!... (PAUSA E TOM) Mas hoje eu não espero mais. Quer o Jerônimo concorde, ou deixe de concordar, vou dar um jeito de chamar o doutor Cícero.

C/REGRA - PORTA QUE SE ABRE E FECHA COM CUIDADO, EM 2º PLANO. PASSOS DE HOMEM, DISCRETOS, SE APROXIMAM.

JERÔNIMO - E então? Como está ela, agora?

CATARINA - Dormindo, depois de uma noite infame com três acessos brutais, cada um mais forte que o outro. Eu até estava pensando em mandar chamar você para conversar comigo sobre este negócio.

JERÔNIMO - Que negócio?

CATARINA - Jerônimo, a minha paciência está acabando. Eu já estou em ponto de não aguentar mais. Hoje vou chamar um médico.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE. A MÚSICA FICA VIBRANDO EM FUNDO.

JERÔNIMO - (SUSTO) Não! Você não vai fazer isto.

CATARINA - Vou fazer, sim. Estou lhe avisando porque vou fazer.

JERÔNIMO - Mas eu não permito que médico algum entre na minha casa. Se quiser fazer isto, terá que removê-la antes daqui.

CATARINA - Mas como vou tirar a criatura neste estado? Você não vê que não é possível?

JERÔNIMO - Aqui na minha casa não entra médico, já lhe disse. Eu não permito.



CATARINA - (FURIOSA) Mas então de um jeito nesse negócio que até hoje eu só tenho visto andar pra trás.

JERONIMO - Eu já lhe disse que há casos assim. É só uma questão de paciência e tu do se arranja.

CATARINA - Você vem me dizendo isto há dez dias e cada dia que passa ela vai ficando pior. Já pensou se o médico chega a me dizer que foi chamado tarde de mais?

JERONIMO - Escute aqui, sua grande farsante: que interesse repentino é este, agora pela vida de sua patrão? Você nunca foi amiga dele. Está lá unicamente para tirar proveito da situação. Você pensa que eu não sei as coisas como são? Caia na armadilha de chamar um médico e me envolva este com a polícia, que você vai ver a massaroca em que vou lhe enredar.

CATARINA - Pois bem, faça você a massaroca que fizer, o médico, hoje, há de vir aqui para ver dona Eugênia!

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL, FUNDE COM MÚSICA PARA FINAL DA 1ª PARTE DO CAPÍTULO.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL.

TÉCNICA - MÚSICA PARA ABERTURA DA SEGUNDA PARTE.

JERONIMO - Caia na armadilha de chamar um médico e me envolva este com a polícia, que você vai ver a massaroca em que vou lhe enredar.

CATARINA - Pois bem, faça você a massaroca que fizer, o médico, hoje, há de vir aqui para ver dona Eugênia!

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSPENSÃO. A MÚSICA FICA VIBRANDO EM FUNDO.

JERONIMO - Catarina, desde que a conheço, tenho-a na conta de uma mulher esperta. Você está ficando boboca, agora? Então não vê que se a polícia chegar a conhecer este caso que iremos, todos, para trás das grades? E que se um médico for chamado, não deixará escapar esta ocasião de nos desmoralizar? E depois - convenhamos - que poderão fazer eles que eu não possa? Minha mulher estudou e entende de enfermagem. Só não tirou o curso porque começou a ser perseguida e achou que o diploma não lhe faria falta. E não tem feito, mesmo. Nenhuma das que estudou com ela, está na situação econômica que nós estamos. E não é por mim, não, é por ela que é muito mais inteligente do que eu. Você olha para a cara dela e não pensa que seja, mas é. Ela até receita aqui para a orfanada da vizinhança e nunca perdeu um cliente. Todos ficaram bons. Se não ficaram com o primeiro remédio, ficaram com o segundo.

CATARINA - Nada disso está me interessando. Eu estou responsável pela vinda de



CATARINA - (CONTINUAÇÃO) ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ dona Eugênia a esta casa. Você me garantiu que em quatro ou cinco dias, no máximo, ela estaria de volta. ~~XXXXXXXX~~ Eu fiquei fiadora da sua palavra e do seu trabalho. Como posso, agora, cruzar os braços e ~~XXXXXX~~ esperar que o tempo resolva a situação? Você compreende que a minha responsabilidade é muito grande. E agora, a coisa chegou a um ponto que o marido já está me apertando, já está me ameaçando e eu sou obrigada a dar uma satisfação a ele. As desculpas que tenho dado até agora, já não o convencem mais. Ele já não quer saber delas. Quer saber da mulher boa e em casa.

JERONIMO - Mas um médico não é possível, Catarina. É preciso que você se convença disto. Se vier um médico aqui, nós estaremos todos perdidos.

CATARINA - Não é tanto assim como você pensa. Há um médico da família, o doutor Cícero, que para não envolver o nome de dona Eugênia num escândalo, seria capaz de vir atendê-la e silenciar. ~~XXX~~ Eu poderia falar com ele, sem dizer onde ela está, nem mencionar o nome de vocês.

JERONIMO - E você acha que ele não iria exigir a nossa presença, para inquirir o que foi feito por nós na paciente?

CATARINA - Eu diria que ~~XXX~~ esta casa é de uma amiga ~~me~~ minha, onde a enfermeira atendeu dona Eugênia. Elisa teria o papel dessa amiga e diríamos que a culpada viajou para o interior, afim de atender a um chamado qualquer.

JERONIMO - Não sei, não... o homem pode engrossar...

CATARINA - As duas negamos a pé juntos que não conhecemos a enfermeira e daí? Muito pior será, para nós todos, si dona Eugênia entrega a alma a Deus. Ai, todos nós vamos entregar os ossos ao diabo.

JERONIMO - Não sei, não. Eu vou conversar com Elisa e depois digo alguma coisa a você.

CATARINA - Pois é, mas meio logo que nós não temos mais tempo a perder. Acho, até, que já perdemos de mais. Quanto mais tarde o médico começar o tratamento, mais difícil será a cura, porque o mal vai avançando e tomando conta do organismo.

JERONIMO - Eu vou lá, converso com ela e dentro de meia hora já lhe digo alguma coisa.

C/REBRA - PASSOS QUE SE APASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA EM 2º PLANO.

CATARINA - O doutor Cícero é o único homem que será capaz de nos tirar desta entalada, mas o difícil, mesmo, vai ser convencê-lo a atender dona Eugênia, sem que o chamado seja feito por seu Petrônio. E seu Petrônio não quer



CATARINA - (CONTINUAÇÃO) se envolver diretamente nisto que ele não é lobo. Quer ter sempre uma saída, para um caso de aperto. Mas enfim... pode ser que eu fazendo uma choradeira lá, consiga comovê-lo. Deixar de tentar é que não posso.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL DE GRANDE EFEITO.

RODRIGO - Vóvó está muito aflito porque não consegue telefonar para você. Seu telefone chama e ninguém atende.

TEREZA - Não chama, não. Naturalmente dá essa impressão lá de que chama, mas não pode. Veja aqui.

RODRIGO - Uê! O fio rebentado? Que aconteceu/?

TEREZA - Aconteceu que a possessora da Catarina se enfureceu, quando eu disse que ia comunicar à polícia o desaparecimento de dona Eugênia e antes que eu tivesse tido tempo de evitar, avançou-se no aparelho e arrancou as instalações. Fiquei sem poder me comunicar com dona Arabela. Estava pensando em amanhã, de manhã, indagar bem onde era a casa e ir até lá.

RODRIGO - Eu vou fazer o seguinte: lá da casa de minha noiva telefono para Vóvó, tranquilizando-a e, em seguida, telefono para a secção competente e peço que mandem aqui, amanhã, para refazer a instalação.

TEREZA - Seria um grande favor, seu Rodrigo. Eu estou sózinha, o telefone me faz muita falta.

RODRIGO - Quem sabe você não quer ir passar uns dias lá com Vóvó? Seria bom para as duas. Eu vou lhe ser franco, Tereza: não gosto que você fique aqui, sózinha, sabendo de tudo que aquela mulher será capaz de fazer.

TEREZA - Eu não tenho medo dela.

RODRIGO - Mas não é uma questão de não ter medo. É uma questão de se expor, sem necessidade e sem objetivo. Se minha madrastra não está aqui, você não tem a quem servir. Então pegue o que é seu e o que é dela, de maior valor, e transfira-se para a casa de vóvó, até que dona Eugênia regressasse, si é que vamos ter a sorte de vê-la aqui, de volta.

TEREZA - Bem, talvez o senhor tenha razão, mas eu gostaria que primeiro falasse com sua avó. Si ela concordar, amanhã de manhã eu irei para lá. Afinal... mais uma noite, menos uma noite... que diferença faz?

RODRIGO - Está bem. Então amanhã de manhã, depois de haver conversado com Vóvó, eu virei buscá-la. Está bem?

TEREZA - Espere... de manhã, não. Estou me lembrando que terei muita coisa que arrumar. O melhor será à tardinha.



RODRIGO - Está bem. Então fica combinado. À tardinha eu virei buscá-la.

TÔNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA MUDANÇA DE CENA.

CLAUDIA - Tem aí uma senhora que deseja falar-lhe. Diz que o assunto é urgente e intransferível, foi por isso que me animei a interrompê-lo, embora tivesse recebido ordens em contrário.

PETRONIO - (SEVERO) Ordens que não deveriam ser ~~intaxxxxx~~ desobedecidas, senhorita Cláudia.

CLAUDIA - Bem sei, senhor Petrônio, mas a criatura insistiu tanto... disse tantas vezes que eu seria responsabilizada pelo que pudesse acontecer, que eu acabei ficando assustada.

PETRONIO - E como é o nome dela, se mande?

CLAUDIA - É aquela senhora que nunca que dizer o nome, mas que o senhor já tem recebido várias vezes. Aquela veio baixa... gordinha...

PETRONIO - Já sei. Diz a ela que entre.

CLAUDIA - Com licença.

C/REGRA - PASSOS SE APASTAM. PORTA ABRE E FECHA EM 2º PLANO.

PETRONIO - Deve ser Catarina. E as notícias não devem ser boas, uma vez que se mostra tão insistente. Não está me agradando nada a demora de Eugênia naquela casa. Si eu pudesse ir lá vê-la... Mas não convém. Devo manter-me...

C/REGRA - PORTA QUE ABRE E FECHA EM SEGUINTE PLANO. PASSOS DE MULHER SE APROXIMAM.

CATARINA - Boa tarde, seu Petrônio.

PETRONIO - Que há, Catarina?

CATARINA - Dona Eugênia não está bem. Fui falar com o doutor Cícero, mas êle se nega a atendê-la, sem que o senhor o autorize. Diz que é uma grande responsabilidade que êle não pode assumir assim, sem mais ver novos.

PETRONIO - Por que não lhe disseste que eu estou viajando e que o caso é urgente?

CATARINA - Fiz tudo. Até cena de teatro, porque me atirei nos pés dele e chorei. Nada o comoveu. Disse <sup>me</sup> que lhe pedia duas coisas duras, para um médico: Poupar uma criminoso e assumir uma responsabilidade, sem autorização da pessoa mais diretamente ~~responsabilizada~~ <sup>ligada à enferma.</sup> que, no caso, é o senhor.

PETRONIO - E se procurarmos outro médico? Desses a quem apenas interessa o que vão receber?

CATARINA - Teria que conversar, primeiro, com Jerônimo e Elisa, para ter o consentimento deles. E isto importaria em perder um tempo precioso. Na minha opinião dona Eugênia está verdadeiramente muito mal.

PETRONIO - Mas ela não pode morrer. Você sabe disto. Eu lhe avisei que ela não poderia morrer. Não foi uma nem duas vezes. Foram muitas vezes.



CATARINA - Eu sei disto, seu Petrônio, eu sei. O senhor me disse muitas vezes, sim, mas... que se pode fazer contra o destino? Jeronymo e Elisa atendem a quatro cinco pessoas por dia e todas que eles atenderam, ao tempo de dona Eugênia, já estão lampeiras, até passeando pela rua. Justamente nela foi que deu o enfiado. Que é que eu posso fazer?

PETRONIO - Você tem que fazer alguma coisa.

CATARINA - Estou há várias noites sem dormir, atendendo-a e pensando no que fazer. Sinto que as minhas energias começaram a enfraquecer. Preciso da sua ajuda, senão estamos ambos perdidos.

PETRONIO - Mas que posso fazer, nesta altura dos acontecimentos?

CATARINA - Telefonar para o doutor Cícero e autorizá-lo a atender sua mulher.

PETRONIO - Mas você já não lhe disse que eu estava viajando? Ele vai ver que era mentira.

CATARINA - O senhor pode telefonar, dizendo-lhe que está falando de fora e que foi avisado por mim.

PETRONIO - Eu não queria me envolver diretamente neste assunto.

CATARINA - Não queria, mas terá que se envolver, porque Tereza está a par de tudo e, se dona Eugênia morrer, acabará por denunciar-nos.

PETRONIO - E onde está essa velha coisa? É preciso fazer qualquer coisa com ela.

CATARINA - Já pensei nisto. Hoje à noite vou tentar uma entrevista com ela. (PAUSA) Mas como é? O tempo está passando e hora a ~~xxx~~ hora o mal de dona Eugênia se agrava. O senhor vai ou não vai telefonar ao doutor Cícero?

(PAUSA LONGA) Vamos, seu Petrônio, está na hora de decidir. Não há

mais tempo a perder. (PAUSA) Vai ou não vai telefonar ao doutor Cícero?

TECNICA - EXPLOSAO MUSICAL, FUNDE COM MUSICA CARACTERISTICA PARA ENCERRAMENTO DO CAPITULO.

---



A MARCA DO ÓDIO

- Novela original de Érico Cramer -

342 CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

PETRONIO - Eu não queria me envolver diretamente neste assunto.

CATARINA - Não queria, mas terá que se envolver, porque Tereza está a par de tudo e, si dona Eugênia morrer, acabará por denunciar-nos.

PETRÔNIO - E onde está essa velha caduca? É preciso fazer qualquer coisa com ela.

CATARINA - Já pensei nisto. Hoje à noite vou procurá-la, para tentar uma entrevista (PAUSA) Mas como é? O tempo está passando e, hora a hora, o mal de dona Eugênia se agrava. O senhor vai, ou não vai telefonar ao doutor Cícero? (PAUSA LONGA) Vamos, seu Petrônio, está na hora de decidir. Não há mais tempo a perder. (PAUSA) Vai ou não vai telefonar ao doutor Cícero?

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM EM 18 PLANO. DISCAR SEIS NÚMEROS.

TÉCNICA - RUIDO DE LEVANTAR FONE DO GANCHO, NA OUTRA EXTREMIDADE DA LINHA, DEPOIS DE TRES OU QUATRO CHAMADAS.

PETRÔNIO - (AO OUVIR LEVANTAR O FONE NA OUTRA EXTREMIDADE) O doutor Cícero, por favor, depressa. É um amigo dele que está falando.

CICERO - (FILTRO) Pronto, Cícero.

PETRONIO - Ah, doutor, Boa tarde. Fala aqui o Petrônio Larré.

CICERO - (FILTRO) Pois não. Com vai o senhor?

PETRONIO - Muito preocupado. Imagine que estou fora da cidade e acabo de receber um telefonema de minha governante, comunicando-me que minha esposa se aproveitou da minha ausência para mandar fazer um trabalho não muito limpo e agora está em sérios embaraços de saúde. Disse ela que o procurou e que o senhor se negou a atender Eugênia, sem o meu conhecimento do assunto...

CICERO - (FILTRO) E sem a sua autorização, é claro.

PETRONIO - Pois não. Foi muito bom, doutor, pois só assim fiquei a par de um assunto que, de outra maneira, elas não me dariam conhecimento. Mas eu queria lhe pedir para fazer o favor de atendê-la, doutor. E o mais depressa possível, porque, pelo que me disse a empregada, a situação parece que não está nada boa.

CICERO - (FILTRO) Está bem, seu Petrônio, pode ficar tranquilo que eu vou atendê-la dentro de uma hora, no máximo.

PETRONIO - O senhor sabe onde é?



CÍCERO - (FILIPPO) Eu tenho o endereço que dona Catarina me deixou.

PETRONIO - Então muito obrigado, doutor e desculpe esse incômodo que lhe estou dando. Passe bem.

G/REGRA - RUIDO DE DESLIGAR TELEFONE.

PETRONIO - Pronto. Vá depressa para lá que ele prometeu atendê-la dentro de uma hora, no máximo. E veja lá, hein? Não vá cair em qualquer contradição.

CATARINA - Não tem perigo. Eu estou sempre atenta.

TÉCNICA - MUSICA PARA SEPARAÇÃO DA CENA.

EUGENIA - (ALUCINADA) Quem é você? Que quer aqui? Por que não vai embora? Por que olha para mim dessa maneira? Quer me recriminar pelo que fiz, não é? Mas eu tinha que fazer, não entende? Si eu não fizesse o outro morreria. O demônio queria uma vida. Escolheu a de Luizinho. Eu troquei; só isto! Vamos... não me olhe dessa maneira... não me censure... se estivesse no meu lugar, que faria a senhora?

ELISA - Vamos, dona Eugênia, acalme-se. Eu não estou censurando ninguém. Pois se fui eu que fiz o trabalho, como poderia censurá-la?

EUGENIA - Foi a senhora? Foi a senhora que fez o trabalho? Mas então... então a senhora é uma emissária do demônio? Por que continua aqui? Que está fazendo? Já não paguei minha dívida? Ele não queria uma vida de criança? Eu já não dei? Que espera, ainda? Destruir outra vida? (GRITANDO CADA VEZ MAIS) Luizinho não, está ouvindo? Luizinho não. Eu fiz a proposta de dar o outro em troca, o demônio aceitou. Como quer, agora levar os dois? Não, não e não! Eu não consinto! Eu não admito! Isso é chantagem, é vigário, é roubo! Não, não e não!...

ELISA - Dona Eugênia, por favor! Não grite dessa maneira que a senhora exgota as suas últimas energias. Ninguém quer a vida de seu filho. Ninguém está aqui para roubá-la. Fique calma e procure descansar.

EUGENIA - Ficar calma! Como posso ficar calma, sabendo que está ao meu lado uma emissária do demônio, pronta a roubar a vida de meu filho, ao menor cochicho meu? Por que não se retira? Por que não vai embora? Diga ao demônio que já não lhe devo mais nada, que a minha dívida com ele está resgatada e que ele agora me deixe viver na santa paz de Deus! Sim, é na paz de Deus que eu quero viver. (VAI SE ENERVANDO E VAI AUMENTANDO O VOLUME DE VOZ, ATE GRITAR, COMPLETAMENTE POSSESSA) O demônio já me fez pagar um preço muito alto pela vida. Não lhe devo mais nada. Já paguei tudo, tudo que tinha que pagar. E o preço foi exatamente aquele que ele



EUGENIA - (CONTINUAÇÃO) me exigiu. Não regateei um centavo! Paguei integralmente! Por que não vai embora? Porque não me deixa em paz? Por que não me deixa em paz? (GHORA ALTO E FORTE, QUASI AOS GRITOS)

C/REGRA - PORTA QUE ABRE EM 2º PLANO E FECHA. PASSOS DE HOMEM SE APROXIMAM) Ela não pode gritar dessa forma. Os vizinhos vão acabar escutando e vão pensar que lhe estamos dando pancada.

ELISA - E o que é que você quer que eu faça? Já falei tudo a ela, mas <sup>nem</sup> ~~ela~~ escuta o que a gente diz. Está com a mania de que eu sou emissária do demônio, e agora? Vá convencê-la de que não sou.

EUGENIA - Agora o próprio demônio chegou. Vá embora, ande. Não lhe devo nada! Não lhe devo mais nada. (gritando forte) Não lhe devo mais nada!

JERÔNIMO- (ÁSPERO E INDO ATÉ À GROSSERIA) Cale essa boca! Vamos acabar com esses escândalos aqui! Não quero mais gritos! Acabou! Se gritar vai ver o que lhe faço. Tome esse remédio, vamos.

EUGENIA - Não quero. Eu não bebo nada. É veneno que me querem dar. É veneno.

JERÔNIMO - Cale essa boca e tome esse remédio, ande. Se não tomar por bem vai tomar à força.

EUGENIA - (FAZ APENAS SONS DE QUEM REGEITA ALGO COM A BOCA FECHADA À FORÇA)

JERÔNIMO - Não me obrigue a maltratá-la. Vai ter que tomar esse remédio de qualquer forma. Ah não quer? Elisa, aperte-lhe o nariz para obrigá-la a abrir a boca.

EUGENIA - (FAZ SONS DE QUEM ESTÁ REAGINDO COM A BOCA FECHADA)

JERÔNIMO & ~~ISTEXXEEGHEKEXX~~ Isto. Segure-lhe a cabeça e continue apertando o nariz. Agora! Isto!

EUGENIA - (FAZ RUMORES E SONS DE QUEM ENGOLIU ALGO QUE LHE FOI DERRAMADO NA GARGANTA E MEIO QUE SE ENGASGA, TOSSINDO.)

JERÔNIMO- Mais da metade ela ingeriu.

ELISA - Também... eu estou exausta de aturá-la. Tomara que Catarina chegue de uma vez.

JERÔNIMO - Ela agora já não vai incomodar mais. Dentro de dois ou três minutos estará dormindo. Vamos ter uma folga de duas horas, pelo menos. (PAUSA EM QUE SE ESCUTAM APENAS OS SONS DE EUGENIA, JÁ BEM MAIS BAIXOS). Está vendo? Ela já está se entregando. Daqui a pouco se apaga totalmente.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL DE EFEITO PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

RODRIGO - Não tem mais nada para botar no carro?

TEREZA - Penso que não. O que foi que o senhor levou?



- RODRIGO - A sua mala, um amarrado de cobertas, uma frisqueira de dona Eugênia com joias e documentos e mais uma cesta que eu não sei o que contem.
- TEREZA - Generos que não vale a pena deixar aí para se estragarem e então eu levo.
- RODRIGO - E a senhora está pronta? Podemos ir?
- TEREZA - Vou só tirar estes chinelos, fazer um pacotinho para levar <sup>os</sup> e botar os sapatos. Você está com muita pressa, ou dá tempo de fazer tudo isto?
- RODRIGO - Dá tempo, sim senhora. Leila já está avisada de que hoje chegarei um pouquinho mais tarde.
- TEREZA - Quem é Leila, a sua namorada?
- RODRIGO - Mais um pouco do que isto. Já somos noivos entre nós.
- TEREZA - Eu me lembro dela. Não me lembrava era do nome.
- RODRIGO - Você se lembra dela, de onde?
- TEREZA - Aqui de casa, mesmo. Ela uma vez esteve aqui, falando com dona Eugênia. Dona Eugênia gostou muito dela.
- RODRIGO - É uma pequena encantadora. E o principal não é a sua beleza física, são os seus predicados de coração. Leila é boníssima e de uma pureza de alma como existem poucas moças, hoje em dia.
- RODRIGO - Tomara que o senhor possa sempre falar dela assim como está falando agora. Com o mesmo entusiasmo e a mesma admiração.
- RODRIGO - Ah, muito obrigado, dona Tereza. Tomara, sim.
- C/REGRA - RUIDO DE FAZER UM PACOTE COM PAPEL.
- TEREZA - Pronto, agora é só enroscar estes chinelos e cair fora.
- RODRIGO - Vóvó está lá ansiosa, à sua espera. A sua estada lá vai ser muito boa para ela, que gosta tanto de conversar e, em geral, não tem com quem fazê-lo. E penso que para a senhora também vai ser melhor, do que ficar aqui exposta a qualquer vingança.
- TEREZA - Eu já lhe disse que nada temo, porque ando sempre com Deus, mas se posso ser útil lá, fico bem satisfeita.
- RODRIGO - Pode ser não apenas útil, mas muito útil. Vóvó já estava ficando neurastênica e, na minha opinião, era por não ter ao seu lado uma pessoa para distraí-la e com quem ela pudesse repartir as suas apreensões.
- TEREZA - Pois agora terá a mim, que vou me sentir muito feliz em poder prestar um serviço a alguém. Certa vez fiz uma promessa a Deus de morrer servindo. Não fui atendida no que pedia, mas, mais tarde, vim a verificar que Deus fizera tudo pelo melhor. Decidi então que cumpriria a minha promessa e quero morrer servindo.
- RODRIGO - Muito bem. Vamos, então, que Vóvó já deve estar extranhando a nossa demora.



TEREZA - Vamos, im. Olhe, aqui está a chave da rua. O senhor vai fechar a porta para mim porque eu custo sempre muito. A fechadura emperra antes de dar a volta e é preciso fazer um pouco de força.

RODRIGO - Pode deixar que eu fecho.

TEREZA - Ah, espere aí que eu ia esquecendo o mais importante para mim.

RODRIGO - O seu dinheiro?

TEREZA - Não é o meu dinheiro, mas é a minha fortuna. O meu rico São José que me acompanha desde os áureos tempos da minha vida! Este santinho que o senhor está vendo aqui é a quem eu conto todas as minhas dúvidas, a quem choro todas as minhas mágoas, a quem suplico todos os meus favores. Até hoje ele não me faltou. Às vezes, como no caso de dona Eugênia, ele custa um pouco a conceder o que lhe peço, mas eu tenho a impressão que é para experimentar o grau de minha fé, porque acaba sempre resolvendo as coisas pelo melhor. E com isto, ele vai vendo que eu não deixo de crer por não ser atendida. Pronto. Agora podemos ir.

RODRIGO - Vamos, então.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL FUNDE COM AUTOMÓVEL EM MOVIMENTO E TORNA A FUNDIR COM MÚSICA PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - MÚSICA DE ABERTURA DA SEGUNDA PARTE.

EUGENIA - (GEMENDO, FRACAMENTE) Ai... ai... não posso mais... não posso... Agora... são três demônios... em volta... de mim... Como... poderei... resistir?... Como?... Agora... (enfraquecendo) eles... vão... me levar... (GEME FRACA)

CICERO - Pelo que vi e pelo que me contaram, o que ela tem é uma grande infecção, além de um estado de fraqueza miserável. Nem sei se ainda terá capacidade para reagir, mas a minha obrigação é tentar.

CATARINA - Então o senhor acha que ela está em perigo de vida, doutor?

CICERO - Claro. Pois se lhe digo que nem sei se poderei salvá-la... Está em perigo e perigo grande. Digo-lhe mais: as probabilidades contra são infinitamente maiores que as a favor.

CATARINA - Eu não dizia? Eu dizia todos os dias.

CICERO - E por que não me chamou antes, então?

CATARINA - Por que? (Significativamente) Porque os enfermeiros que estavam tratando dela, diziam que não era preciso.

CICERO - O que fizeram com essa pobre moça, foi um verdadeiro crime! Os charlatões que a atenderam deviam ser denunciados, para nunca mais cometerem nons-



CICERO - (CONTINUAÇÃO) truculências como esta. Quem são eles, você não sabe?

ELISA - (DEPRESSA) Eles não são daqui. Parece que moram no Estado do Rio. Só vêm aqui quando têm algum chamado, como foi o caso de dona Eugenia.

CICERO - É uma pena não se saber. Eles precisavam ser desmascarados.

ELISA - Bem, mas... para falar a verdade, a culpa maior é de quem os procura; o senhor não acha?

CICERO - Não. A culpa é exclusivamente deles, porque ninguém tem o direito de jogar desse modo com as vidas alheias. Agora, a ingenuidade e podemos até mesmo dizer a ignorância de quem os procura, também é reprovável. Vou lhes dizer uma coisa com toda a sinceridade: não fôsse dona Eugênia o pivot de toda esta tragédia, uma senhora de cuja família eu sempre fui médico, e eu, nesta hora, anularia totalmente os criminosos deste ato. Mas eles não perdem por esperar. Eles vão fazer muitas outras vítimas e, numa delas, eles tropeçam e caem. E quando caírem, eu serei um dos primeiros a espezinhá-los. Isto é uma atrocidade. Um crime hediondo. Ninguém tem o direito de ser assim tão infâme!

CATARINA - (fingindo remorsos) O senhor sabe, doutor, que eu sinto remorsos de não ter feito nada para tirar da cabeça de dona Eugênia essa ideia absurda?

CICERO - E é culpada, mesmo. Tinha obrigação de fazê-lo.

CATARINA - Pois é. Por que não fiz oposição à ideia dela? Eu devia ter me negado a acompanhá-la.

CICERO - Bem, arrependimentos tardios nada resolvem. Mandem buscar ~~uma~~ estas injeções e façam aplicar, logo, uma na veia e duas horas depois, esta outra no músculo. Vamos esperar esta noite, para ver o resultado, amanhã. Si ela não melhorar, teremos que removê-la, cedo para uma casa de saúde, onde hoje mesmo eu já vou deixar um quarto reservado.

CATARINA - E o senhor acha que eu devo prevenir seu Petrônio?

CICERO - É claro, se me quiser dar o endereço dele, eu mesmo telefonarei e o porei ao par de tudo que está se passando.

CATARINA - Não lhe posso dar o endereço, porque com a minha afobação e o meu estado de nervos, não sei que fim dei ao papel com o número do telefone, mas amanhã, bem cedo, falo com a secretária dele e peço a ela que dê um aviso lá para onde ele está.

CICERO - E qualquer coisa de anormal que possa acontecer durante a noite, toque-me o telefone que eu virei em seguida.

CATARINA - Sim senhor, doutor, muito obrigada. E tenho fé em que o senhor irá salvá-la.



CÍCERO - Deus é que sabe. De minha parte vou fazer o possível. Boa noite.

TÉCNICA - EXPLOSAO MUSICAL, FUNDE COM MUSICA DE SEPARAÇÃO.

ARABELA - Acabo de ter notícias de Eugênia, Tereza.

TEREZA - (ALEGRE) É mesmo? Como vai ela? Quem deu as notícias à senhora?

ARABELA - O doutor Cícero me telefonou, para pedir o endereço de Petrônio e me disse que ontem de noite foi vê-la e encontrou-a num estado deplorável. Embora saiba da situação existente entre ela e o marido, deseja avisá-lo do que está se passando.

TEREZA - O que ele devia saber e não sabe é que o maior culpado de tudo que está acontecendo é o próprio seu Petrônio. A senhora nem devia dar o endereço. Não vai adiantar nada. Pelo contrário, ainda é capaz de prejudicar a coitada.

ARABELA - E eu não dei mesmo. Disse-lhe francamente que não sabia. que Petrônio havia rompido as relações comigo e que eu não queria saber dele para coisa nenhuma.

TEREZA - Mas onde está dona Eugênia, afinal? Ele não disse?

ARABELA - Está numa casa de uma amiga da empregada, parece, mas hoje, ainda, ele pensa removê-la para á uma clínica, onde ele costuma atender.

TEREZA - E a senhora não pediu o endereço, dona Arabela?

ARABELA - Ele prometeu que depois vai me dar. Ele estava muito afobado, eu não quis prendê-lo por mais tempo.

TEREZA - E ele não disse como é que ela está?

ARABELA - Ele disse que ela não está nada bem, mas que vai fazer todo empenho de salvá-la.

TEREZA - Coitada da dona Eugênia. Queira Deus que não vá pagar com a vida o crime de sua boa fé.

ARABELA - Mas Deus não dorme, Tereza. Ele está sempre atento a tudo que fazemos e o nosso castigo sempre chega. Tarde ou cedo, ele sempre nos atinge. Ah que se eu pensasse ontem como penso hoje... quanta coisa teria evitado! Não vale a inveja, não vale o egoísmo, não vale a maledicência, não vale a hipocrisia, não vale a mentira e muito menos a infâmia, diante de Deus. O que vale é a pureza de alma e a sinceridade do coração. Mas muitas vezes acontece que, desgraçadamente, só vamos compreender esta verdade, quando já não temos capacidade de anular as maldades que fizemos!

TÉCNICA - EXPLOSAO MUSICAL FUNDE COM MUSICA DE SEPARAÇÃO

JERONIMO - Quem é que disse que vocês vão me tirar dona Eugênia daqui?



CATARINA - O doutor Cícero. Mandou avisar que daqui a meia hora vem aqui com a ambulância, para levá-la a uma clínica particular onde ela vai receber o tratamento que necessita.

JERONIMO - Mas e o doutor Cícero pensa que pode mandar na minha casa? Na minha casa mando eu, fique você sabendo.

CATARINA - Então você vai se entender diretamente com ele, quando ele chegar aí, em vez de se esconder no galpão do quintal, como fez da outra vez.

JERONIMO - Eu não tenho nada que me entender com ele. Tenho que me entender é com você que me trouxe a cliente e ficou responsável por ela.

CATARINA - Mas escute aqui, homem: você quer que ela morra na sua casa? É isso que você quer? Já pensou na tremenda complicação em que vai se meter, já pensou?

JERONIMO - Mas quem foi que lhe disse que ela vai morrer?

CATARINA - O doutor Cícero. Disse que não sabe se vai poder salvá-la. Que ela está num estado miserável. Sua mulher ouviu tudo que ele disse.

JERONIMO - E que é que o doutor Cícero entende, destes casos, mais do que eu e minha mulher?

CATARINA - Ora, Jerônimo, tire o cavalo da chuva. O doutor Cícero é um médico formado. Um homem que envelheceu na prática da medicina. Você um charlatão que se guia por um curso de enfermagem que a sua mulher nem chegou a completar, há quinze ou vinte anos passados.

ELISA - Olhe aqui, oh velhota. Discuta lá com ele como quiser, mas deixe-me sozinha; está ouvindo? Chegaram os desaforos que ouvi do bode barbado, sem poder responder.

CATARINA - Jerônimo, deixe de ser besta, homem. Você não vê que se prejudicará muito se essa mulher morrer na sua casa?

JERONIMO - Que me prejudica, coisa nenhuma. Prejuízo vou ter eu, se ela sair. Ou você está pensando que eu vou me dar por muito bem pago, com os duzentos e cinquenta mil cruzeiros que você me deu? E os dias que ela esteve aí, incomodando a gente com os seus gemidos, os seus ataques de histeria e que gastarmos com alimentos, ela e você?

CATARINA - Ah!... Então a questão é esta? Mais dinheiro?

JERONIMO - Mais dinheiro, sim, porque aquele que você me deu, nesta altura já não representa nada, em face dos gastos que fui obrigado a fazer nestes quinze dias que passaram.

CATARINA - ~~Gastou~~ ~~com~~ ~~o~~ ~~que~~ ~~gastou~~? Se a pobre infeliz tomava apenas colheradas de sopa



JERONIMO - Ah, você queria que ela comesse feijoada, mocotó e camarão a baiana? Não sabe que doente precisa ter dieta?

CATARINA - Sei. Mas ela não tinha dieta alguma, aqui. Gastava o que? Meio litro de leite por dia, no máximo e umas colheres de caldo de sopa, da mesma sopa que ia para a mesa no nosso almoço. Qual era a dieta especial que se fazia para ela? Nenhuma.

JERONIMO - Ah sim? E os calmantes que ela tomava?

CATARINA - Chás de ervas do campo que você comprava na feira por uma ninharia. Recebeu duzentos e cinquenta mil cruzeiros e ainda acha pouco? Ora não amole, Jerônimo. Deixe de ser explorador, é o que é.

JERONIMO - Si ela fosse para um hospital e ficasse quinze dias, eu queria ver quanto iam ter que pagar, no dia que recebesse alta. E iria mais ficando uma pessoa como acompanhante, como ficou você aqui com ela. No mínimo, a brincadeira ia custar, para vocês, uns setecentos ou oitocentos mil cruzeiros. Ou você acha que não?

CATARINA - Bem, mas isso era se ela ficasse num hospital, com todo o tratamento e alimentação adequada e não numa quasi maloca, como é esta casa e, praticamente, morrendo à mingua.

JERONIMO - Ah, pois é e ainda por cima tiram o coxo onde até hoje comeram. Pois seja maloca ou não seja, eu exijo que me paguem mais duzentos e cinquenta mil cruzeiros ou, do contrário, não permitirei que a removam daqui.

CATARINA - Está bem, você não consente, não é? Pois eu vou lavar as minhas mãos, como Pilatos e você se entenda com o marido dela, ou com o doutor Cícero. Não demora, ele está aí, para buscá-la. Eu o apresento a você e fim. Para falar a verdade Elisa pode ver o desejo que ele demonstrou em conhecer o "colega" que fez tão belo serviço em dona Eugênia. Vai cair a sopa no mel, como se costuma dizer. Pode ser que ele pague os outros duzentos e cinquenta mil cruzeiros que você exige. Eu não os tenho.

TECNICA - EXPLOSAO MUSICAL, FUNDE COM MUSICA DE ENCERRAMENTO DO CAPITULO.

---



TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

- JERONIMO - Eu exijo que me paguem mais duzentos e cinquenta mil cruzeiros, ou, do contrário, não permitirei que a removam daqui.
- CATARINA - Está bem, você não consente, não é? Pois eu vou lavar as minhas mãos como Pilatos e você se entenda com o marido dela, ou com o doutor Cícero. Não demora êle está aí, para buscá-la. Eu o apresento a você e fim. Para falar a verdade, Elisa pode ver o desejo que êle demonstrou em conhecer o "colega" que fez tão belo serviço em dona Eugênia. Vai cair a sopa no mel, como se costuma dizer. Pode ser, até, que êle pague os outros duzentos e cinquenta mil cruzeiros que você exige. Eu não os tenho.
- JERONIMO - Eu já lhe disse que o meu trato foi feito com você. Não tenho nada que ver com seu Petrônio nem com doutor Cícero.
- CATARINA - Eu também podia alegar que o trato que você fez comigo foi o de me dar dona Eugênia boa em menos de uma semana. Cinco ou seis dias; não foi o que você disse?
- JERONIMO - Mas eu não podia prever que, justamente com ela, fôsse acontecer isto.
- CATARINA - Nem eu, tão pouco. Então você pensa que eu me arriscaria ao que estou passando, se você não me desse as garantias que deu? Quer dizer que essa infelicidade toda vai rebentar nas nossas costas? A você não toca nem uma parcela? Essa é muito boa. Eu também tenho o direito de alegar que o que está sucedendo é produto da sua incompetência e da sua ignorância. E tenho ainda o direito de reclamar que para as outras clientes você cobra, em média, de trinta e cinco mil a cinquenta mil cruzeiros. De nós recebe cinco vezes mais e não está satisfeito?
- JERONIMO - Mas eu lhe disse que o trabalho não seria tão fácil como os outros, por que já estava passando do tempo de ser feito. E você quiz assim mesmo. E concordou com o preço que fiz. Não tem o direito de reclamar contra êle, agora.
- CATARINA - Eu não reclamei. Eu paguei o que você pediu. Você é que não tem o direito de querer exigir mais agora.
- C/REGRA - CAMPAINHA DE PORTA DE RUA.
- CATARINA - Olhe, deve ser o doutor. Quer atendê-lo e discutir com êle?
- JERONIMO - ~~Não~~. Atenda você e faça lá o que entender, mas de uma coisa fica avisada. Eu não perdôo o pagamento da segunda parcela e vou lhe incomodar



JERONIMO - (CONTINUAÇÃO) tantas vezes na sua casa, que por fim você vai me pagar para não ter que ver a minha cara. E ainda lhe dou um segundo aviso.

CATARINA - Pode dar.

JERONIMO - Triste de você se pretender passar-me para traz. Eu sou homem de poucas ameaças, mas aquelas que faço são sempre cumpridas.

C/REGRA - REPETE O TOQUE DE CAMPAINHA, DESTA VEZ MAIS DEMORADO.

CATARINA - Está bem. Se você é homem de poucas ameaças, eu não sou mulher de ameaçar, mas de fazer.

JERONIMO - Vá uma vez atender o doutor que ele está aflito. Não o faça esperar mais.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL FORTE.

ARABELA - Si você tivesse chegado da Igreja um pouquinho antes, teria encontrado aqui o doutor Cícero que veio trazer notícias de Eugênia.

TEREZA - Óra, que pena! Eu gostaria de ter falado com ele. Como é que ele acha que ela vai?

ARABELA - Não acha ela bem, não, Diz que está fazendo tudo para salvá-la, mas que até que ela comece a apresentar sinais de reação que não devemos ter nenhuma esperança. Que o caso dela é muito sério.

TEREZA - Coitada da dona Eugênia! Tanto que eu fiz para evitar o que aconteceu, mas não adiantei nada. A outra parece que trouxe um convite do diabo e ela, infelizmente, o aceitou. Eu estava prevendo tudo isto que está acontecendo agora. Parece que o meu coração adivinhava.

ARABELA - Hoje, cedo, ele a removeu para uma Clínica particular, onde disse que ela está sendo muito bem atendida.

TEREZA - E essa clínica onde é? Ele não disse o endereço?

ARABELA - Deixou-o num papelsinho ali naquela cestinha de cristal que está em cima daquele console. Mas é só para a gente saber, porque parece que lá não consentem o pernoite das pessoas da família. Eles têm gente especializada para passar a noite com os doentes.

TEREZA - Bem, mas pelo menos eu vou até lá e tentarei vê-la. (PAUSA) É na rua Voluntários da Pátria, em Botafogo. Aho que amanhã de manhã vou dar um jeito de ir até lá.

ARABELA - O doutor Cícero disse que ela nem conhece as pessoas. Que nem vale a pena perder-se tempo de ir até lá. Que ela nem fica sabendo.

TEREZA - Bem, mas o que eu vou fazer não é para que ela saiba. Eu é que quero vê-la. Constatar com os meus próprios olhos como ela está. E quero, também, ver se encontro aquela negera, para dizer-lhe, na cara, tudo o



TEREZA - (CONTINUAÇÃO) que penso a respeito dela e acusá-la como responsável direta de tudo que está se passando com dona Eugênia.

ARABELA - Eu lhe aconselharia a não mexer com essa mulher. Pelo que você me conta, deve ser perigosíssima. Sabe que eu tinha vontade de avistá-la para ver si é, realmente, aquela que esteve em minha casa?

TEREZA - Seu Rodrigo afirma que é, mesmo sem a ter encontrado ainda. Ele me disse que a sua ~~me~~ tinha cabelo castanho claro e<sup>a</sup> que está com dona Eugênia usa os cabelos pretos, mas isso não quer dizer nada, porque já vi, na lata de lixo, vidros de tintura de cabelo, o que é uma prova de que ela os pinta.

ARABELA - Você sabe o que é que ainda se deixa na dúvida? O fato dela não ter mudado de nome. Acho que se fosse ela, não deixaria o mesmo. ~~XXXXX~~

TEREZA - Mas isso também se explica facilmente: como nem o seu Rodrigo, nem a senhora frequentavam a casa de dona Eugênia, pelas razões que sabemos, ela pensou que não valesse a pena trocá-lo.

ARABELA - É... pode ser... mas eu ainda tenho as minhas dúvidas.

TEREZA - Quer ir comigo, amanhã, à Clínica em Botafogo? Com toda a certeza ela deve estar por lá e a senhora poderia matar as suas dúvidas.

ARABELA - Não, Tereza, não vou. Não quero nem que meu genro saiba que estou me interessando por Eugênia, quanto mais que lhe diga que andei lá. Vá você sózinha e traga-me as notícias.

#### TECNICA - PASSAGEM MUSICAL

CATARINA - Como é que ela está, agora de tarde?

ENFERMEIRO - Tenho a impressão de uma leve melhora. Vamos ver o que diz, à noite, o doutor Cícero.

CATARINA - Será que ele vai me deixar ficar com ela?

ENFERMEIRO - Não creio. Ele não quer nem que ela receba visitas de dia. Fez-me recomendações expressas, neste sentido. Até vou lhe pedir que não diga a ele que lhe deixei entrar para vê-la. Ele ficará muito zangado comigo.

CATARINA - Pode ficar descansado que eu não serei capaz de comprometê-lo. A que horas, mais ou menos, ele voltará aqui?

ENFERMEIRO - Penso que entre as dezenove e vinte horas. Antes de ir para a casa jantar. Pelo menos é esse o seu hábito. Si ele hoje vai fazer diferente, não sei. Como ela está passando mal, pode ser que ele venha mais cedo.

CATARINA - Quero ver se o convenço a me deixar ficar.

ENFERMEIRO - Tente, mas eu não acredito muito que consiga, não. A senhora é enfermeira formada?

CATARINA - Não, mas tenho muita prática dessas coisas. E depois dona Eugênia está



CATARINA - (CONTINUAÇÃO) muito acostumada comigo. Sou sua empregada há muitos anos e tenho estado sempre à sua cabeceira, quando ela tem qualquer problema de saúde. Agora mesmo, quando foi fazer esse trabalho, ela me pediu que fosse com ela. Eu fui e estive sempre lá.

ENFERMEIRO - Mesmo assim eu não acredito que ele deixa a senhora ficar. Seu método nos casos como este, é afastar a paciente por completo de qualquer pessoa que lhe seja familiar.

C/REGRA - PASSOS DE SENHORA QUE SE APROXIMAM.

TEREZA - Boa tarde.

ENFERMEIRO - Boa tarde, senhora.

TEREZA - Por favor, o quarto de dona Eugênia Larré é este aqui?

ENFERMEIRO - É, sim senhora, mas não pode entrar.

TEREZA - Por que não?

CATARINA - É ordem do médico. Ordem expressa.

TEREZA - Não me dirigi a você. Estou falando aqui com o senhor enfermeiro.

CATRINA - Ele vai lhe dizer o mesmo que eu estou dizendo.

TEREZA - Não importa. ~~Eu~~ Falei com ele, não foi com você. Por favor, eu queria, apenas, dar uma espiadinha nela, mesmo de longe. Será que o senhor não vai me permitir fazer isto?

CATARINA - Não pode permitir, não, porque eu também quis fazer isso e ele não deixou, portanto a lei deve ser igual para todos.

TEREZA - Você quer fazer o favor de não se meter na minha conversa com o senhor enfermeiro? Eu não quero saber de nada com ~~esse~~ <sup>você</sup>, ouviu bem? E vou lhe fazer uma advertência muito séria: se você continuar a meter a sua colher torta no meu pirão, vai acabar por obrigar-me a dizer ao senhor enfermeiro quem é você e tudo que ~~eu~~ tem feito.

ENFERMEIRO - Eu pediria às senhoras que não discutissem aqui na porta do quarto da enferma, porque ela tem, às vezes, uns momentos de lucidez e, reconhecendo as vozes das senhoras, poderia voltar a ter uma crise que só lhe poderia causar prejuízos. Tem uma saleta de visitas ali no meio do corredor, as senhoras poderiam ir para lá, procurar um entendimento.

TEREZA - Não me interessa conversar com essa mulher e, menos ainda, procurar qualquer entendimento com ela. Vou ficar aqui, para esperar o doutor Cícero, pois não me conformo de ter que voltar, sem ao menos olhar de longe dona Eugênia, coitada.

ENFERMEIRO - Bem, se promete olhá-la daqui da porta, sem avançar um passo ou trocar uma só palavra com ela, eu deixarei que a senhora abra a porta e olhe.



TEREZA - Prometo e pode ficar certo de que não faltarei à minha palavra.

G/REGRA - RUIDO DE ABRIR DE LEVE UMA PORTA.

ENFERMEIRO - (MEIA VOZ) Olhe.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL QUE TRADUZA GRANDE SUSTO.

TEREZA - Meu Deus!... Está irreconhecível, a pobresinha!...

ENFERMEIRO - Cuidado! Ela pode estar acordada e ouvir o que a senhora diz.

TEREZA - O que a maldade humana é capaz de fazer a uma pobre mulher que não tem um  
paro de ninguém!...

ENFERMEIRO - Cêega. Deixe-me fechar a porta, que o doutor Cícero pode aparecer por  
aí e eu seria muito prejudicado si êle chegasse a surpreendê-la.

G/REGRA - PORTA QUE SE FECHA COM BARULHO DISCRETO.

TEREZA - Agradeço-lhe muito a deferência. Mais tarde telefonarei ao doutor Cícero,  
para oferecer-lhe os meus serviços. Mais uma vez obrigada e passe bem.

ENFERMEIRO - Passe bem, minha senhora.

G/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM (DE MULHER)

ENFERMEIRO - Saiu sem nem olhar para o seu lado. Que tem ela contra a senhora?

CATARINA - Ciúme. Puramente ciúme porque a patrão sempre me deu preferência.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL FORTE PARA SEPARAÇÃO.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - MÚSICA PARA ABERTURA DA SEGUNDA PARTE DO CAPÍTULO.

PETRONIO - Foi bom que viesse cedo. Estive muito preocupado esta noite por falta de  
notícias. Como vai ela?

CATARINA - Não sei, porque o doutor não me permitiu ficar no quarto e passei a noite  
inteira na saleta de espera, recebendo notícias, de vez em quando, por in-  
termédio do enfermeiro que lá ficou de plantão.

PETRONIO - E você não tentou subornar o enfermeiro? Dificilmente ele teria resistido  
a uma boa proposta. Essa gente ganha pouco, passa muitas necessidades, es-  
pecialmente se tem família e então a necessidade se faz transformar na nose-  
sa mais forte aliada.

CATARINA - Fiz tudo que era humanamente possível fazer, ao primeiro contacto. Não  
lhe disse claramente "vou lhe dar uma boa importância em dinheiro", pode-  
ria ofendê-lo e até provocar a sua revolta, mas prometi-lhe um "bom pre-  
sente" e êle apenas me permitiu olhá-la à porta, sem me aproximar ou fa-  
lar-lhe.

PETRONIO - Já é um passo para o que desejamos. E nessa olhada que você deu, de lon-  
ge, não percebeu nenhuma melhora?







- CATARINA - Eu já tenho, até, o plano todo pensado. Rouba-se lá meia dúzia de porcearias, remexe-se todas as gavetas, espelham-se as roupas pelo chão e arromba-se uma das janelas da cosinha que dão para o quintal, para fingir que os ladrões entraram e saíram por lá. Tudo isso feito de luvas e não haverá perigo nenhum.
- PETRONIO - Você é uma mulher de coragem, Catarina. Eu admiro você por causa disto.
- CATARINA - Que é que vai se fazer? A dor ensina a gemer.
- PETRONIO - Pois então já sabe. Não deixe para amanhã o que pode fazer hoje.
- CATARINA - Não deixarei. Esteja descansado.
- TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL DE GRANDE EFEITO.
- ARABELA - Conseguiu vê-la?
- TEREZA - Apenas de longe. Não houve súplica que convencesse o enfermeiro. Mas a senhora não pode fazer uma pequena ideia de como está desfeita, a pobre. Si eu não soubesse que era ela, talvez não a tivesse reconhecido.
- ARABELA - Coitada! Olhe que tem sofrido essa criatura! Eu chego a pensar, por momentos se a morte não seria um descanso para ela.
- TEREZA - Cruzes, dona Arabela! Então seria o caso de descrever de Deus que é tão bom e tão justo. Ela tem que ficar boa, encontrar o filho e viver ainda muito feliz com ele.
- ARABELA - É, se o fihal fôr este... Deus permita que tudo isto aconteça.
- RODRIGO - Não sabe si ela conhece as pessoas? O enfermeiro não disse?
- TEREZA - Disse que não. Que não conhece.
- RODRIGO - Eu quero ir vê-la e levar-lhe o meu apoio moral, mas só depois que ela atine. Enquanto não conhecêr, eu prefiro não ir. Não gosto de ver o sofrimento de ninguém. Fico completamente inutilizado.
- ARABELA - Eu se fosse você, meu filho, não se expunha. Olhe o que contou a Tereza. A tal de Catarina, que ainda não sabemos quem é, está lá, firme, o dia todo, como um cão de guarda.
- RODRIGO - Mas não dizem que ninguém pode entrar? Como é que ela está lá?
- TEREZA - Mas ela não entra. Fica o dia inteirinho na saleta de espera e dizem que a noite também.
- ARABELA - Ela quererá tanto assim a Eugênia? Não faz tão pouco tempo que está lá?
- TEREZA - Ela tem medo que dona Eugênia fale alguma coisa que possa comprometê-la. Na minha opinião é só por isto.
- RODRIGO - Ou então quem sabe se ~~xxx~~ foi recomendada por papai.
- ARABELA - Também pode ser. E, si fôr este o caso, precisaremos ter, ainda, maior cuidado.



RODRIGO - Parece-lhe, vóvó?

ARABELA - Claro, meu filho. Diante da suspeita que seu pai levantou entre você e Eugênia, você agora está impossibilitado de fazer muita coisa que não teria nenhum mal, mas que pela tranquilidade sua e principalmente de sua noiva, você não pode fazer, sem correr grave risco.

RODRIGO - É isto mesmo, vóvó, a senhora tem toda razão. Principalmente por Leila eu devo evitar qualquer comentário ou qualquer nova suspeita.

ARABELA - Você já viu como seu pai marca fundo o seu ódio e quanta coisa tivemos que inventar para anular as investidas dele. Quando me lembro que até o infeliz do Luiz Henrique teve que passar por médico...

RODRIGO - E por falar nele, onde será que anda aquele pobre diabo?

ARABELA - Sei lá! Fiquei tão enojada da sua covardia que nunca mais quis saber dele. Deve andar por aí, batendo com a cabeça nas paredes e passando muitas necessidades, porque eu lhe dava grande ajuda. Tinha pena dele e dava.

RODRIGO - Bem, eu vou fazer a minha visita a Leila. Não querem nada da rua?

TEREZA - Eu queria que quando você voltasse me levasse novamente para casa.

RODRIGO - Por que? Fique aí com Vóvó. Ela está tão satisfeita com a sua companhia.

TEREZA - Mas hoje eu quero dormir lá, porque amanhã vou ver umas roupas de dona Eugênia, para levar, bem cedo, na clínica. Não quero mais que a coitadinha vista aqueles aventalões lisos, sem uma rendinha... um bordado... ela que tem tanta roupa bonita...

ARABELA - Mas é por que você não vai amanhã bem cedo em casa, arruma tudo e, de lá, vai à clínica?

TEREZA - Porque eu quero fazer isto antes "dela" e assim prefiro ir hoje mesmo. Você não vem muito tarde, vem?

RODRIGO - Não. O mais tardar dez e quinze eu devo estar em casa.

TEREZA - Pois então? E lhe custa me levar hoje?

RODRIGO - Absolutamente. Não custa nada.

TEREZA - Pois então eu vou esperar por você e durmo lá esta noite.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL FORTE, PARA SEPARAÇÃO. FUNDE COM RELÓGIO DE TORRE, BATENDO AFASTADO, ONZE HORAS DA NOITE.

CATARINA - Onze horas. A velha já deve estar deitada. À meia noite eu compro o porteiro, digo que vou tomar um café, saio e vou lá de taxi. Antes da uma hora da madrugada posso estar de volta, sem que ninguém suspeite o que fui fazer. paro o táxi umas duas quadras antes, e enquanto finjo que procuro a chave na frente de uma porta qualquer ôle arranca e eu vou a pé



TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL, FUNDE COM O MESMO RELOGIO ANTERIOR, BATENDO AS DOZE HORAS.

CATARINA - Meia noite. Acho que agora a velha já deve estar no bom do sono. Já tive o cuidado de inutilizar a trança, de formas que ela não poderá fechar ~~em~~ a porta senão com a chave. As luvas já estão aqui comigo. Parece-me que já é tempo de ir andando. Mesmo de taxi, antes de meia hora não chegarei lá. Tenho que levar a minha garrafa termal, para dizer ao porteiro que vou buscar café.

C/REGRA - PORTA QUE SE ABRE EM SEGUNDO PLANO, FECHANDO-SE MANSAMENTE.

CATARINA - Que há? O senhor parece meio assustado. Ela não está bem?

ENFERMEIRO - Não me parece pior, mas... está pedindo um padre. Não sei o que pensar sobre este pedido dela.

CATARINA - E haverá algum inconveniente que o confessor da família atenda ao pedido dela?

ENFERMEIRO - Não. Inconveniente não há. Mas quem irá chamá-lo? Ele tem telefone?

CATARINA - Não é preciso. Eu apanho um taxi na esquina e vou buscá-lo. Basta que o senhor fale com o porteiro para autorizar a minha ida e depois a volta com o sacerdote.

ENFERMEIRO - Sim, sim... eu vou fazer isto agora mesmo.

C/REGRA - PASSOS QUE SE APASTAM E SE PERDEM NA DISTANCIA.

CATARINA - Parece até que o diabo me ajuda. Faço o trabalho que tenho que fazer em dez ou quinze minutos, vou buscar o padre e volto para cá. Quem poderá duvidar, depois, da palavra de um sacerdote?

TÉCNICA - EXPLOSAO MUSICAL FORTE, FUNDE COM MUSICA PARA ENCERRAMENTO DO CAPITULO.

---



5º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

ENFERMEIRO - Ela está pedindo um padre.

CATARINA - E haverá algum inconveniente em que o confessor da família atenda a esse pedido?

ENFERMEIRO - Não, inconveniente não há. Mas quem irá chamá-lo? Ele tem telefone?

CATARINA - Não é preciso. Eu apanho um taxi na esquina e vou buscá-lo. Basta que o senhor fale com o porteiro para autorizar a minha saída e depois a volta com o sacerdote.

ENFERMEIRO - Sim, sim... eu vou fazer isto, agora mesmo.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM E SE PERDEM NA DISTÂNCIA.

CATARINA - (meio tom) Parece até que o diabo me ajuda. Faço o trabalhinho na velha em dez ou quinze minutos, vou buscar o padre em seguida e volto para cá. Quem, depois, se atreverá a duvidar da palavra de um sacerdote? (PAUSA) (TOM) Mas eu podia aproveitar que dona Eugênia está sósinha para falar com ela, enquanto o enfermeiro não vem. Seria conveniente chamar-lhe a atenção sobre o que ela vai dizer ao padre.

C/REGRA - PASSOS QUE SE APROXIMAM, VINDOS DE LONGE.

CATARINA - Que pena, já não dá mais. Ele aí vem de volta. E eu gostaria de lhe ter feito algumas recomendações. Não teriam sido demais. (ALTO) O senhor foi até à porta e voltou nesse tão curto espaço de tempo?

ENFERMEIRO - Não foi preciso. Encontrei o porteiro logo ali, na metade do corredor. Ele já está avisado que a senhora vai sair e voltará com o padre.

CATARINA - Então eu já vou indo, para não demorar.

ENFERMEIRO - A senhora vai de taxi?

CATARINA - Naturalmente. A esta hora da noite, que outra condução eu poderia tomar?

ENFERMEIRO - Então peça à telefonista para chamar um no ponto, assim a senhora não precisará andar quasi duas quadras até lá.

CATARINA - É o que eu vou fazer. Posso deixar esta maletinha aqui?

ENFERMEIRO - Não, a senhora me dê que eu guarde aqui dentro do quarto. É melhor.

CATARINA - Não tem nada de valor. Uma garrafa termal, um pacote de sandwiches, um guardanapo e duas ou tres peças de roupa interior.

ENFERMEIRO - De qualquer maneira não vale a pena arriscar-se a perder coisas que são úteis e podem fazer falta.

CATARINA - Ah bom, isso é verdade. Aqui está ela. E agora com licença que eu vou



CATARINA - (CONTINUAÇÃO) buscar o padre antes que dona Eugênia reclame a demora.

ENFERMEIRO - É bom, sim. Vá de uma vez.

CATARINA - Penso que em trinta ou quarenta minutos, estarei de volta.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL. RUIDO DE AUTOMÓVEL EM MOVIMENTO.

CATARINA - O senhor pode parar aqui mesmo. É ali naquela casa amarela.

TÉCNICA - RUIDO DE ANDAR UM BREVE MOMENTO E PARAR AUTOMÓVEL.

VOZ - Aqui, Madame?

CATARINA - Está bem. Quanto deu?

VOZ - (DEPOIS DE PAUSA) Novecentos e sessenta cruzeiros.

CATARINA - (PAUSA) Está aqui. Mil cruzeiros. Pode guardar o troco.

VOZ - Obrigado, Madame. Boa noite.

C/REGRA - ABRIR PORTA DE AUTOMÓVEL. DESCIDA NA CALÇADA. BATER PORTA DE AUTOMÓVEL.

TÉCNICA - AUTOMÓVEL QUE ARRANCA E SEGUE ATÉ QUE O RUIDO SE PERDE. PASSOS NA CALÇADA, SEMPRE EM PRIMEIRO PLANO. MÚSICA DE SUSPENSE ACOMPANHA PASSOS.

C/REGRA - VAI FAZENDO OS PASSOS JUNTO COM A MÚSICA. DEPOIS DE ALGUNS MOMENTOS, CESSAM OS PASSOS. RUIDO DE CHAVE NA FECHADURA. LINGUETA DE CHAVE QUE DÁ VOLTA. PORTA QUE ABRE COM BARULHO DISCRETO. PESSOA ENTRA COM PASSOS DA CALÇADA, PARA A MADEIRA. PORTA QUE FECHA COM RUIDO DISCRETO. CHAVE.

CATARINA - O melhor de tudo é entrar naturalmente, para não assustá-la.

C/REGRA - RUIDO DE ACENDER CHAVE DE LUZ.

CATARINA - Acender a luz... caminhar normalmente...

C/REGRA - PASSOS EM PRIMEIRO PLANO, SEMPRE ACOMPANHADOS POR MÚSICA DE SUSPENSE.

CATARINA - Ela deve estar no bom do sono, o que muito facilitará a minha tarefa, mas se por acaso estiver acordada, será mais fácil entrar naturalmente no quarto dela, estabelecer uma conversação qualquer e, no momento mais oportuno, dar-lhe um golpe rápido e firme, que não lhe permita defender-se, nem gritar. E tudo deve ser feito em dez minutos, no máximo.

C/REGRA - PARAM OS PASSOS.

CATARINA - Aqui está a porta do seu quarto, apenas encostada. E ela deve estar dormindo, porque, do contrário, já teria falado. Que será melhor fazer? Entrar sem aviso... ou bater à porta? (PAUSA) Talvez seja melhor entrar. E si eu chegar até junto da cama, sem que ela se acorde... quando quiser falar será tarde demais.

C/REGRA - PASSOS LEVES SEMPRE EM 1º PLANO. A MÚSICA ACOMPANHANDO SEMPRE.

TÉCNICA - MÚSICA DE SUSPENSE, ACOMPANHANDO OS PASSOS. DE REPENTE!!!

C/REGRA E (JUNTOS) SUSPENDE OS PASSOS.  
TÉCNICA SUSPENDE A MÚSICA.



CATARINA -(FALANDO QUASI EM SEGREDO) Ué... que coisa estranha... não ouço nem a respiração dela... que terá acontecido? (PAUSA) Não há outra solução, vou ter que fazer a luz.

C/REGRA - RUÍDO DE ACENDER CHAVE DE LUZ.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

CATARINA Como?!... A cama está vazia?!...Onze esse velho tonta terá ido, a esta hora da noite? (RAIVA CONFIDA) E eu que pensava ver-me livre desse trag te hoje, vou ter que aguardar uma outra oportunidade!

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA MUDANÇA DE CENA.

RODRIGO - Eu estou numa falta grande com a senhora, dona Tereza, mas espero que me perdôe.

TEREZA - Não tem importância. Não vou brigar com o senhor por causa disto.

RODRIGO - Mas foi uma coisa muito desagradável. Dona Sílvia estava doente, eu fui com Leila procurar o remédio que ela costuma tomar, depois voltamos e eu fui ficando, sempre à espera que ela melhorasse. Quando me lembrei do compromisso de vir mais cedo para levá-la em casa... era quasi uma hora da madrugada. Ai calculei, logo, que a senhora já teria desistido.

TEREZA - Até às onze e meia eu ainda esperei, mas depois o cansaço me venceu e eu não tive remédio sinão ir deitar-me. Mas não me zanguei, pode estar certo. Logo imaginei que teria havido um contratempo.

RODRIGO - Houve, realmente, mas de qualquer forma foi uma destenção minha, porque não custava ter telefonado para a senhora avisando que não poderia vir na hora marcada.

TEREZA - Não tem importância. Nem pense mais nisto. Agora de manhã vou até lá para recolher as roupas que quero levar e na primeira hora da tarde vou à clinica. Já telefonei para lá e ~~mas~~ me disseram que ela passou uma noite calma, mas clinicamente não podiam informar nada, porque o médico ainda não tinha ido.

RODRIGO - Coitada de dona Eugênia! Como tem sofrido! Quando a senhora chegar a falar com ela, por favor explique-lhe os motivos da minha ausência. Sei que sou sempre observado de longe e não é conveniente que complique, ainda mais, a situação dela e a minha. Penso que ela vai compreender, não lhe parece?

TEREZA - Claro que sim. Ela tem, até, muito pezar de ter oriado esta situação entre você e seu pai. Seguidamente me falava nisto.

RODRIGO- Mas não foi ela quem criou a situação. Então eu tambem posso achar que fui eu, segurando <sup>de</sup> a mão ~~para~~ para ver a aliança de brilhantes que ela



- RODRIGO - (CONTINUAÇÃO) havia recebido de presente do papai. Foi êle, unicamente êle que criou tudo aquilo e hoje estou absolutamente convencido de que puramente por doença mental. Não pode ser outra coisa.
- TEREZA - Havia uma alma danada que seguidamente telefonava para lá, nas horas em que êle estava, e dizia uma série de coisas que nós nunca ficamos sabendo o que era, mas cada vez que isso acontecia, ele voltava do telefone carrancudo e mal humorado. Dona Eugênia, coitada, na melhor das intenções, aconselhou-o a que não atendesse mais telefonemas anônimos, para não se aborrecer, como o fazia, e geralmente nas horas de refeição. Esse conselho, vindo exatamente dela que nem sequer suspeitava ser o pivot daquela maldade, complicou ainda mais a situação, aumentando-lhe as desconfianças. A coisa foi indo, foi indo, foi indo... e acabou por corroer totalmente os últimos vestígios de bom senso que ainda existiam no seu cérebro de então. E foi quando se deu aquela explosão.
- RODRIGO - Parece até mentira que alguém possa se comprazer em destruir a felicidade de um lar, inventando calúnias sôrdidas como essa que teve a maléfica propriedade de separar, completamente, de um só golpe, três criaturas amigas e que se estimavam verdadeiramente! Meu pai... minha madrasta... e eu! Nem sei o que mais deva lamentar, si a separação deles, ou a minha. Enfim... paciência! Estava escrito que nós teríamos que seguir a vida por caminhos separados e aquilo que ~~fix~~ o destino escreveu, não há vontade que apague!
- TECNICA - CORTINA MUSICAL FORTE, PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.
- JERONIMO - Catarina está se fazendo de boba, ~~amigax~~ mas não pense ela que eu vou perdoar a dívida que tem comigo. Vou incomodá-la tantas vezes que vou acabar vencendo-a pelo cansaço.
- ELISA - Cuidado, Jeronimo! Olhe que o marido da moça é pessoa influente na policia e você, com a sua ganância, pode acabar se complicando, por causa de um pouco mais de dinheiro.
- JERONIMO - Um pouco mais de dinheiro? Você pensa que eu vou cobrar mais trinta ou quarenta mil cruzeiros? Nada disto. Cobrei duzentos e cinquenta mil cruzeiros por sete dias, ela ficou quinze vou cobrar outro tanto. E ela vai pagar, Elisa. Garanto-lhe como ela vai pagar.
- ELISA - Eu não sei, Jerônimo, essas questões de dinheiro é sempre voocê quem decide, mas ela também não tem culpa que o trabalho não fosse bem feito. E acho que você já teve muita sorte de se livrar dela ainda com vida. Já



ELISA - (CONTINUAÇÃO) pensou si ela tivesse morrido aqui em casa? Nós iam<sup>os</sup> ter que, fatalmente, prestar contas à polícia. Por isso, acho que devemos levar as mãos para o céu e evitar provocar a ira daquela gente.

JERONIMO - Si eu fôsse atrás dos seus conselhos, não teria, hoje, a metade do que tenho. Você está cansada de saber que eu não boto corrida pra perder.

ELISA - Eu sei, mas com gente influente o páreo é duro. Além disto, a forma como ganhamos o dinheiro é condenada por lei e só isto basta para impedir que elevemos nossa voz para gritar falsos direitos.

JERONIMO - Parece mentira, Elisa, que você, uma mulher madura e experiente, ainda acredite ~~exata~~ em leis e em direitos. Você ainda não aprendeu que a lei mais forte é o dinheiro e com êle se anulam todos os direitos?

ELISA - Aprendi que um pobre soldado, cuja única arma é uma carabina, não deve, ja mais, investir contra um forte de pedra, cujos soldados estão guarnecidos e armados até aos dentes. Seu Petrônio é um homem riquíssimo e, por isso mesmo muito poderoso. Avançar contra êle um piqueu do seu porte parece-me uma temeridade. Em todo caso, você sempre fez o que quiz... proceda como entender. Eu lavo as minhas mãos!

TÉCNICA - MÚSICA FORTE PARA FINALDA 1ª PARTE DO CAPÍTULO.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - MÚSICA FORTE PARA ABERTURA DA 2ª PARTE DO CAPÍTULO.

PETRONIO - Já pediu notícias hoje para a clínica, senhorita Cláudia?

CLAUDIA - Já, senhor Petrônio. Disseram que passou a noite mais calma, parecendo melhor, mas que nada podem dizer com segurança, porque o médico ainda não chegou.

PETRONIO - É a que horas irá? Não ficou sabendo?

CLAUDIA - Para dizer-lhe a verdade, não me lembrei de perguntar ao enfermeiro que me atendeu.

PETRONIO - Eu tenho estado nervoso e aflito com esta situação.

CLAUDIA - Eu tenho notado. Por isso mesmo gostaria de emitir um detalhe a respeito de sua esposa que talvez o impressione, mas não é justo que o faça, quando o senhor pede a verdade.

PETRONIO - Um detalhe? Que detalhe? Diga logo.

CLAUDIA - Ela pediu, ~~XXXXXXXX~~ ontem à noite, em sua cabeceira, a presença de um padre.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE. A MÚSICA FICA VIBRANDO EM FUNDO.

PETRONIO - Um padre?! Mas por que? Terá sentido que a morte se aproxima?



CLAUDIA - Não sei, mas devo confessar-lhe que foi também a primeira ideia que me ocorreu.

PETRONIO - Um padre?!... E será que seu desejo foi satisfeito?

CLAUDIA - Disse-me o enfermeiro que sim. Que dona Catarina foi buscar o confessor da família. Um tal de... (tom) Deixe ver se me lembro o nome dele...

PETRONIO - Padre Crispim?

CLAUDIA - Exatamente. Disse que o Padre esteve conversando muito tempo com ela e, quando saiu, ela já estava bastante mais calma e dormiu, a seguir, até às sete e pouco da manhã.

PETRONIO - (DEPOIS DE PAUSA) Os padres não podem dizer a ninguém o que ouvem em confissão; não é verdade?

CLAUDIA - Absolutamente. O padre que violar o segredo de uma confissão, cai em pecado mortal.

PETRONIO - Mas e se desse segredo depender a paz e a tranquilidade de um coração que se queima na chama do ciúme e da desconfiança?

CLAUDIA - Nem assim. Eles não podem trair o segredo da confissão, em hipótese alguma, e se o fizerem atentarão contra a dignidade do sacerdócio.

PETRONIO - E se o Papa mandar ao sacerdote uma licença especial neste sentido?

CLAUDIA - Bem, aí já seria diferente, mas eu não creio que o Papa fosse capaz de transgredir a uma das mais severas leis da Igreja Católica.

PETRONIO - Pois eu penso exatamente ao contrário. Acho que Ele será o primeiro a transgredir, espontaneamente, essas severas leis, desde o momento em que compreenda que elas estão ajudando a destruir, totalmente, um lar católico, onde Deus foi sempre cultuado e engrandecido. E justamente porque penso assim, é que vou me dirigir ao Papa.

CLAUDIA - Faz bem. Faz muito bem. Nunca se deve abandonar uma ideia, sem, pelo menos, tentar executá-la.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL FORTE. FUNDE COM MÚSICA RELIGIOSA EM ÓRGÃO PARA FUNDO.

TEREZA - Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, meu Padre.

CRISPIM - Para sempre louvado seja, minha filha. Que novidade há?

TEREZA - Vim vê-lo porque desejava conversar com o senhor.

CRISPIM - Há dias que não aparecia. Por que? Esteve doente?

TEREZA - Não, não é que... com a doença de dona Eugênia e a necessidade de ser ela internada numa clínica, Rodrigo achou perigoso que eu ficasse sózinha em casa e levou-me para junto da Avó dele. Lá, o senhor sabe, já é muito mais ~~difficil~~ longe, torna-se mais difícil vir



TEREZA - (CONTINUAÇÃO) aqui diariamente, como fazia antes. Hoje mesmo vim porque precisava falar com o senhor a respeito de dona Eugênia. É certo que o senhor ouviu-a em confissão esta madrugada?

CRISPIM - É certo, sim, minha filha. Por que?

TEREZA - Porque isto era uma coisa tão boa para mim, que eu nem queria acreditar. Diga-me Padre Crispim: e ela estava bem lúcida? Perfeitamente senhora do seu raciocínio? Ou o senhor notou qualquer perturbação nos seus sentidos?

CRISPIM - Ela está muito enfraquecida e às vezes confunde um pouco as palavras, mas a sua intenção de confessar-se, para pedir perdão a Deus e reaproximar-se d'Ele, foi autêntica. Ela sabia perfeitamente quem eu era, o papel que representava junto ao seu leito de dor, os poderes que Deus me delegava, naquele instante, para condená-la ou absolvê-la e sabia, principalmente, tudo que estava dizendo e o grau dos pecados a que se deixara arrastar.

TEREZA - Pobre dona Eugênia! Como deve ter sofrido pelas acusações constantes de sua própria consciência! Ela que foi, sempre, tão correta e virtuosa! (PAUSA E TOM) E que lhe pareceu, Padre, do seu estado de saúde? Será que ela poderá salvar-se?

CRISPIM - Só Deus o sabe, minha filha. Seu estado de fraqueza é extremo e seus nervos foram estraçalhados pelo sofrimento físico e moral, mas se o Pai de misericórdia determinar que ela seja salva, no mesmo instante o será.

TEREZA - Eu tenho rezado tanto, Padre Crispim! Tenho pedido tanto! Em qualquer hora da noite em que me acorde, meus lábios, quasi que automaticamente, começam a murmurar uma prece! E tenho a impressão de que começo a ser cuidada e atendida por Deus! Eu tinha desespero de pensar que dona Eugênia pudesse desaparecer desta vida, sem ter se arrependido dessa última e talvez a maior tolice que praticou. E tanto pedi, que ela voltou a dar acórdão de si e a sua primeira idéia, se vê que foi mandar chamá-lo. Que prova isto? Que se arrependeu de ter-se afastado tanto da Verdade e desejava voltar a Ela.

CRISPIM - Felizes aqueles que, ainda na hora extrema, sentem o dedo de Deus cotucá-lhes a consciência, fazendo com que se arrependam de todos os pecados cometidos durante a passagem pela vida terrena, pois só assim poderão garantir melhor lugar na outra vida, a eterna.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL FORTE E BONITA, PARA TRANSIÇÃO.

CATARINA - (enfuzada) Você é renitente, hein Jerônimo? Há tres dias que dá jeito de se encontrar comigo para cobrar-me uma dívida que eu não lhe devo e



CATARINA - (CONTINUAÇÃO) que já lhe declarei que não vou pagar.

JERONIMO - Bem, se você não pagar, o prejuízo será seu. Eu é que não vou me prejudicar, disso pode estar certa.

CATARINA - Por que você não vai falar com seu Petrónio e não cobra dele?

JERONIMO - E você pensa que eu já não estou disposto a fazer isto?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL QUE DÊ IDEIA DE GRANDE SUSTO.

JERONIMO - Já me lembrei, sim. Inclusive para saber, dele, quanto você cobrou pelo meu trabalho.

TÉCNICA - REPETE A VERGASTADA ANTERIOR.

JERONIMO - Sim, porque em geral os intermediários de negócios excusos, aproveitam-se do receio natural de quem os faz, para tirar tantas ou maiores vantagens do que aqueles que propriamente fazem o trabalho, mas eu não tenho receio, Catarina. Eu sou um criminoso valente. Minha mulher, seguidamente, censura-me por minha ousadia, mas a verdade é que, até hoje, nunca tive que me arrepender dela. Pelo contrário, foi ela que me deu, sempre, tudo aquilo que quize. (PAUSA) E então? Perdeu a voz e os argumentos?

CATARINA - Não. Eu estava aqui me lembrando do quanto poderíamos, juntos, usufruir. Eu com a minha inteligência... você com a sua ousadia. Você não quer trabalhar comigo?

JERONIMO - Em que bases?

CATARINA - Cincoenta por cento, está claro.

JERONIMO - E há possibilidade de bons negócios?

CATARINA - De bons é apelido. De esplêndidos negócios. Seu Petrónio é um homem riquíssimo. Tenho-o todinho na minha mão. Se trabalharmos com habilidade, teremos ali uma fonte inexgotável. Trabalho muito mais simples e menos perigoso do que esse que vocês fazem. Deixe esse negócio só para Elisa e vamos trabalhar de acordo. Só temos diante de nós um impecilho.

JERONIMO - Dona Eugênia?

CATARINA - Não. Essa vai por mim. O grande perigo é a velha Tereza, que, além de muito viva, é desconfiada como que.

JERONIMO - E você não tem um jeito de afastá-la?

CATARINA - Tenho um, sim, e já tentei outro dia, mas ela parece que sentiu de longe o perigo e foi dormir fora de casa. Esta é a primeira tarefa que teremos de executar.

JERONIMO - Executa-se. Quem fará o trabalho? Você ou eu?

CATARINA - Seria melhor se você pudesse fazer, porque como todos da família já sa



CATARINA - (CONTINUAÇÃO) bem que nós não nos quadramos muito bem, eu precisaria estar, na hora H, na companhia de pessoas cujo testemunho fosse irrefutável.

JERONIMO - Vá lá em casa, de noite. Vamos conversar direitinho sobre este negócio.

CATARINA - Vou, sim. Vou lhe fazer uma exposição de todos os negócios lucrativos que poderemos realizar.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DE CENAS.

ENFERMEIRO - Ela está ligeiramente melhor, mas ainda não fora de perigo. Por essa razão, ainda hoje a senhora não poderá entrar.

TEREZA - Não faço questão de entrar. Embora tivesse o maior desejo de vê-la e falar com ela, ofereço este sacrifício pelo seu restabelecimento.

ENFERMEIRO - Ela, geralmente, quando começa a variar, que a febre sobe muito, fala logo <sup>na senhora.</sup> ~~XXXXXXXXXX~~ Tereza é o seu nome, não é?

TEREZA - (CONTEnte) Exatamente. (ALEGRE) Ah, então ela fala o meu nome? É sinal que ainda se lembra de mim, o senhor não acha?

ENFERMEIRO - É evidente. Si não lembrasse, não falaria.

TEREZA - Pois eu vim aqui só para trazer estas roupinhas e saber notícias dela.

ENFERMEIRO - Muito bem. Vou entregar à enfermeira que toma conta desta parte. E se a senhora me permite vou voltar para junto dela porque não posso ficar tanto tempo afastado. O médico teme um colapso e a gente tem que estar atento.

TEREZA - Vá, vá, não se incomode comigo. Eu vou ficar mais um pouquinho aqui sentada, para descansar os pés.

ENFERMEIRO - Com licença, então.

C/REGRA - PASSOS POUCOS E PORTA ABRINDO E FECHANDO EM 2º PLANO.

TEREZA - (MONÓLOGO, DEPOIS DE PAUSA) Que bom que ela se lembrou de mim! Antes, pelo que sei, ela só falava em Catarina. Parece, mesmo, que está voltando à razão e ao bom senso.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM.

CATARINA - (CHEGANDO) O que?! A senhora outra vez aqui?!

TEREZA - Eu, sim. Por que? Acaso terei que lhe dar satisfações, quando quiser vir?

CATARINA - Dona Tereza, eu vou lhe fazer uma advertência muito séria. Muito séria mesmo: a senhora não procure se atravessar no meu caminho, porque sinão vai ter!

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, PARA ENCERRAMENTO DO PROGRAMA.



A MARCA DO ÓDIO

- Novela original de Erico Cramer -

37º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

TEREZA - Que bom que dona Eugênia se lembrou de mim! Antes, pelo que sei, ela só falava em Catarina. Parece, mesmo, que está voltando à razão e ao bom senso.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM.

CATARINA - (CHEGANDO) O que?! A senhora outra vez aqui?

TEREZA - Eu, sim. Por que? Acaso terei de lhe dar satisfações, quando quiser vir?

CATARINA - Dona Tereza, eu vou lhe fazer uma advertência muito séria! Muito séria, mesmo! A senhora não procure se atravessar no meu caminho, porque sinão vai ter.

TEREZA - Vai ter o que? Eu gostaria de saber o que é que vai ter.

CATARINA - Na ocasião a senhora saberá.

TEREZA - Eu, francamente, não entendo porque você acha que eu esteja me atravessando no seu caminho. Sou muito mais antiga que você, na casa é sempre merecida a mais absoluta confiança por parte de dona Eugênia. Você chegou depois, conseguiu envolvê-la com sua lábia e arrancá-la do seu verdadeiro caminho e ainda acha que eu não tenho o direito de tentar reconquistar o lugar que sempre ocupei junto ao coração de minha patrãoa? Ora deixe de ser pretenciosa. Uma grande pretenciosa é o que você é.

CATARINA - Você fala isso de despeitada, porque desde que entrei para <sup>aquela</sup> esta casa que a patrãoa a deixou de lado, para aconselhar-se unicamente comigo. Naturalmente viu logo que a senhora era uma velha decrepita e eu uma mulher ventilhada, com ideias modernas, muito mais de acôrdo com a época em que vivemos. Essa a sua grande dôr e o motivo da sua injustificada antipatia e prevenção para comigo.

TEREZA - Não. Você sabe, perfeitamente, que os motivos da minha prevenção e da minha antipatia são outros muito diferentes.

CATARINA - Não sei, não. Só o que sei é que não estou mais disposta a considerar a sua idade, o tempo que a senhora tem de casa, o seu gênio irascível e arrebatado, nada disto, e por isso advirto-lhe: a menor coisa que a senhora fizer contra mim, pode estar certa de que vai lhe onstar uma dura reação de minha parte. E depois vá se queixar ao bispo do que lhe acontecer.

TEREZA - Sem pensar que pode intimidar-me com as suas ameaças, está muito mal enganada.



TEREZA - (CONTINUAÇÃO) da. Nunca me assustei com os homens que tentaram enterrar ou modificar minha vida, vou me assustar, agora, com uma mulher igual a mim? Era só o que me faltava. Então, se isto acontecesse, eu mesma me venceria que estava decrépita, como você disse há pouco.

CATARINA - Está bem. Faça como quiser, mas depois não se queixe de que não foi avisada.

TEREZA - Sabe que mais? Chega de conversas. Eu estava aqui sentada para descansar um pouco os pés, mas que adianta descansá-los e fazer ferver a cabeça? Vou embora que já cumpri a minha missão, não tenho mais que permanecer aqui para ouvir sandices.

C/ REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM

CATARINA - Vai, velha louca, vai e espera que o teu dia há de chegar.

TECNICA & CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

RODRIGO - A senhora teve notícias de dona Eugênia hoje, vóvó?

ARABELA - Tereza foi lá, de manhã, levar-lhe umas roupas e disse que o enfermeiro falou que ela já parece estar voltando ~~à lucidez, o que não deixa de~~ ~~ser uma melhora considerável no seu estado psíquico, mas parece que~~ ~~o médico ainda não está satisfeito com a parte clínica e teme a surpresa~~ de um colapso.

RODRIGO - Mas então ela precisa estar constantemente vigiada.

ARABELA - E está. Segundo falou Tereza, ela tem enfermeiros especializados, dia e noite à sua cabeceira.

RODRIGO - Inda bem. Isto sempre nos dá um pouco menos de inquietação e de receio. Si bem que estas coisas podem ter influência ~~até um certo~~ ~~ponto,~~ <sup>porque</sup> depois que o destino riscar a data da gente do calendário da vida, não há cuidados que nos prendam por aqui. A gente vai mesmo na data e na hora que êle determinou. Não tem como fugir.

ARABELA - Pois eu já não penso assim, mas são pontos de vista e não vale discutir.  
(PAUSA E TOM) Tereza falou com você?

RODRIGO - Sobre que?

ARABELA - Sobre a volta dela para casa, hoje?

RODRIGO - Não, não falou. Mas o que é que ela vai fazer em casa, sósinha?

ARABELA - Disse que o lugar dela é lá, que ela precisa cuidar da limpeza da casa que está imunda, das roupas de Eugênia que estão todas abandonadas e uma série mais de argumentos que, a meu ver, não se justificam.

RODRIGO - É claro. Não há argumento que justifique a permanência de dona Tereza só



RODRIGO - (CONTINUAÇÃO) zinha, na idade em que está, num casarão como aquele de Papai. É um perigo não só por um atentado que possa sofrer por parte de ladrões e malféitores, como, principalmente, porque pode sentir qualquer coisa de noite e quem irá atendê-la?

ARABELA - Foi exatamente o que eu aleguei a ela. Até parece que você me ouviu falar. Mas também malhei em ferro frio, porque ela ouviu tudo que eu disse, sem contestar e ao final respondeu: "É, mas eu vou. O meu dever é ficar lá." Diante disto... nem falei mais.

RODRIGO - Eu vou conversar com ela, antes de ir embora.

ARABELA - Vá. Veja se consegue convencê-la. Diga que é por mim e porque não deseja que eu fique tão só. Pode ser que essa alegação a comova.

RODRIGO - Era exatamente para esse lado que eu pretendia levar a conversa.

ARABELA - Então vá falar com ela agora mesmo. Ela deve estar no quarto.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

JERONIMO - Acho que você vai perder o seu agente de negócios e vai ter que trabalhar sósinha.

ELISA - Por que essa novidade, agora?

JERONIMO - Porque Catarina me convidou para explorar, com ela, uma belíssima mina de ouro que tem nas mãos e da qual não tira maior proveito porque não tem quem a auxilie.

ELISA - Olhe lá, Jeronimo! Não se deixe emburricular pela Catarina. Ela é uma mulher muito esperta.

JERONIMO - ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ E eu serei algum tólo, por acaso? Ela que procure me enganar e há de ver a minha força.

ELISA - Você nunca ligou muito para as advertências que lhe fiz, mas cuide-se com Catarina porque é uma mulher perigosíssima.

JERONIMO - Eu já disse a você que sou um homem de coragem e os corajosos é que vencem. Os covardes nunca arranjam nada. Encolhem-se pelos cantos e acabam sendo pisoteados pelos mais audazes. E eu não pretendo deixar-me pisotear por ninguém.

ELISA - Mas afinal que espécie de mina essa mulher tem nas mãos a ponto de entusiasmar um homem esperto e precavido como você?

JERONIMO - Ela ~~virá~~ virá aqui em casa esta noite, para revelar a fonte produtora e os planos que tem em mente para explorá-la. Você vai ouvir tudo e terá carta branca para inquirir e contestar.

ELISA - Muito bem. Vamos esperá-la, então.



JERONIMO - E se aparecer alguma coisa para hoje à noite, já sabe: não conte comigo. Trate de regeitar o trabalho se não se animar a fazê-lo sósinho.

ELISA - Fazer sósinha é o de menos, porque os trabalhos, propriamente ditos, sempre foram feitos mesmo por mim, a questão é a contabilidade. Nessa questão de preços é que eu já não tenho o mesmo tino que você e me embaraço toda ao exigir condições.

JERONIMO - É simples: você não dá mais o preço na hora. Pode alegar, mesmo, que no último trabalho que fizemos levamos um grande prejuízo pelos contratempos que apareceram e que, diante disto e para que o fato não se repita, só depois de tudo resolvido é que se resolverá também o preço.

ELISA - E você acha que alguém vai se sujeitar a essa nova maneira? Eu tenho a impressão que não.

JERONIMO - Se sujeita, sim. Quem precisa é obrigado a se sujeitar. Bem, e agora eu vou ao armazem da esquina trazer uma garrafa de aperitivo para oferecer, logo, à Catarina, que ela, quando bebe, fica muito mais liberal.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE APASATM E SOMEM.

ELISA - Não sei, não! Essa mulher não me inspira nem um pouco de confiança. Para mim isso tudo foi truque, para desviar a cobrança dos duzentos e cinquenta mil cruzeiros mais que o Jerônimo estava querendo receber dela.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DE CENAS.

CICERO - Eu estava mesmo desejando que o senhor me aparecesse, para podermos conversar sobre sua esposa.

PETRONIO - Pois o senhor acredita, doutor, que só ontem à tardinha, quando cheguei, é que fui informado da verdade? Diziam-me, por telefone, que ela estava amolada, precisava ser internada numa casa de saúde, mas que o caso era simples e em poucos dias estaria despatchada. Eu acreditei. Ontem, quando ~~ninguém~~ fui constatar o que realmente havia, é que vi que ela tinha estado muito mal.

CICERO - Tinha estado e está ainda, meu amigo, porque enquanto não tiver vencido completamente a crise cardiológica, o perigo imediato está presente. Exatamente por isto eu quizei conversar com o senhor, para que não se surpreenda se uma infelicidade qualquer acontecer. Foi uma grande loucura! Uma loucura sem nome o que dona Eugênia fez.

PETRONIO - Contra a minha vontade e aproveitando-se da minha ausência. Mas qual o marido que consegue conter uma mulher teimosa? Qual?

CICERO - É o pior é que vão sempre se meter com pessoas inconscientes e que não



CICERO - (CONTINUAÇÃO) têm o menor conhecimento da gravidade do assunto e acabam, sempre, metendo os pés pelas mãos. Eu fiquei indignado, quando a vi. Não fosse envolver o seu nome e o de sua esposa, que tanto prezo, e os charlatães que a exploraram não teriam, desta vez, escapado das garras da polícia, porque eu teria tido o maior prazer em denunciá-los.

PETRONIO - E era, realmente, o que eles mereciam que se fizesse, mas o senhor fez muito/bem em silenciar e eu lhe agradeço, de coração, a cautela que usou. O fato nos colocaria numa situação muito incômoda, diante da sociedade onde vivemos, afors os mais desencontrados boatos que, por certo, haveriam de surgir.

CICERO - Em tudo isto eu pensei e foi tudo isto que me conteve, mas juro-lhe pela profissão que abracei e que tenho sabido desempenhar com a maior dignidade e consciência, que se chegar a me encontrar segunda vez com essa gente, quando a paciente deixe de ser uma pessoa das minhas relações, que eles pagarão, de uma só vez, por todos os crimes que cometeram.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL FORTE, PARA FINALDA 1ª PARTE DO CAPÍTULO

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - ABERTURA MUSICAL FORTE PARA A 2ª PARTE DO CAPÍTULO.

TEREZA - Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, Padre Crispim.

CRISPIM - Para sempre louvado seja! E então, como vai, minha filha?

TEREZA - Ora como posso ir, Padre Crispim? Enquanto dona Eugênia não estiver fora de perigo, meu coração não estará desafogado. O senhor não voltou mais para vê-la?

CRISPIM - Não, não voltei. Disse-lhes que se precisassem que me chamassem ~~xxxxxxx~~ que eu iria na mesma hora. Não me chamaram... é porque não precisaram.

TEREZA - Mas eu, se fosse o senhor, insistiria em ir vê-la. Acredita ~~xxxxxxx~~ que aquela mulher seja capaz de vir aqui buscá-lo, mesmo que dona Eugênia manifeste essa vontade? Nunca. Ela daria logo um jeito de espistá-lo.

CRISPIM - Mas foi ela quem veio aqui a primeira vez e sózinha durante a noite.

TEREZA - Devia ter algum plano em mente, pode crer. Si ela puder impedir a sua presença na clínica, pode estar certo que a impedirá. Por isso é que lhe peço, encarecidamente, que não abandone dona Eugênia. Aproveite que ela abriu uma vez a porta do seu coração à volta do bom senso, para tentar resgatar aquela pobre alma das fogueiras do inferno.

CRISPIM - Sim, sim, é meu dever de sacerdote procurar fazer isto e prometo-lhe que talvez amanhã de manhã, deixe de parte outras visitas que não são de tan



CRISPIM - (CONTINUAÇÃO) ta importância, para procurar, mais uma vez, trazer de volta ao rebanho essa pobre ovelha desgarrada. Você irá lá de manhã, ou de tarde?

TEREZA - Penso que de tarde, Padre Crispim. Hoje volto a dormir em casa e amanhã, certamente, depois de tantos dias de ausência, devo ter lá muita coisa para limpar e arrumar. Mas não tem importância que não nos encontremos lá. Talvez até seja melhor. De tarde eu virei outra vez aqui, para saber as notícias que o senhor trouxe. Além de que poderá vê-la e falar-lhe, o senhor a observará melhor porque o fará com interesse e amizade. O enfermeiro cumprirá, apenas, a sua missão de trabalho. Logo, as suas notícias terão que ser muito mais exatas.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA MUDANÇA DE CENA.

CATARINA - É ou não é uma mina de ouro que temos nas mãos? É só saber fazer direito o trabalhinho e o ouro começará a ~~xxxxx~~ pingar, sem parar mais.

JERONIMO - E você acha que conseguirá descobrir onde esse tal de Luiz Henrique se escondeu com a criança? Olhe que este Brasil é grande!

CATARINA - Mas eu descubro. Ora se descubro! E vai ser o próprio seu Petrólio quem vai me dar a pista.

JERONIMO - E como é que você pensa fazer, para descobrir?

CATARINA - Você vai convidá-lo para um jantar onde lhe fará revelações tremendas. Ele não faltará, pode estar certo. Nós gastaremos dois... tres... e até quatro litros de whisky estrangeiro, mas no fim ele vai contar.

JERONIMO - E que revelações eu vou fazer para prender a atenção dele, enquanto bebe?

CATARINA - Eu sei a vida dele quasi como éle próprio. Você lhe falará de tudo que tem acontecido e ainda que seja necessário botarmos na fogueira todos os parentes e amigos dele, acabremos por fazer com que éle acredite na sua olarevidência que foi a maneira como dominei dona Eugénia. Feito isto estaremos de donos do campinho.

JERONIMO - Pois então trate de estudar logo tudo que devo dizer-lhe e me trazer por escrito para que eu possa decorar.

CATARINA - Dentro de dois ou três dias, no máximo, você já estará sabendo tudo que deve dizer-lhe para impressioná-lo. (PAUSA) Diga-me uma coisa: você se anima a liquidar o menino, se fôr necessário?

JERONIMO & Ora vamos! Se me animo a liquidar uma velha, porque não vou me animar a liquidar um menino que é muito mais fácil. Que idade ele tem?

CATARINA - Não chega a ter dois anos.



JERONIMO - Mais fácil, ainda. Mas vamos tratar do caso da velha primeiro que, sem dúvida, deve estar muito mais próximo. Você poderia me dar uma planta da casa, com todas as indicações do trajeto que devo seguir.

CATARINA - Não há necessidade. Ela, nestes últimos dias, não tem dormido em casa, de maneiras que é muito simples você ir lá de noite, visitar-me e eu lhe mostrarei tudo. O dia que soubermos que ela voltou a dormir ~~XXXXXXXXXX~~ lá, trataremos de agir imediatamente.

JERONIMO - Você não sabe onde ela está? Talvez, até, fosse melhor eliminá-la fora de casa. Dava-se sumiço na sua bolsa e tudo iria por conta de um assalto.

CATARINA - Pois é, mas eu não tenho a menor ideia onde aquela peste possa ter se metido. Ela tinha umas conhecidas no Meyer e parece que um sobrinho na Tijuca, mas não sei o nome de nenhum deles. Eu fui uma bobalhona. Hoje de manhã, quando a encontrei no Hospital, devia ter saído das pegas dela que, a esta hora, já saberia onde se recolheu. Mas nós descobrimos. Este não é o maior problema. Já me lembrei de telefonar para o seu Rodrigo e para dona Arabella, porque, além das outras que eu lhe falei, são as únicas <sup>casas</sup> onde ela pode estar.

JERONIMO - Muito bem, então vamos tratar de agir que o ouro ~~já~~ está me fazendo cocegas nas mãos.

CATARINA - E você, Elisa, não disse uma só palavra durante toda a nossa conversa. Que acha do nosso plano?

ELISA - Por enquanto nada. Primeiro quero ver, para depois dizer algo.

JERONIMO - Minha mulher é medrosa. Não gosta muito de meter a mão em combustão.

CATARINA - Não tenho tanta ambição por dinheiro, como você e Catarina. Talvez seja muito mais por isso do que por medo.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

RODRIGO - O que é que eu posso fazer, para convencê-la a ficar, dona Tereza?

TEREZA - Nada, seu Rodrigo, nada. Por favor não tente me desviar daquilo que eu considero verdadeiramente o meu dever. Pois se fiquei dentro de uma casa ocupando-a, nunca a deveria ter abandonado. O senhor já pensou na minha situação se os ladrões ~~ex~~ tivessem estado lá e roubado tudo?

RODRIGO - Bem, mas agora há outras coisas que devem ser olhadas primeiro. Por exemplo: uma pessoa da sua idade não deve, por prudência, ficar sós dentro de uma casa. Arrisca-se, inclusive, a necessitar de um socorro de saúde durante a noite e não ter como mandar chamá-lo, por nem poder se levantar da cama.



TEREZA - Deus vela por mim. Quem anda com Deus não teme.

RODRIGO - Mas há outra coisa, ainda, pela qual eu lhe pediria que ficasse. Vóvó vai sentir muito a sua ausência. Além disto, ela anda muito amolada de saúde e enquanto você estiver aqui, eu estarei muito mais descansado.

TEREZA - Eu gostaria muito de poder atendê-lo, só por causa disto, seu Rodrigo, mas infelizmente já não posso mais nem dormir, de noite, pensando na casa que abandonei à própria sorte. Deixe-me cumprir com o meu dever. Eu lhe peço encarecidamente.

RODRIGO - Está bem... si é assim... nada mais posso fazer para contê-la aqui. A que horas deseja ir que irei levá-la.

TEREZA - O mais cedo que você puder.

RODRIGO - Quer ir agora? Antes mesmo do jantar?

TEREZA - Eu não janto. Levo pão e faço lá o meu café.

RODRIGO - Então... como o jantar talvez ainda demore, eu vou levá-la agora e voltarei para jantar com Vóvó.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA MUDANÇA DE CENA.

ENFERMEIRO - E então? Como está se sentindo agora?

EUGENIA - (MUITO FRACA E ARQUEJANTE PELO CANSAÇO) Melhor... graças a Deus... melhor sim... já não tenho... na cabeça... aquelas coisas todas... rodopiando...

ENFERMEIRO - Suas amigas têm estado sempre aí. Estão loucas para poderem entrar e conversar com a senhora.

EUGENIA - Minha amigas?... Não tenho amigas... estou só... completamente só...

ENFERMEIRO - Não está, não. É que o médico não permite que elas entrem. Dona Catarina e dona Teresa vêm todos os dias visitá-la e ficam uma porção de tempo lá fora, na saleta.

EUGENIA - Tereza... é minha amiga... amiga verdadeira... sincera... dedicada... Catarina... Catarina não sei... ela não devia ter feito... o que fez...

ENFERMEIRO - Dona Catarina é dedicada também. Talvez até mais dedicada do que dona Tereza. Está sempre aí, muito mais tempo do que a outra.

EUGENIA - Não sei... não sei... eu agora... tenho a cabeça... muito fraca... não posso pensar...

ENFERMEIRO - E não deve pensar mesmo. Trate de repousar bastante que é o que a senhora precisa. Feche os olhos e veja se pode dormir.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS

C/REGRA - CAMPAINHA DE TELEFONE CHAMANDO QUATRO OU CINCO VEZES NO RÍTMO HABITUAL.

PASSOS DE HOMEM QUE SE APROXIMAM. LEVANTAR FONE DO GANCHO.



RODRIGO - Alô!

JERONIMO - (FILTRO) É da casa de dona Arabela que estão falando?

RODRIGO - Sim. Quem fala aí?

JERONIMO - (FILTRO) Aqui é o enfermeiro da clínica onde está dona Eugênia.

RODRIGO - Ah, sim... o que é que o senhor desejava?

JERONIMO - (FILTRO) Eu queria falar com dona Tereza, a empregada de dona Eugênia.

RODRIGO - Dona Tereza? Ah, ela não está. Foi hoje para casa. Não faz muito que fui levá-la. O senhor quer deixar algum recado, eu posso passar lá e transmitir.

JERONIMO - (FILTRO) Mas lá não tem telefone?

RODRIGO - Tem sim senhor.

JERONIMO - (FILTRO) Ah, pois é, eu tenho o número aqui. Então não é preciso o senhor se incomodar. Eu telefono e falo diretamente com ela. Muito obrigado, sim?

RODRIGO - Não há de que.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL BEM RÁPIDA.

CATARINA - Ela está lá?

JERONIMO - Foi para casa hoje. Não faz muito, disse o rapaz que me atendeu.

CATARINA - Oba! Você viu como o diabo já começou a nos ajudar? Inda bem que fomos visitar a casa à tardinha e não à noite, como havíamos combinado. À noite já nos teríamos surpreendido com a presença dela e os nossos planos iam ter que ser todos alterados.

JERONIMO - Bem e então agora é que fazemos?

CATARINA - Tratar de agir o mais depressa possível. Eu vou para a clínica, sob qual quer pretexto e fico lá a noite toda, para poder livrar-me da suspeita. Você entra na casa entre meia-noite e uma hora de madrugada, com a minha chave e vai direito ao quarto da velha. Depois já sabe o que tem a fazer. Desembaraçar-se dela, arrombar a janela do fundo, roubar alguns objetos de valor e sair pela porta de frente, fechando-a com a chave. Combinado?

JERONIMO - Combinado. Depois vou ficar quieto em casa e ler as notícias pelos jornais.

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA FINAL DO CAPÍTULO.

---



TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABENTURA

CATARINA - Você viu como o diabo já começou a nos ajudar? Aliás desde que fomos visitar a casa à tardinha e não à noite, como havíamos combinado. À noite já nos teríamos surpreendido com a presença dela e os nossos planos iam ter que ser todos alterados.

JERONIMO - Bem, e então agora o que fazemos?

CATARINA - Tratar de agir o mais depressa possível. Eu vou para a clínica, sob qualquer pretexto e fico lá a noite toda, para poder livrar-me da suspeita. Você entra na casa, com a minha chave, entre meia noite e uma hora da madrugada e vai direito ao quarto da velha. Depois, já sabe o que tem a fazer: desembaraçar-se dela, arrombar a janela do fundo, roubar alguns objetos de valor e sair pela porta da frente, fechando-a com a chave. Combinado?

JERONIMO - Combinado. Depois vou ficar quieto lá em casa e ler as notícias pelos jornais.

CATARINA - Há outro detalhe, ainda, que não convem esquecer.

JERONIMO - Qual é?

CATARINA - Revolver todas as gavetas e atirar roupas e papéis sem importância pelo chão, afim de dar a impressão <sup>de</sup> que o móvel do crime foi o roubo.

JERONIMO - Pode deixar esses detalhes todos por minha conta que eu não vou me esquecer deles.

CATARINA - Ah, espere: para dar a impressão de que a janela do fundo foi arrombada, você pode pegar a torquês na gaveta do armário da cozinha e com ela arrancar os parafusos ou pregos que prendem os trincos. E deixe-os, também, pelo chão.

JERONIMO - Oh Catarina, deixe de pretensão, Catarina. Você quer ensinar o Padre Nosso ao vigário? Então você pensa que eu sou homem de me deixar enraçar por qualquer bobagem? Não, mesmo. Você vai ver como eu farei a encenação perfeita. Ninguém vai dizer que foi missa encenada.

CATARINA - Você não pode fazer nada antes da meia noite, porque a velha <sup>se deita</sup> ~~se deita~~ ~~se deita~~ tarde. Eu também não quero chegar na Clínica muito cedo, porque senão, depois, a noite fica comprida como esperança de pobre. Sabe o que podemos fazer, para passar o tempo mais depressa? Jogarmos o sete e meia... a bisca... qualquer coisa que distraia



JERÔNIMO - Muito boa ideia. Vou dizer à Elisa que venha jogar conosco e traga o baralho e as fichas. (gritando) Elisa! Elisa!...

TÉCNICA -CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DE CENAS.

ARABELA - Eu não sei porque, mas estou muito desconfiada com aquele telefonema lá da clínica, procurando por ~~na~~ Tereza.

RODRIGO - Desconfiada por que, vóvó? O que é que lhe parece que possa ter sido?

ARABELA - Sei lá! A gente vê tanta coisa! Podia ser realmente da clínica, mas também podia não ser.

RODRIGO - Óra, vóvó, francamente! Não sei que interesse alguém poderia ter em dar um trote na coitada da dona Tereza. Neste caso, o mais provável é que dona Eugênia tivesse piorado muito e eles quizessem ~~XXXXXXXXXX~~ ~~XXXXXXXXXX~~ avisá-la.

ARABELA - Também pode ter sido isto, mas <sup>então</sup> ~~XXXXXXXXXX~~ você deveria procurar Tereza e levá-la na Clínica.

RODRIGO - Pensando melhor, acho que não deve ser isto, porque então eles teriam dito. Aliás, tinham obrigação de dizer, se fôsse este o caso.

ARABELA - Você não está é querendo ir buscar ~~XXX~~ Tereza, para não atrazer a sua visita à noiva, mas eu vou me encarregar de telefonar para a clínica e saber, direitinho, o que há com Eugênia.

RODRIGO - Pois então faça isto e si realmente houver qualquer coisa, a senhora tem o número do telefone de Leila, fale para lá avisando-me, que eu aí tomarei providências.

ARABELA - Mas a questão é que, na Clínica, só deixam entrar até às nove horas. Depois disto, só com licença especial e em casos determinados.

RODRIGO - Bem, mas se dona Eugênia estiver passando muito mal, digamos, é um caso diferente e eles não terão outro remédio senão deixar entrar a família. Eu e Tereza, pode-se dizer que somos pessoas dela.

ARABELA - Si houver necessidade de vocês irem lá, o melhor de tudo, para evitar complicações com o porteiro, é vocês irem, antes, na casa do doutor Cícero e arranjam, com êle, um cartão, permitindo a entrada de vocês.

RODRIGO - Isso, vóvó! A senhora é formidável! Sempre pensa em todas as coisas e a melhor solução é sempre a que a senhora arranja. (BRIJO)

ARABELA - Bajulador. Vai, vai dum vez que Leila deve estar aflita pela sua chegada e eu não quero que depois ela diga! "Aquela velha enjoada, você vai jantar com ela para fazer-lhe companhia e ela o prende pelo serão inteiro".



RODRIGO - Ah, Vóvó! Não faça esta injustiça a Leila, coitada! Ela seria incapaz de dizer da senhora uma coisa destas.

ARABELA - Que ela seja incapaz de dizer, acredito, mas que fôsse capaz de pensar eu não duvido!

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA MUDANÇA DE CENA.

BELMIRA - Vim buscar as chícarras do cafésinho e saber se o seu Rodrigo queria tomar mais um, mas parece que ele já foi?

LEILA - Não, não foi, Belmira. Está lá na saleta, telefonando para dona Arabela. Ela, por acaso, não telefonou deixando qualquer recado para ele?

BELMIRA - Não senhora. O telefone só bateu duas vezes. Uma era engano, pediram desculpas. A outra era do armazem para receber o pedido das compras de amanhã. Depois disto ele não tocou mais. Eu, pelo menos, não ouvi.

LEILA - Nem eu, também, mas acontece que eu podia estar aqui distraída na conversa com Rodrigo e não ter me apercebido.

BELMIRA - É, não tocou, não. Sinão uma ou outra teria ouvido. Está bom, vou levar as chícarras. Será que seu Rodrigo não vai querer mais um cafésinho? Ele às vezes toma dois...

LEILA - Não sei, Belmira. Si ele quiser eu lhe peço, está bem?

BELMIRA - Está, sim senhora.

C/REGRA - RUÍDO DE RECOLHER DUAS CHICARRAS DE CAFESINHO NUMA BANDEIJA E METAL. PASSOS DE BELMIRA QUE SE AVASTAM E SE PERDEM.

LEILA - O Rodrigo se preocupa tanto com coisas tão sem importância, que eu fico admirada. Só porque um enfermeiro quis falar com dona Tereza e telefonou para a casa de dona Arabela, procurando-a, ele está numa preocupação que parece que aconteceu, ou vai acontecer, uma grande desgraça. Acho que tudo isto é consequência da tensão nervosa em que ele tem vivido os últimos meses, coitado!

C/REGRA - PASSOS DE RODRIGO QUE SE APROXIMAM.

LEILA - Falou com ela?

RODRIGO - (CHEGANDO) Não consegui. Tentei falar com ela, o telefone chamou... chamou... chamou... e nada. Ninguém atendeu.

LEILA - Bem, agora sim, eu acho que você tem razão em estar preocupado.

RODRIGO - Pois isso não me preocupa. É sinal que vóvó já está dormindo e não ouve os chamados porque o telefone está muito longe do seu quarto.

LEILA - Mas e a empregada, não atende?

RODRIGO - O quarto dela é mais longe, ainda, e o seu sono, com toda a certeza, de



RODRIGO - (CONTINUAÇÃO) ve ser ainda mais pesado que o de Vóvó.

LEILA - E você não se lembra de telefonar para dona Tereza?

RODRIGO - Claro que me lembrei. Ela ficou preocupada e ao mesmo tempo muito surpreendida, porque disse que nunca falou a ninguém, lá na clínica, que estivesse passando uns dias em casa de Vóvó. Nem lá na clínica nem em parte alguma, porque ela não se dá com quasi ninguém, a pobre.

LEILA - É, Rodrigo, então você tem mesmo razão de estar preocupado.

RODRIGO - É uma coisa impressionante o que se passa com Vóvó. Todos os seus sinais de alarme e as suas desconfianças são sempre confirmados. Ela parece que tem um sexto sentido que a adverte. E assim é com as pessoas. Quando não gosta de alguém, no fim a gente vai ver que ela tinha razão.

LEILA - Mas há pessoas assim, realmente. Talvez que se adquira isto com a idade, quem sabe? Pela prática de viver tantos anos entre as criaturas.

RODRIGO - Sabe o que eu estou com vontade de fazer, Leila? Passar lá na dona Tereza, agora e convencê-la a levá-la de volta para a casa de Vóvó. Pelo menos lá ela não estará sósinha. (PAUSA) Ih o meu relógio parou. Que horas você tem aí?

LEILA - Que coincidência! Você sabe que o meu também parou? Vou pedir à Belmira para ver a hora no relógio da sala de jantar.

C/REGRA - CAMPAINHA DE CHAMADA.

LEILA - Aliás, quando você estava no telefone, ela veio aqui saber se você queria outro cafésinho.

RODRIGO - Eu prefiro não tomar. Não gosto de muito café à noite. Às vezes aceito, para lhe ser agradável. Ela coitada fica tão feliz!

LEILA - Ah, fica. Sabe que ela já declarou que o dia que nós casarmos que irá para a nossa casa? Não perguntou si eu quero, si você está de acôrdo, simplesmente resolveu que vai.

RODRIGO - E nós vamos ficar muito bem servidos com ela. Pelo menos, mais dedicada não encontraremos ninguém.

LEILA - Que engraçado, ela está demorando. Será que não ouviu a campainha?

C/REGRA - CAMPAINHA DE CHAMADA.

LEILA - Ah, já sei. Como eu disse que pediria o outro café, se você quizesse, vái ver que ela pensa que eu estou chamando para pedi-lo e já foi fazer.

C/REGRA - PASSOS DE BELMIRA QUE SE APROXIMAM.

LEILA - Oh, eu não disse? Ai vem ela com mais dois cafês.

RODRIGO - E eu não vou poder recebê-la.



BELMIRA - Eu calculei que a senhora estava chamando para pedir outro cafésinho e então já trouxe.

RODRIGO - Fez muito bem. Você sabe que eu adoro o seu café.

BELMIRA - Não toma mais porque não quer. É só tocar a sineta e pedir.

RODRIGO - Obrigado. Você é um anjo, Belmira. O dia que me casar com Leila, vou levá-la para a nossa casa.

BELMIRA - Mas eu já disse pra ela que vou.

LEILA - Escuta, Belmira, já uma chegadinha na sala de jantar e vê, na pêndula que horas são. Você quer ver que coisa estranha: o meu relógio e o de Rodrigo, pararam quasi que na mesma hora. O meu parou às vinte e três e trinta, o seu...

RODRIGO - Às vinte e três e quarenta e dois.

BELMIRA - Eu vou lá ver, num instantinho.

C/REGRA - PASSOS DE BELMIRA QUE SE AFASTAM.

LEILA - O meu relógio nunca parou. Acho que hoje me esqueci de dar corda nele. É isto mesmo. Está sem corda nenhuma.

RODRIGO - E o meu é automático, não posso compreender porque tenha parado.

TÉCNICA - RELÓGIO DE TORRE, AFASTADO, COMEÇA A TOCAR AS DOZE BADAJADAS DA MEIA NOITE.

C/REGRA - PÊNDULA EM 2º OU 3º PLANO, COMEÇA A BATER MEIA NOITE.

LEILA - Olhe, nem é preciso esperar que Belmira volte. É exatamente meia noite. Está batendo no relógio da torre da Igreja...

RODRIGO - E na pêndula da sala de jantar. Vou esperar que Belmira volte, para agradecer-lhe o cafésinho e vou andando.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL TORTE, PARA FINAL DA 1ª PARTE DO CAPÍTULO.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - MUSICA PARA ABERTURA DA SEGUNDA PARTE DO CAPÍTULO.

C/REGRA - RELÓGIO DIFERENTE, BATENDO, EM 1º PLANO, MEIA NOITE.

CATARINA - O que?! Meia noite, já? Não pode/ ser!

ELISA - Não pode ser por que? Meia noite, sim. Quando paramos um pouco o jogo e eu fui fazer um cafésinho já eram quasi onze.

CATARINA - Ah, mas você devia ter me dito. Eu estou sem relógio, não estou sabendo

JERONIMO - Você não ouviu bater onze horas?

CATARINA - Se ouvisse teria parado o jogo na mesma hora.

ELISA - Mas afinal, que diferença faz, a você, mais uma hora ou menos uma hora?

CATARINA - Muita diferença. Primeiro que vou ter maior dificuldade para entrar na



CATARINA - (CONTINUAÇÃO) Clínica. Quanto mais tarde, pior. E segundo, que eu queria estar lá bem antes do fato, para afastar qualquer desconfiança. Acho que você agora, Jerônimo, antes ~~de ir~~ de uma não deve ir.

JERÔNIMO - Ora está! Por que? Que diferença faz um pouco mais ou um pouco menos?

CATARINA - Para mim muita. Você sabe que os peritos podem precisar, mais ou menos, a hora do crime. Você vai chegar lá, na hora que eu vou chegar na clínica. Um engano de meia hora, no cálculo, já eu não estou livre de suspeita. Preciso uma margem bem maior. De, pelo menos, duas horas, para não haver dúvidas. O trabalho, agora, não deve ser feito antes das duas.

JERÔNIMO - Está bem. Então vamos terminar esta rodada, você vai...

C/REGRA - RUÍDO DE AFASTAR CADEIRA EM CHÃO SEM TAPETE. CATARINA LEVANTOU.

CATARINA - (CORTA) Que terminar esta rodada, coisa nenhuma. Eu vou e largar tudo e andar. Boa noite, Elisa.

ELISA - Boa noite.

CATARINA - (2º PLANO) Não esqueça, hein Jerônimo? Você só deve entrar na casa depois das duas. Uma e meia você vai saindo daqui.

JERÔNIMO - Já sei.

C/REGRA - PASSOS DE CATARINA QUE SE AFASTAM. RUÍDO DE RECOLHER FICHAS EM 1º PLANO. PORTA QUE ABRE E BATE, AFASTADA.

JERÔNIMO - (DEPOIS DE PAUSA) Elisa, faz um café que eu vou tomar e sair fora.

ELISA - Como?! Catarina não acabou de recomendar que você só saia à uma e meia?

JERÔNIMO - E daí? Você acha que eu devo fazer tudo como ela diz? Por que eu vou tirar a responsabilidade dela e carregá-la, inteira, nas minhas costas? Você pensa que se eu for descoberto, que ela vai fazer alguma coisa para me defender? Vai, nada. Iná vai ficar muito satisfeita por ficar sosinha recolhendo os lueros, mas o papai aqui não dorme de touca, não. Eu também vou procurar tirar o meu que eu não sou bobo. Se desconfiarem dela e ela for presa, o meu luero será maior. Ai fico eu de dono da jogada. Você já pensou?

ELISA - Não. Nem tinha pensado nisso. Mas você parece que não pensa noutra coisa, Jerônimo.

JERÔNIMO - Claro. Se eu não andar ligeiro sou abocanhado, então abocanhe logo, para inutilizar a jogada do parceiro.

ELISA - Bem, eu vou preparar o café que você pediu. Quer preto ou com leite?

JERÔNIMO - Espere. Não vou tomar café nenhum. Si eu puder chegar lá, primeiro que ela na Clínica, iná será melhor para mim.



ELISA - Leve o seu capote que de madrugada sempre faz frio.

JERONIMO - Vou levar, sim, porque alem de abrigar ele tambem esconde a gente.

TÉCNICA - CORTINA MUSICA DE EXPECTATIVA, PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

G/REGRA - DISCA SEIS NÚMEROS, DELIGA, TORNA A DISCAR, DELIGA E SEGUE TENTANDO, DURANTE A FALA QUE SEGUE.

ARABELA - Parece mentira que há quasi quinze minutos que eu tento falar para a casa de Leila e não consigo. O telefone deve estar com defeito porque não é possível que, a esta hora da noite, estejam conversando com alguem no telefone. (PAUSA) Só se é o Rodrigo que está esperando alguma resposta, ou esperando alguem que mandou chamar... E eu precisava tanto falar com ele, para dizer-lhe que a minha desconfiança era certa...

G/REGRA - DISCA SEIS NÚMEROS

TÉCNICA - TELEFONE CHAMANDO, NA OUTRA EXTREMIDADE DA LINHA.

ARABELA - Ora graças a Deus que consegui. Deus permita, agora, que não tenha ligado o número errado. Aí eu vou desistir e deixar que as coisas corram como Deus quizer.

TÉCNICA - RUIDO DE ATENDER TELEFONE, NO OUTRO EXTREMO DA LINHA.

LEILA - (FILTRO) Pronta.

ARABELA - Alô, quem fala? É Leila que está no telefone?

(FILTRO)  
LEILA - Sim, sou eu. Quem fala aí?

ARABELA - Aqui é Arabela, a avó de Rodrigo. Como vai você, Leila.?

(FILTRO)  
LEILA - Bem, muito obrigada, e a senhora, dona Arabela?

ARABELA - Um pouco preocupada e até lhe peço desculpas de telefonar a esta hora para sua casa, mas eu precisava muito falar com Rodrigo. Ele não está aí?  
(FILTRO)

LEILA - Não, dona Arabela, Rodrigo saiu não faz muito. Falou com Tereza no telefone e resolveu passar lá antes de ir dormir.

ARABELA - Ah, que bom! Eu estava tão aflita... Você não sabe si ele vai trazê-la para pernoitar aqui na minha casa?

(FILTRO)  
LEILA - Acredito que sim. Pelo menos, era esta a intenção dele, quando saiu. Não sei, agora, si ela terá concordado.

ARABELA - Pois é. Tereza é um pouco teimosa. Tanto que lhe pedi que ficasse para não me dar preocupações, mas não consegui nada. Ela achava que seu dever era guardar a casa da patrão e não houve quem lhe tirasse isto da cabeça.

(Filtro)  
LEILA - Rodrigo me contou. Ele tambem parece que insistiu mas ela não quiz atender.

ARABELA - Bem, Leila, obrigada e mais uma vez desculpe a hora, sim?

(Filtro)  
LEILA - Ora, dona Arabela, isso não tem a menor importância. Eu nem estava deita



LEILA - (CONTINUAÇÃO) da ainda. Não faz muito que Rodrigo saiu.

ARABELA - Uma noite boa para você, minha filha.

LEILA - <sup>(FILTRO)</sup> ~~XXXXXX~~ Obrigada. Para a senhora também. Boa noite.

ARABELA - Boa noite, Leila. Durma bem.

C/REGRA - RUIDO DE COLOCAR FONE NO GANCHO;

ARABELA - Graças a Deus que Rodrigo conseguiu falar com Tereza! Não sei porque, mas eu estava com mau presentimento de deixar a pobre mulher sósinha naquela casa. E eu quando tenho esses pressentimentos... Deus me livre!

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL QUE REPRISITA ANSIEDADE, PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CATARINA - O enfermeiro de dona Eugênia telefonou para a minha casa, pedindo-me que viesse porque a enferma estava chamando por mim. Ou o senhor acha que eu sairia a esta hora da noite do meu bem estar, para vir, por gosto, passar a noite aqui, sentada numa cadeira?

PORTEIRO - Eu não acho nada, minha senhora. Estou apenas cumprindo as ordens que recebo; Depois da meia noite não deixar entrar ninguém, a não ser com licença especial.

CATARINA - E que horas são, agora? Eu não tenho relógio, não sei.

PORTEIRO - Está ali, ó. Faltam vinte minutos para a uma. A senhora me desculpe, mas sem licença especial não posso deixar que a senhora entre. Inda mais que o enfermeiro não me falou nada, e esse respeito.

CATARINA - Mas eu agora não tenho com quem voltar, nem para onde ir. Será que, ao menos, o senhor não me deixava ficar sentada ali no Hall, até que clariasse o dia, para eu poder ir embora?

PORTEIRO - A senhora não pode pegar um táxi e voltar da mesma maneira como veio?

CATARINA - Não posso porque o táxi custou mais do dobro do que eu imaginava e fiquei sem dinheiro.

PORTEIRO - E um ônibus não resolve para a senhora?

CATARINA - Não porque ele passa a muitas quadras da minha casa e é um perigo eu me meter sósinha naquela escuridão. Uma manhã destas assaltaram uma vizinha da minha idade, quando ela foi ~~XXXXXXXXXXXX~~ para a missa... E se eles só tirassem o que a gente tem e fossem embora, o mal não era tão grande, mas Judiam com a gente e ainda espancam quando encontram pouco dinheiro na bolsa. É disto que eu tenho medo.

PORTEIRO - Está bem, então a senhora entra e fica aí sentada até clarear. Não que começar a nascer o dia, vai fora. Está bem?

CATARINA - Claro que está. Qualquer coisa para mim, agora, é melhor do que ter que



CATARINA - (CONTINUAÇÃO) voltar para casa, enfrentando uma escuridão tremenda como é aquela lá da minha zona. Eu nem ia. Acho que procurava um posto policial e esperava lá que o dia nascesse.

PORTEIRO - Então pode passar e fique aí numa dessas poltronas da entrada.

CATARINA - Obrigada, muito obrigada.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DE CENAS. FUNDE COM MÚSICA DE MISTÉRIO E EXPECTATIVA QUE PERMANECE EM FUNDO, ATÉ O FIM DA CENA.

C/REGRA - RUIDO DE TORCER CHAVE NA FECHADURA, MOVENDO A LINGUETA.

JERONIMO - (MEIA VOZ) Pronto, a porta está aberta, e a primeira etapa vencida. Não vale a pena fechar por dentro, porque daqui a pouco já estarei saindo. Não importa que fique só com o trinco porque, sem chave, ninguém abre de fora.

C/REGRA - RUIDO DE FECHAR A PORTA, MAS SEM DAR VOLTA NA CHAVE.

JERONIMO - Bem, agora é seguir por este corredor até o fim. <sup>(Passar a sala de jantar e depois!)</sup> Na bendita porta... Eu podia utilizar a lanterna mas não quero. É melhor ir no escuro até lá. (PAUSA) Pronto. Aqui é a sala de jantar. Tenho que contornar a mesa pelo lado direito... (PAUSA) Entro na continuação do corredor... e agora é ir até ao fim... (PAUSA) Acho que já estou chegando quasi na porta do quarto dela... (PAUSA) É aqui.

C/REGRA - CAMPAINHA DE PORTA DE RUA, TOCA EM 2º PLANO, COM INSISTENCIA.

TÉCNICA - ACORDE SURDO, REFLETINDO GRANDE SUSTO.

JERONIMO - Ué! Quem poderá ser a esta hora?! Alguém que me tivesse visto entrar?! Não acredito! A rua estava completamente deserta. Não havia uma viva alma de ponta a ponta! Mas eu não posso ficar aqui tecendo considerações. Tenho que agir e agir com presteza, senão posso estar perdido.

C/REGRA - BATIDAS COM FORÇA NA PORTA DA RUA, EM 3º PLANO.

TÉCNICA - Repete o acorde anterior.

JERONIMO - Que posso fazer, nesta altura? Matar a velha e fugir? Mas deixei a porta sem a chave e ao menor encontro o trinco é capaz de ceder. *É vida curta?.. Ai mesmo é que estarei perdido!*

TÉCNICA - ACORDE SURDO QUE REQUISA UM CHOQUE VIOLENTO.

JERONIMO - A luz no quarto!... A velha acordou!... Não há mais tempo para pensar. Tenho que tratar de me esconder o mais depressa possível!...

C/REGRA - REPETE AS BATIDAS MAIS FORTES NA PORTA.

TÉCNICA - EXPLOSAO MUSICAL, FUNDE COM CARACTERISTICA PARA ENCERRAMENTO DO CAPITULO.